

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
PEDAGOGIA – GRADUAÇÃO**

GIOVANNA TRONCOSO DA ROCHA

**A ESCOLA SIGNIFICATIVA NO UNIVERSO HARRY POTTER**  
Em perspectiva dos professores, dos alunos e da família

Campinas  
2022

GIOVANNA TRONCOSO DA ROCHA

**A escola significativa no universo Harry Potter: em perspectiva dos  
professores, dos alunos e da família**

Monografia apresentada ao curso de  
Pedagogia da Universidade Estadual de  
Campinas como requisito para obtenção do  
título de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Ana Archangelo

Campinas  
2022

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

R582e Troncoso da Rocha, Giovanna, 2000-  
A escola significativa no universo Harry Potter : em perspectiva dos professores, dos alunos e da família / Giovanna Troncoso da Rocha. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Ana Archangelo.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Psicologia educacional. 2. Cotidiano escolar. 3. Potter, Harry (Personagem fictício). I. Archangelo, Ana. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** The significant school in the Harry Potter universe: from the perspective of teachers, students and family

**Palavras-chave em inglês:**

Educational psychology

Everyday School life

Potter, Harry (Personagem fictício)

**Área de concentração:** Pedagogia

**Titulação:** Licenciado

**Banca examinadora:**

Fabio Camargo Bandeira Villela

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 23-07-2022

Para aqueles que acreditam, ainda, na magia que é educar...

Para aqueles que deixaram de acreditar: que se emocionem ao lembrar de como deixaram algo tão fascinante se esvair...

E, principalmente, para aqueles que amam educar, mas se esqueceram de como é ser criança...

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Andrea, que não mediu esforços para conquistar tudo o que sempre sonhou para seus filhos. Sem ela nada seria possível, sou extremamente grata.

Aos meus irmãos, Luana e Matheus, por me olharem com esperança e paciência.

Ao meu pai, Guani, que, apesar de não estar mais aqui, contribuiu imensamente para a construção do meu caráter.

À minha nonna, Vera, que alimentou meus sonhos mais profundos.

A todos eles, que sempre me incentivam a sonhar e a acreditar em magia.

Ao meu namorado, André, que acompanhou toda a construção desse projeto, todas as minhas angústias e descrenças, mas mesmo assim me incentivou até o fim.

Agradeço especialmente à professora Ana Archangelo por aceitar essa proposta, por ter feito com que eu me apaixonasse ainda mais pela educação e por ter confiado em mim. Sou grata, também, por seus excelentes comentários, que instigavam a minha criatividade e foram de extrema importância na concretização desta monografia.

*“Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade.”*

(Sirius Black)

## **RESUMO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

A teoria da escola significativa é fundamentada em três pilares: o aluno, o professor e a família. O objetivo principal deste trabalho é abordar alguns fundamentos dessa teoria, relacionando-os aos cenários escolares presentes nos sete livros de Harry Potter, de modo a problematizar as experiências educativas das personagens da saga, à luz de tais fundamentos. A pesquisa foi bibliográfica, comparando as ideias propostas por Villela e Archangelo com os cenários da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, descritos por Rowling. Estes constroem, por assim dizer, uma metáfora sobre o cotidiano escolar e nos dão um excelente panorama de como um colégio pode ser significativo ou não para o aluno, de como a família se insere nesse contexto e, por fim, de como o professor é fundamental para a experiência educativa e para o amadurecimento do aluno.

Palavras-chave: Escola significativa; Harry Potter; cotidiano escolar.

## **ABSTRACT**

The significant school theory is based on three pillars: the student, the teacher and the family. The main objective of this document is to abort some fundamentals of this theory relating them to the school scenarios present in the seven Harry Potter books. In order to problematize the educational experiences of the characters in the saga, in the light of such foundations. The research was bibliographical due to the comparison of the proposals made by Villela and Archangelo with the scenarios of Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry described by Rowling. It forms a metaphor for everyday school life and gives us excellent content on how a school can be meaningful or not for the student, how the family fits into this context and, finally, how the teacher is fundamental to the educational experience and for student maturation.

Keywords: Significant school; Harry Potter; everyday school life.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. FUNDAMENTOS DA ESCOLA SIGNIFICATIVA</b> .....	10
<b>3. O CONTEXTO DE HARRY POTTER</b> .....	16
3.1. HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL .....	16
3.2. HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA .....	19
3.3. HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN.....	25
3.4. HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO.....	29
3.5. HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX .....	33
3.6. HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRÍNCIPE.....	36
3.7. HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE .....	41
<b>4. TÓPICOS ESSENCIAIS DA ESCOLA SIGNIFICATIVA</b> .....	49
4.1. PROFESSOR.....	49
4.2. ALUNO.....	51
4.3. FAMÍLIA.....	51
<b>5. O UNIVERSO DE HARRY POTTER NO CONTEXTO DA ESCOLA SIGNIFICATIVA</b> .....	53
5.1. ANO UM.....	53
5.2. ANO DOIS.....	69
5.3. ANO TRÊS.....	81
5.4. ANO QUATRO.....	89
5.5. ANO CINCO.....	93
5.6. ANO SEIS.....	97
5.7. ANO SETE.....	105
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	108
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	110

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito de escola significativa não é algo simples ou dedutivo, ele é destrinchado por três pilares que o sustentam: família, aluno e professor. Para nos afetarmos pela teoria, o aprofundamento desses pilares é necessário, pois só com eles conseguimos analisar o cotidiano de uma escola e transformá-la em significativa. Após um período pandêmico em que crianças e jovens perderam dois anos de sua trajetória escolar presencial, alguns aspectos vivenciais da experiência escolar foram enfraquecidos. Portanto, neste momento tão adverso, entender os fundamentos da escola significativa torna-se ainda mais urgente para um pedagogo e para um diretor.

O foco da escola deve ser o aluno e, para que isso se concretize, os profissionais que o cercam devem querer conhecê-lo e tentar ao máximo entender seus gostos, objetivos e necessidades. Para isso, também é importante ter um maior contato com a família desse aluno, pois a parceria entre escola e família é muito bem-vinda, já que auxilia em um desenvolvimento pleno da criança ou jovem que está sendo cuidado, tanto em casa quanto no ambiente escolar.

Nesse sentido, o ambiente escolar é voltado ao desenvolvimento e ao amadurecimento do ser humano. Ele é organizado para que todos se relacionem e aprendam, sem grandes imprevistos. No entanto, o cotidiano é cheio de surpresas e situações inusitadas, repleto de tensões, conflitos e desafios, os quais, muitas vezes, nos fazem desejar respostas prontas e saídas mágicas. Porém, o que ocorreria se dispuséssemos de instrumentos de magia? Os contratempos desapareceriam? Seriam evitados? Deixaríamos de conviver com o inusitado que nos define como humanos?

A ideia do presente trabalho nasce dessas inquietações. Os sete livros da saga Harry Potter nos fornecem um excelente material de estudo por detalhar o crescimento de Harry, que ingressou na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts aos 11 anos. Sendo assim, por meio dos enredos descritos nos livros, foi possível analisar e relacionar seus cenários com os 3 pilares essenciais para que uma escola seja significativa.

Esta pesquisa objetiva entender e desenvolver as relações existentes no universo escolar de Harry Potter, como uma grande metáfora da experiência escolar de todos nós. Com os cenários ricos descritos nos livros, é possível analisar a

natureza da escola, as relações ali estabelecidas, o papel da família e dos professores na vida dos alunos à luz das ideias de Vilela e Archangelo, apresentadas em uma série de quatro livros que destringem os fundamentos da escola significativa. Além deles, todos os cenários utilizados como exemplo saíram da saga de sete livros de Rowling. Portanto, por tratar-se de uma interpretação dos materiais estudados, a pesquisa aqui apresentada é bibliográfica.

Ademais, esta monografia é organizada em quatro partes: a primeira tem como objetivo introduzir os fundamentos básicos da escola significativa, dando ao leitor uma base sobre os conceitos-chave apresentados pelos autores; a segunda tem como objetivo apresentar o contexto de Harry Potter, realizando um resumo detalhado dos sete livros, para que o leitor se aprofunde na história e compreenda os cenários analisados posteriormente; a terceira tem como objetivo explicitar os tópicos essenciais da escola significativa, ou seja, explicar o papel do professor em uma escola significativa, pontuando quais atitudes e ações podem contribuir para esse fim; mostrar como o aluno vive suas aflições na escola, comporta-se e reage ao ambiente; pontuar como a família impacta a vida do aluno e, conseqüentemente, a sua relação com a escola; e por fim, a quarta tem como objetivo analisar os cenários detalhados nos sete anos descritos em Harry Potter, interrogando-os a partir dos fundamentos da escola significativa.

## **2. FUNDAMENTOS DA ESCOLA SIGNIFICATIVA**

No contexto escolar, um pedagogo está sempre à procura de uma escola que atenda às suas necessidades como professor, para que consiga dar aula de um jeito que faça com que todos os alunos realmente se interessem pelo conteúdo que torne o ambiente feliz e acolhedor. Por sua vez, o aluno anseia crescer, aprender e ter relações ótimas com seus colegas e professores. E a família está sempre à procura de uma escola que tenha profissionais qualificados e que dê o maior apoio ao desenvolvimento do educando.

Visto isso, a escola é o pontapé inicial para uma pessoa na vida fora do núcleo familiar, o que pode ser bastante assustador ou muito gratificante. A tarefa que a escola tem com a sociedade é desafiadora e difícil, já que ela deve ensinar diversas disciplinas e conhecimentos que nem sempre são de interesse imediato dos alunos, além de ter enfoque nas relações pessoais entre alunos e professores.

Entretanto, para ter êxito em alcançar seus objetivos, ela deve envolver o aluno em suas atividades e no cotidiano.

Podemos dizer que duas condições são básicas para a boa inserção do aluno na escola e nas atividades por ela propostas, e, em certa medida, o envolvimento ou o interesse depende delas. Em primeiro lugar, o aluno precisa sentir um bem-estar pelo fato de estar na escola, precisa se sentir feliz nesse ambiente [...] Em segundo lugar, a escola deve ser um espaço tal que favoreça ao aluno redimensionar o conjunto de suas vivências e experiências, dar um sentido emocional a elas e articulá-las, de um modo intencional ou não, com o conjunto de suas impressões ou pensamentos sobre si, sobre as pessoas à sua volta e sobre o mundo. (VILLELA & ARCHANGELO, 2014b, p. 40)

A partir de tais condições básicas, a escola significativa vai se formando tendo em vista que consiste em uma escola relevante para o aluno, que atende às suas necessidades e é uma das principais experiências de sua vida. Há três sentimentos esperados para que o aluno sinta-se inserido em uma condição de escola significativa, são eles: acolhimento, reconhecimento e pertencimento (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b). O acolhimento é sentido quando a escola realmente acredita que seus alunos são importantes e visa, então, seu bem-estar. Se esse sentimento não é experimentado pelo aluno, ele pode pensar que a escola está contra ele e não se importa com ele. O reconhecimento é sentido quando os professores e funcionários da instituição veem os estudantes como semelhantes, reconhecendo que estes são importantes e insubstituíveis. Desse modo, são colocados em destaque justamente por serem o foco de toda a aprendizagem, desenvolvimento, amadurecimento e crescimento que a instituição visa transparecer a todos que a constituem.

Quando isso não acontece o aluno tende a se isolar e se excluir, sendo preenchido pelo sentimento de indiferença, além de eventualmente pensar que está sendo perseguido pela escola. O pertencimento é visto quando ele sente que a escola é o lugar em que ele deveria estar e o que o faz feliz está lá, ainda que com as tensões e conflitos intrínsecos a qualquer experiência de relação e de crescimento (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b). Quando não há o sentimento de pertencimento, a instituição escolar enfrenta a desistência de muitos estudantes. Sendo assim, os três sentimentos são importantes; porém, não necessariamente são sentidos na mesma intensidade por todos os alunos, visto que isso pode variar, inclusive por conta do período escolar.

Assim, a escola significativa respeita o aluno e promove seu desenvolvimento em sentido global, mas não pode ser confundida com a escola condescendente que faz todas as vontades e atende todos os caprichos dos alunos, até porque não conseguirá fazê-lo. Portanto, o respeito, o reconhecimento e mesmo o acolhimento se dão na direção do desenvolvimento almejável dos alunos, e não em função das demandas imediatistas e dos apetites idiossincráticos desses. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 46)

Como dito anteriormente, a escola é o início da experiência que a criança tem de viver longe da família, e essa pode ser uma transição delicada e por vezes tensa, fazendo com que ela aja de forma diferente no âmbito familiar e no escolar, gerando um estranhamento nos responsáveis e dos professores. Esse estranhamento nada mais é do que a observação e a percepção que cada um tem sobre os comportamentos da criança. Por exemplo, às vezes a criança, em casa, resiste para comer, enquanto na escola não, e vice-versa. Nessas situações, devemos considerar o ano escolar do aluno para entendermos melhor as fases pelas quais atravessa e como uma escola significativa pode conduzir seu trabalho de modo a colaborar com esse processo. É comum, então, que crianças – no início de sua vida escolar – procurem na escola uma extensão de suas casas, fazendo com que os professores busquem estabelecer uma rotina sem muitas mudanças para que a criança acostume e não se assuste com as novidades, que podem fazê-la estranhar o ambiente escolar.

Após essa passagem, a escola tende a perder essa feição de continuidade da casa de seus alunos e passa a agir prioritariamente na educação, através de rotinas e necessidades dos alunos. Desse modo, o que não pode e não deve mudar é a situação de escola significativa que, segundo Villela e Archangelo (2014b, p. 49), deve favorecer interações confiáveis, construtivas e gratificantes em qualquer fase de desenvolvimento, além de contemplar os interesses de seus alunos, dando-lhes oportunidades para experimentações.

Pode-se dizer que, se a escola for um ambiente acolhedor e significativo e, porventura, sua casa não, a criança tenderá a comportar-se melhor fora de casa, ou vice-versa. Todavia, devemos atentar-nos a respeito de que nem sempre ela está se comportando bem porque o ambiente está sendo acolhedor, já que às vezes ela tem esse comportamento justamente por se sentir ameaçada, então o medo a faz adaptar-se às expectativas externas. Ou ainda, o ambiente é tão significativo e

acolhedor que ela pode se sentir livre para experimentar modos de ser que expressem tensões entre impulsos internos distintos, ou mesmo entre eles e a expectativa social. Esse fato é importante para observarmos essas crianças e compreendermos se a instituição escolar está cumprindo seu papel significativo.

Nesse sentido, um dos fatores a observar-se é se a criança se sente pertencente à instituição escolar. Esse fundamento da escola significativa ganha destaque, pois algumas atitudes das escolas tendem a distanciar o aluno e a fazê-lo enxergar-se como um ser estranho à instituição e, por vezes, indesejado por ela. Algumas dessas atitudes, segundo Villela e Archangelo (2014b, p. 50-53), são: burocratização das práticas educacionais; excessivo número de troca de professores, de licenças ou mesmo de faltas esporádicas durante o período letivo; recreios excessivamente curtos; e a utilização de eventos de confraternização junto a alunos e pais para realizar tarefas burocráticas alheias ao sentido do evento.

Para que se tenha uma escola significativa, o ensino deve também sê-lo. Sabe-se que o ato de ensinar é transmitir informações de maneira que o público entenda o que foi dito e assimile a importância do estudo, tendo interesse e curiosidade para aprender mais. Portanto, a escola é um dos núcleos de ensino do ser humano, mas não o único, principalmente agora na era digital, em que crianças e adolescentes têm acesso a milhares de informações por minuto, além de herdarem conhecimentos do núcleo familiar. Ainda assim, ela é o principal meio de ensinar as crianças e adolescentes. Deve-se mencionar, também, a diferença entre educar e ensinar: conforme já citado anteriormente, ensinar, basicamente, é passar uma informação com excelência, enquanto educar é o ensino para além das formas de pensar. Nesse contexto, segundo Villela e Archangelo (2014b, p. 63), “o fundamental é frisar tanto a centralidade da educação como objetivo da escola quanto a importância de não reduzirmos o termo educação ao termo ensino”.

Visto isso, o ensino significativo está longe de ser aquele que exige a memorização do conteúdo transmitido, que o aluno aprende por aprender e não vê sentido na informação que recebeu. Ele não deve ser pensado para ser impossível, difícil ou fora da realidade da criança. Há um processo que deve ser seguido para que o aluno veja a sua própria evolução e crescente, ao que ele já sabe, algo novo. Para isso, o mais interessante é que os conteúdos ensinados conversem diretamente com seu cotidiano, para que ele realmente se sinta envolvido, e também com tudo o que o transcenda e que ele acredite ser importante.

O ensino é significativo porque é intuído pelo aluno como fundamental para ele próprio, não especialmente pelo que irá propiciar num futuro vestibular, ou num futuro mundo do trabalho, ou ainda num futuro resultado de uma prova. Mas fundamental por o que permite pensar e descobrir a cada momento e a cada aula. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 71)

Ademais, isso também depende muito do professor, que deve acompanhar a evolução de seus alunos, pontuando-lhes as melhoras no aprendizado, sendo solícito e lembrando-se de elogiar quando a criança ultrapassa obstáculos. Ele deve ser um professor suficientemente bom, ou seja, deve dar todo o acolhimento e ser bom para o desenvolvimento dos discentes. Também deve ser alguém empolgado para ensinar, passar confiança, ser compreensível, alegre e, principalmente, atencioso. Porém, pode-se perguntar: “e se o aluno não gostar de tal disciplina, o ensino vai continuar a ser significativo?”. O quesito de ser significativo já responde, tendo em vista que é necessário que o aluno entenda o motivo pelo qual deve estudar tal matéria. Independente de gostar ou não, ele sabe que aquele conteúdo é importante para a sua vida. Dito isso, deve-se destacar que:

O conteúdo do ensino significativo é aquele que reúne informações ou relações importantes acerca do mundo externo ao pensamento ou à imaginação e que tendem a se tornar referência para as formas de ser, de pensar e de agir do aluno. Portanto, é o conteúdo que é capaz de operar uma transformação no sujeito e tende a ser sustentáculo para novos aprendizados, experiências e reflexões. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 80)

É importante citar que nas atitudes de um professor na sala de aula há a ação significativa do professor. Como já comentado, ele deve ser um profissional com atitudes que façam sentido para seus alunos. De acordo com Villela e Archangelo (2014b, p. 107), “a atenção do professor, sua contemplação e eventual resposta às crianças é o que configura o que denominamos de ação significativa direta do professor”. Por outro lado, a ação indireta seria o que chamamos de “geral” no contexto escolar: “a participação efetiva do professor nas reuniões pedagógicas, sua atitude positiva em relação à escola e aos alunos em geral e sua contribuição para a melhoria da segurança ou do lazer na escola” (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 108).

Além disso, na escola significativa, há um princípio organizador ao qual chamamos de “enquadre”, que só funciona se o enfoque principal de uma escola

tiver a ver com as relações interpessoais tanto quanto com a transmissão de conteúdos. A instituição escolar deve ser organizada e deve compreender sua necessidade de promoção do bem-estar de alunos e professores, propiciando uma boa interação entre todos. Feito isso, é possível ter consciência de seus objetivos para o início de um bom ano letivo e, então, contemplar as necessidades de cada um dos envolvidos.

Entretanto, o enquadre se diferencia das normas instituídas no âmbito escolar, que também são importantes e, em alguns casos, extremamente necessárias. “No caso específico da sala de aula, o enquadre pode ser definido como o estabelecimento processual de condições ótimas para o desenvolvimento de atividades pedagógicas” (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 112). Ou seja, ele está diretamente relacionado ao bom funcionamento de uma sala de aula, não tendo uma forma fixa, pois as estratégias de cada escola, conteúdo, professor e aluno variam de relação para relação. Acerca desses relacionamentos, o enquadre visa, inclusive, uma ligação que promova maior dedicação do aluno na busca pelo conhecimento (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 113).

Sendo assim, o enquadre é distinto das normas que a instituição tende a transmitir para seus alunos – na maioria das vezes – no primeiro dia de aula. Estas se tratam das regras do que eles podem, ou não, fazer. Contudo, a escola desconsidera um fator muito importante quando faz isso: ponderar o que é bom para o aluno, para a turma, para o professor que os acompanha em um determinado momento, para uma determinada atividade, com objetivos específicos. Nas regras gerais, além de registrar as normas de segurança (que são importantes), a escola tende a ditar atitudes consideradas erradas, como se o próprio aluno não conseguisse distinguir o certo do errado. Tal atitude preventiva, no entanto, pode causar justamente o oposto, uma indisciplina. A questão central desse problema está na escola comunicar essas regras para seus alunos como se eles fossem incivilizados, por definição, como se não soubessem conter uma “selvageria” intrínseca e constitutiva. E por isso, nesse primeiro discurso, ao falar dessas regras sobre o que qualquer um saberia que é errado – como pichar o banheiro da escola –, o aluno tende a sentir-se mal, pelo fato de a escola já haver comunicado, nas entrelinhas, uma desconfiança generalizada em relação ao comportamento dos discentes. Portanto, em uma escola significativa, o ideal seria enxugar as normas, de forma que só o extremamente necessário fosse pautado, e utilizar o enquadre

como princípio organizador. Isso porque, com ele, a escola está preparada para realmente focar no bem-estar de seus alunos, na medida da necessidade que se apresenta no processo educativo.

Então, esses foram os fundamentos básicos da escola significativa, essenciais para que consigamos compreender, mais à frente, cenários mais específicos.

### **3. O CONTEXTO DE HARRY POTTER**

Para que seja possível analisar a literatura da saga *Harry Potter* com a escola significativa, é primordial atravessarmos um contexto, um resumo, sobre cada livro. Para termos uma visão geral das personagens e das situações que destacarei adiante. O primeiro livro foi publicado em 1997, ganhando fama mundial, e, posteriormente, mais 6 livros foram publicados, encerrando a saga.

#### **3.1. HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**

A narrativa começa com o bebê Harry Potter, nosso personagem principal, que virou órfão com um ano e foi deixado na porta da casa de seus tios, Walter e Petúnia Dursley, enrolado em um cobertor e com uma carta explicando toda a situação. Alvo Dumbledore, diretor da escola de magia e bruxaria de Hogwarts, e seus colegas, a professora Minerva McGonagall e o Rúbeo Hagrid, acompanharam tudo de perto e verificaram se o menino ficaria bem. Isso porque, no mundo bruxo, ele já era famoso e, talvez, fora dele, sua vida seria melhor.

Apesar de Petúnia ser tia de Harry – irmã de sua mãe, Lílian –, não o tratava bem. Aliás, o tratamento que ela lhe dava era bastante inferior em comparação ao que oferecia ao seu filho, Duda, que tinha a mesma idade do primo. Harry não recebia amor, presentes, palavras de carinho e se contentava apenas com os restos do primo. Dormia embaixo da escada e era tratado com muito desprezo. A situação mudou para Harry quando recebeu uma carta de Hogwarts, aos 11 anos, dizendo-lhe que era um bruxo e que estava convidado para estudar naquela escola. Além disso, teve a notícia de que seus pais também eram bruxos e haviam sido assassinados por um bruxo muito mau, chamado Voldemort.

O menino havia sobrevivido à maldição da morte e afastado Voldemort do mundo bruxo, o que lhe causou uma cicatriz na testa em forma de raio e o tornou muito famoso, por ser a única pessoa que sobreviveu a isso. Por isso, desde o primeiro momento em que saíra do mundo trouxa – o de quem não é bruxo –, deu-se conta de que era muito querido e conhecido, além de que tinha bastante dinheiro, que seus pais haviam guardado.

Então, Hagrid o levou para comprar os materiais necessários para ir à escola em um lugar em que havia apenas itens mágicos, chamado Beco Diagonal. Antes disso, passaram no banco dos bruxos, o Gringotes, para pegar dinheiro bruxo. Além disso, Hagrid estava uma missão secreta traçada por Dumbledore, para resgatar algo em um cofre de lá, extremamente seguro e protegido. Nas lojas, Harry comprou sua varinha, que, coincidentemente, era irmã gêmea da varinha da pessoa que matou seus pais, e ganhou de presente de aniversário de Hagrid uma coruja chamada Edwiges.

No trem para a escola, conheceu um menino ruivo chamado Ronald Wesley, que ficou fascinado por conhecer o famoso Harry Potter. Assim, viraram amigos imediatamente. Já chegando na escola, Harry conheceu Draco Malfoy, uma criança rica, de família nobre, muito metida e que tira sarro de seu novo amigo, Ron, de quem quer ser amigo apenas pelo fato de ele ser famoso.

A professora Minerva explicou que havia um processo seletivo para os alunos do primeiro ano, em que um chapéu mágico analisava suas características principais e os selecionava para uma das quatro casas: Corvinal (sábios natos, curiosos, brilhantes e criativos); Grifinória (corajosos, nobres, ousados e amigáveis); Lufa-Lufa (bondosos, leais, pacientes e sinceros); e Sonserina (ambiciosos, astutos, impulsivos e audaciosos). Como Harry não conhecia nada do mundo bruxo, Ron explicou-lhe que não havia um bruxo ruim que não tivesse passado pela Sonserina, fazendo com que Harry implorasse para que o chapéu não caísse nessa casa. Finalmente, ele foi selecionado para a Grifinória junto de seu mais novo amigo.

O cotidiano da escola se apresentou como atrativo, com muitas aulas e professores interessantes. Harry também se tornou amigo de Hermione Granger, extremamente inteligente e esforçada, também selecionada para a Grifinória, apesar de Ron considerá-la uma “metida sabe tudo”. Harry percebeu que um dos professores, o Severo Snape, implicava muito com ele e sempre lhe dirigia olhares de desprezo, mas desconhecia o motivo disso. Em uma manhã, eles receberam a

notícia de que um dos cofres de Gringotes foi invadido, o mesmo em que Harry e Hagrid haviam entrado semanas antes – fato extremamente curioso.

Dumbledore, no discurso de boas-vindas, havia deixado claro que o terceiro andar era extremamente proibido. Entretanto, como as escadas mudaram de lugar, o trio de amigos se perdeu e entrou nessa ala, tendo um encontro com um cão de três cabeças que guardava um alçapão.

Em uma noite de Halloween, um Trasgo escapou das masmorras e causou um tumulto na escola. Nesse momento, Harry e Ron lembraram-se de que Hermione estava no banheiro das meninas e não sabia do ocorrido, o que poderia causar-lhe perigos. Portanto, em um ato de coragem, a dupla socorreu a amiga e conseguiu livrar-se do Trasgo. Os professores ficaram em choque com a situação, mas Hermione ficou extremamente agradecida, e esse acontecimento reforçou essa amizade.

Nessa noite, o trio percebeu que Snape estava com a perna machucada. Logo, concluíram que ele tentou passar pelo alçapão debaixo de Fofo, o cachorro de três cabeças, e pegar o que estava secretamente guardado. Eles ficaram muito curiosos sobre o que poderia estar sendo protegido no castelo e embarcaram em uma busca, até encontrarem sobre uma pedra filosofal que proporciona o elixir da vida. Como havia um boato de que Voldemort retornaria e Harry sentia, em sua cicatriz, um desconforto, eles acreditaram que Snape estava tentando roubar a pedra para dar ao Voldemort. O trio, com medo de que isso acontecesse, enfrentou vários obstáculos para chegar à Pedra. Porém, quando Harry chegou no último desafio, viu o Professor Quirrel, e não Snape, com Voldemort preso em sua cabeça. Então, ele conseguiu pegar a pedra e salvar seus amigos. Por fim, ganhou a taça das casas e retornou à casa de seus tios, bem longe de Hogwarts.

Nesse primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, alguns destaques devem ser feitos com relação à escola significativa, os quais detalharei mais à frente. Registra-se, então, alguns questionamentos: O que mudou para Harry quando ele ingressou no mundo bruxo? A relação de Harry e Snape é saudável? As atitudes do Professor Snape são convergentes ou divergentes com a proposta de um ensino significativo? Em que cenários Hogwarts se torna uma escola significativa?

### 3.2. HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA

É o dia do aniversário de Harry e ninguém se lembrou, restando à personagem lembrar seus momentos em Hogwarts, o que o fez sentir muitas saudades. Seus tios, nesse dia, estavam preocupados com um jantar de trabalho que, caso tudo ocorresse bem, poderia fazer com que Valter Dursley fosse promovido em seu emprego. Ninguém na casa podia falar sobre magia, era um assunto totalmente proibido, o que deixava Harry completamente isolado. Aliás, mais isolado ainda, já que, além disso, os tios o proibiram de ficar para o jantar.

No seu quarto, Harry encontrou Dobby, um elfo doméstico, que era uma espécie de serviçal do mundo bruxo. Dobby veio convencer o garoto a não voltar para Hogwarts, pois havia uma trama contra Harry. Obviamente, Harry não aceitou, e Dobby derrubou o pudim do jantar no chão, para que o menino levasse a culpa e não voltasse para a escola. O plano até funcionaria, tendo em vista que seus tios trancaram-no em seu quarto e realmente proibiram-no de voltar para o colégio. Todavia, seu melhor amigo, Rony Weasley, apareceu em sua janela junto de seus irmãos, Fred e George, com um carro voador pronto para o resgate.

Voaram, então, para a casa dos Weasley, ou melhor, para “A toca”, e foram surpreendidos pela mãe dos meninos, Molly Weasley, que estava enfurecida, pois seus filhos saíram sem avisá-la e pegaram o carro sem autorização. Entretanto, Harry foi bem recebido por ela e tratado com muito amor e carinho. No dia seguinte, precisaram ir ao Beco Diagonal para comprar os materiais do segundo ano letivo em Hogwarts. Como a família de Rony era inteiramente bruxa, eles utilizaram o pó de flu, que os teletransportava para o local desejado – sendo este, nesse caso, o Beco diagonal, para o qual existiam muitas passagens. Porém, Harry, que nunca havia viajado dessa forma, não pronunciou as palavras corretamente e acabou na Travessa do Tranco, um lugar do mundo bruxo não muito agradável, conhecido por vender coisas peculiares, incluindo itens das trevas. Por sorte, conseguiu sair de lá, já que Hagrid, que estava comprando veneno para lesmas carnívoras, avistou Harry e o levou para o Beco Diagonal.

Desse modo, Harry reencontrou seus amigos, Rony e Hermione, e eles foram à livraria comprar os livros faltantes. Lá, encontraram um escritor muito famoso pelos seus feitos, Gilderoy Lockhart, que reconheceu o famoso Harry Potter e o convidou para tirar fotos para o “Profeta Diário”, um jornal bruxo. Além dele, encontraram

também Draco Malfoy e seu pai, Lúcio Malfoy, que zombaram da situação financeira da família Weasley, gerando uma briga.

Chegou, então, o dia em que os alunos retornaram para a escola pelo Expresso de Hogwarts. Porém, chegando na plataforma, Harry e Rony não conseguiram atravessá-la, pois a passagem estava fechada. Muito preocupados, tiveram, então, a ideia de ir a Hogwarts usando o carro voador do senhor Weasley. Sendo assim, conseguiram chegar ao colégio, mas, na descida, foram atingidos pelo Salgueiro Lutador, uma árvore bem antiga que atacava quem a perturbava. Eles conseguiram sair quase ilesos fisicamente, mas o Professor Snape veio ao encontro de ambos para escutar a explicação e o motivo de irem à escola em um carro voador. Assim, Snape chamou ao diretor, Dumbledore, e à professora Minerva para que decidissem qual seria o castigo dos meninos. Felizmente, só receberam uma detenção.

Então, o ano letivo começou e tudo estava indo bem, até que Harry escutasse uma voz, durante a sua detenção, dizendo querer matar alguém. No entanto, nada de a voz aparecer até o dia das bruxas. Porém, Harry, Hermione e Rony estavam saindo do aniversário de morte do fantasma Nick quase sem cabeça, quando, novamente, Harry ouviu a mesma voz com sede de sangue, à qual só ele escutava. Surpreendentemente, ao segui-la, ele encontrou a gata de Filch, Madame Norra, completamente dura. Atrás dela, na parede, havia um escrito: “A câmara secreta foi aberta. Inimigos do herdeiro, cuidado” (p. 107). Por muita falta de sorte, o trio se viu no lugar errado e na hora errada, pois a festa de Halloween já havia acabado e todos os alunos e professores, agora, estavam no corredor olhando para os três, chocados, como se eles tivessem feito aquilo. Depois de o diretor apaziguar a situação, os meninos foram para a sala comunal da Grifinória sem nenhum castigo, mas com a curiosidade de descobrir quem estava por trás do ataque. Apostaram que era Draco Malfoy; porém, para provar a teoria, tiveram a ideia de preparar a poção Polissuco – que levava um mês para o preparo, tinha muitos ingredientes raros e servia para transformar quem a bebia em outra pessoa.

Além de bancar o detetive, Harry ainda estava muito preocupado com o jogo de quadribol contra a Sonserina. Isso se devia ao fato de que Draco jogava como apanhador e deu de presente para seus colegas a melhor vassoura disponível no mercado, o que detonaria o time da Grifinória. Chegado o dia do jogo, tudo ocorria

bem, até que um balaço (uma das bolas do jogo) perseguisse Harry loucamente, fazendo-o ir para o hospital com o braço machucado.

Em sua noite na ala hospitalar, Harry, com muita dor, acordou na madrugada e se deparou com Dobby, que estava completamente abalado por Harry ter ignorado seu aviso e voltado a Hogwarts. Descobriu-se, então, que Dobby fechara a passagem para que Harry não pegasse o trem e enfeitiçara o balaço para que ele fosse mandado para casa, porque acreditava que o menino corria grande perigo na escola, já que, segundo o elfo, a câmara secreta havia sido aberta novamente. A conversa se encerrou abruptamente quando Dumbledore entrou, na ala hospitalar, com um aluno petrificado. Tratava-se de Colin Creevey, um aluno do primeiro ano, que também estava na Grifinória e era fã número um de Harry Potter.

Pelo fato de que todos os alunos estavam assustados, a escola realizou um clube de duelos, local onde aprenderiam a defender-se e a realizar feitiços de desarme. Assim, Harry e Draco foram selecionados pelo Professor Snape para uma demonstração e, nesse momento, Malfoy fez com que uma cobra saísse de sua varinha e tentasse atacar um aluno da Lufa-Lufa, Justino Finch-Fletchley. Harry, então, pediu à cobra que o deixasse em paz, enquanto o terror no olhar dos colegas tomava conta da cena. Potter, sem entender, foi levado para o sala comunal da Grifinória, pelos seus amigos, e descobriu que era um ofidioglota, ou seja, que sabia língua de cobra, algo ruim no mundo da magia, pois o fundador da Sonserina, Salazar Slytherin, possuía esse dom.

Assim, sentindo-se mal por ter assustado Justino, foi procurá-lo e encontrou a ele e a Nick quase sem cabeça petrificados, lado a lado. A Professora McGonagall não viu outra alternativa senão levar Potter aos aposentos do diretor. Dumbledore, como sempre, foi calmo e disse ao garoto que não acreditava ser ele por trás dos ataques, mas que gostaria de saber se ele não queria contar-lhe alguma coisa. Obviamente, Harry tinha muito para contar ao professor; ainda assim, não disse nada. Após o ataque duplo, a escola entrou em pânico e, devido a isso, a maioria dos alunos não permaneceu na escola para a festa de Natal. Isso foi vantajoso para Harry, Hermione e Rony, que conseguiriam colocar o plano da poção polissuco em prática, a fim de se transformarem alunos da Sonserina para extrair informações acerca de Draco Malfoy, que, por sorte, também ficou na escola nesse período.

O plano funcionou: Harry e Rony transformaram-se em Goyle e Crabbe, respectivamente, melhores amigos de Malfoy. Hermione, no entanto, teve um

pequeno problema e transformou-se em gato, então permaneceu no banheiro das meninas (onde prepararam a poção) enquanto os meninos cumpriam o combinado. Com isso, eles conseguiram a informação de que Draco não era o herdeiro de Sonserina e que não tinha ideia de quem o era, ou seja, a teoria dos três estava errada e havia outra pessoa por trás dos ataques. Por conta de uma inundação, Harry e Rony voltaram ao banheiro das meninas e encontraram um diário de capa preta, pertencente a T.S. Riddle, que alguém havia jogado pela Murta Que Geme (um fantasma do banheiro das meninas). Entretanto, o diário estava em branco, mesmo sendo de 50 anos atrás.

Desse modo, o feriado terminou e os alunos de Hogwarts estavam cada vez mais esperançosos, já que os ataques haviam cessado e as Mandrágoras (emissoras da cura da petrificação) estavam amadurecendo. Lockhart teve a ideia, então, de fazer uma comemoração de Dia dos Namorados para animar o pessoal. Como resultado, Harry recebeu um versinho, e por não querer que ninguém escutasse, caiu no chão, derrubando tinta em todo o seu material, fazendo-o notar que o único livro que não estava sujo de tinta era o diário. Logo, conseguiu desvendar o mistério sobre as páginas em branco – começou a escrever no diário, a tinta sumia e, em seguida, surgia uma resposta de Tom Riddle. Visto isso, ele perguntou-lhe sobre a câmara secreta, tendo em vista que Riddle foi estudante de Hogwarts 50 anos antes. Então, Tom levou-o para seu passado, no qual uma garota havia sido morta pelo monstro da câmara secreta e, por isso, Hogwarts seria fechada. Entretanto, Riddle descobriu que era Hagrid quem estava por trás disso, que tinha uma enorme aranha guardada, fazendo com que ele fosse expulso da escola e os ataques cessassem.

Depois de receber essa informação chocante, Harry correu para contá-la a Hermione e Rony, que tampouco acreditaram que Hagrid matou alguém de propósito. Passados alguns dias, o diário foi roubado dos pertences de Harry, que não reportou o roubo por medo de que alguém descobrisse o motivo de Hagrid ter sido expulso 50 anos atrás. Enquanto ia para o jogo de quadribol, infelizmente, Harry escutou a voz novamente, e Hermione, em choque, disse que havia entendido algo e correu para a biblioteca. Assim, ele foi atordoado para o campo, mas o jogo foi interrompido pela Professora McGonagall, que disse aos alunos para que voltassem para as salas comunais de suas casas. Ademais, de canto, pediu a Harry e a Rony

que acompanhassem-na, pois Hermione havia sido atacada junto de mais uma aluna, Penélope Clearwater, e ambas estavam petrificadas.

Dado esse acontecimento, Harry e Rony estavam decididos a falar com Hagrid. Todavia, alguns minutos depois de os dois chegarem, Dumbledore e Cornélio Fudge, ministro da magia, entraram na cabana de Hagrid para informá-lo de que ele seria levado para Azkaban (prisão bruxa) até que o culpado fosse pego. Em seguida, Lúcio Malfoy entrou em cena notificando, também, que Dumbledore seria obrigado a afastar-se do cargo por não ter tido competência de parar com os ataques. Por sua vez, os meninos, considerando a conversa absurda, receberam uma última dica de Hagrid, que instruiu-os a seguirem as aranhas. Visto isso, no dia seguinte, conforme perceberam que elas faziam uma trilha em direção à floresta proibida, decidiram que seguiriam-nas ao cair da noite. Com muito esforço para sair do castelo, buscaram Canino (cão de Hagrid) e seguiram-nas floresta adentro. Depois de uma longa caminhada, entraram em seu ninho e, ao sair de uma teia, Aragogue, uma aranha gigantesca, conversou com os meninos. Por ela, os meninos descobriram que ela nunca matara nenhum aluno de Hogwarts, nunca fora o monstro da câmara secreta – inclusive, elas morriam de medo dele –, e que Hagrid só tentava protegê-la, desde que a garota foi encontrada morta no banheiro. Sendo assim, os meninos avistaram a saída, mas Aragogue disse-lhes que não iriam embora e virariam comida de seus filhos. Por sorte, o carro voador do senhor Weasley, até então desaparecido, tirou-os daquela situação.

Harry não pode deixar de notar que a aranha afirmou que a menina havia morrido no banheiro e pensou: e se essa menina fosse a Murta Que Geme? Porém, com todos os professores muito alertas e sem deixar os alunos sozinhos, Rony e Harry não conseguiram chegar ao banheiro. Portanto, ao invés disso, foram ver como estava Hermione – o que foi ótimo, porque na mão dura da menina havia um papel que continha a informação do que era o monstro da câmara: um basilisco. Então, com a ajuda dela, eles solucionaram o mistério. Lembrando que somente Harry conseguia escutar a voz, pois era o único ofidioglota do trio, e as pessoas foram apenas petrificadas, não mortas, tendo em vista que nenhuma olhou diretamente nos olhos da criatura. Desse modo, a possibilidade de a entrada da câmara secreta ser no banheiro das meninas era alta. Uma pena que essas informações tenham aparecido tarde demais, depois que Gina Weasley foi sequestrada pelo herdeiro e levada à câmara.

Lockhart, que se gabou o ano inteiro pelos seus feitos e por conter informações sobre a câmara secreta, fora selecionado para buscar a menina. Contudo, ele não esperava que Rony e Harry fossem atrás dele para transmitir atualizações de que o professor estava fugindo da escola. Então, os meninos o ameaçaram para que ajudasse-os a resgatar Gina. Conseguiram achar a entrada, que era mesmo no banheiro das meninas, e, ao entrarem, viram uma pele de cobra enorme, que indicava que o basilisco devia ter no mínimo seis metros de comprimento. Gilderoy entrou em pânico, roubou a varinha de Rony e tentou apagar a sua memória, mas, como a varinha estava quebrada por conta do acidente com o carro no início do ano, o feitiço ricocheteou e foi o professor quem perdeu a memória batendo seu corpo no teto bruscamente. Isso ainda ocasionou um desabamento, deixando Rony com Lockhart e Harry sozinho.

Ainda assim, Potter continuou sua busca e finalmente encontrou a Gina, que estava pálida e fria, e a Tom Riddle junto a ela. Harry não entendeu muito bem como, mas Riddle explicou-lhe que ele representava a materialização de uma lembrança. Ainda, depois de uma longa conversa, revelou ser Lord Voldemort, o herdeiro de Salazar Slytherin, que controlou Gina através de seu diário e, dessa vez, estava interessado em matar Harry. Para isso, soltou o basilisco com o intuito de matá-lo. Porém, como o menino havia defendido Dumbledore um pouco antes, Fawkes (a fênix do professor) entregou-lhe o chapéu seletor e cegou o basilisco. Harry tirou uma espada de dentro do chapéu e matou o monstro, mas uma de suas presas infincou em seu braço, espalhando seu veneno mortal no sangue dele. Então, estava prestes a morrer quando Fawkes começou a chorar em cima da ferida, cicatrizando-a. Ele não pensou duas vezes e afundou uma das presas do basilisco no diário, fazendo com que a lembrança de Tom Riddle desaparecesse. Finalmente, Gina acordou e estava bem, apesar de desesperada por tudo o que havia ocorrido. Em seguida, foram ao encontro de Gilderoy e Rony e voltaram para a superfície com a ajuda da fênix.

No escritório de Dumbledore, Harry contou tudo o que aconteceu, fazendo com que ele e Rony ganhassem 200 pontos e levando a Grifinória a ganhar a taça das casas. Além disso, chegou bem a tempo de ver Hermione, que foi despetrificada com seus outros colegas. Assim, mais um ano em Hogwarts chegou ao seu fim.

### 3.3. HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN

O enredo desse livro é focado na fuga de um assassino perigoso, Sirius Black, da prisão dos bruxos, Azkaban. Assim como nos outros dois livros, o primeiro capítulo relata a vida de Harry na casa dos tios, mas dessa vez há uma visita, Tia Guida, que detesta-o. Depois de uma discussão entre os dois, Harry perdeu o controle de sua magia e acabou transformando-a em um balão. Por isso, fugiu de casa e se viu perdido, até que um ônibus dos bruxos, o Nôitibus, encontrou-o e o levou para o Caldeirão Furado, uma estalagem conhecida no mundo mágico.

Assim, Harry ficou sozinho na estalagem, até que suas férias terminassem. Logo vieram ao seu encontro Hermione e a família Weasley, prontos para regressar a Hogwarts. Todavia, como já mencionado, havia um assassino solto, que havia sido condenado por entregar os Potter para Voldemort e por matar seu amigo Pedro Pettigrew e vários trouxas. Harry não sabia dessa informação, mas sabia que as pessoas acreditavam que Black havia fugido da prisão para terminar o que Voldemort começou, ou seja, matá-lo.

No caminho para a escola, alguns dementadores, os guardas da prisão, seres desprezíveis, vasculharam o trem à procura de Sirius Black. Harry desmaiou por ser muito sensível a eles, já que seu passado foi de muito sofrimento e ele precisava manter sua pouca felicidade. Tendo em vista que o dementador suga a felicidade que há no ser, quanto menos momentos felizes a pessoa tem, mais eles vão afetá-la e até trazer de volta momentos tristes que já haviam sido esquecidos. Nesse sentido, o menino escutou sua mãe gritando no dia em que foi assassinada, enquanto um dementador se aproximava.

Passado isso, começou o ano letivo, com o aparecimento de alguns professores e disciplinas novas. Hagrid virou professor de “Trato das Criaturas Mágicas” – disciplina que, já na primeira aula, ocasionou um acidente: Malfoy se machucou com um dos hipogrifos. Na aula de “Defesa contra artes das trevas”, o professor Lupin ensinou sobre o bicho-papão. Além dessas duas, os alunos ainda tiveram aula de “Adivinhação” com a Professora Trelawney, aula de Transfiguração com a professora Minerva e aula de poções com o Professor Snape. Entre o trio de amigos, a única que estava cursando mais disciplinas, inclusive três em simultâneo, era Hermione. Com a rotina agitada, os alunos do terceiro ano tinham permissão para visitar o povoado de Hogsmeade, uma aldeia bruxa nos arredores de Hogwarts

em que havia muitas lojas diferentes. É claro que essa permissão só era concedida com a autorização dos pais ou responsáveis, a qual não foi concedida a Harry.

No dia das bruxas, quando todos estavam em festa, Sirius Black conseguiu entrar no castelo e invadir o dormitório da Grifinória. Felizmente, nada aconteceu; porém, ninguém conseguiu encontrá-lo. Mesmo com esse acontecimento, os jogos de quadribol foram mantidos e, nesse primeiro jogo, Harry caiu da vassoura, em consequência de um desmaio influenciado pela presença de dementadores no campo. Isso não ocasionou-lhe nenhum machucado, mas a sua vassoura foi destruída. Depois de um tempo na ala hospitalar, voltou à rotina normalmente, mas ainda se sentia triste por não poder ir com seus colegas a Hogsmeade. Os gêmeos Weasley, vendo a situação de Harry, entregaram-lhe O Mapa do Maroto, que é basicamente um mapa em que se consegue ver em tempo real todas as pessoas de Hogwarts e suas localizações. Consequentemente, também é possível ver algumas passagens secretas para sair e entrar na escola. E foi com isso que Harry conseguiu ir até Hogsmeade, através de uma passagem secreta no mapa.

Na aldeia, o trio de amigos decidiu tomar uma cerveja amanteigada no Três Vassouras, o que não se mostrou uma boa ideia, pois alguns professores entraram no bar com o Ministro e se depararam com Harry, que não deveria ter saído do colégio. Então, eles se esconderam atrás de uma árvore de Natal e conseguiram escutar toda a conversa dos professores. Desse modo, Harry descobriu que Sirius Black era amigo de seus pais, inclusive seu padrinho, e os traiu entregando o lugar em que eles estavam para Voldemort. Nesse momento ele sentiu muita raiva e ficou chateado por ninguém ter-lhe contado a verdadeira história de morte de seus pais. Mesmo em choque com a situação, o trio foi visitar Hagrid. Porém, junto da visita, veio uma notícia horrível. Lúcio Malfoy fez uma reclamação oficial contra o hipogrifo que machucou seu filho e, por isso, as chances de Bicuço ser morto eram altas. Assim, os amigos concentraram suas energias em achar uma forma de defender o hipogrifo, para vencer a causa contra a Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas. Em meio às notícias ruins, Harry ganhou uma vassoura de última geração, a Firebolt. Ele ficou tão feliz e animado para usá-la nos próximos jogos de quadribol que não se importou de não saber quem o havia presenteado. Entretanto, para Hermione, era uma informação crucial, com Sirius Black à solta, já que a vassoura poderia ter algum feitiço para machucar Harry. Sendo assim, contou a situação à Professora Minerva, que confiscou a vassoura até que tivessem certeza

de que ela não estava enfeitiçada. Essa atitude de Hermione deixou Harry e Rony muito bravos, a ponto de não falarem com ela durante semanas.

Enquanto isso, Harry começou a receber aulas particulares do Professor Lupin sobre o feitiço do Patrono. Esse é o único feitiço que espanta um dementador e, como toda vez que via um, ele desmaiava, achou necessário aprendê-lo. Hermione e Rony brigaram o ano inteiro por conta do gato da menina, Bichento, que perseguia o rato de Rony, Perebas, até que, um dia, Rony achou, no lençol, gotas de sangue e pelos de gato e não encontrou Perebas. Portanto, deduziu que o gato havia devorado o seu rato e permaneceu sem falar com Hermione por mais um tempo.

O dia do penúltimo jogo da temporada de quadribol chegou e, finalmente, Grifinória estava muito perto de ganhar a taça. Após muita festança, todos foram dormir e, novamente, Sirius Black entrou no salão comunal da Grifinória. Contudo, dessa vez foi visto por Rony, que confirmava que Black estava ao lado de sua cama, com uma faca na mão. Então, a segurança do colégio foi redobrada, mas, ainda assim, eles não encontraram nada e nem souberam como Sirius havia entrado no castelo.

Harry, mesmo correndo perigo, foi para Hogsmeade escondido na capa de invisibilidade. Porém, Malfoy conseguiu ver uma parte de sua cabeça enquanto brigava com Rony. Por isso, Harry voltou desesperado para o colégio e foi questionado por Snape, que confiscou o mapa do seu bolso. Afortunadamente, o professor Lupin interferiu, pegou o mapa das mãos de Snape e guardou-o com segurança, mas não o devolveu para Harry.

Ademais, Grifinória realmente ganhou a taça de quadribol, o que fez muita gente entrar em clima de festa. Todavia, isso não durou muito, pois as provas finais estavam se aproximando e, com elas, a confirmação de que Bicuço seria executado. Durante a prova de Advinhação de Harry, a professora Trelawney fez uma predição muito importante – disse que o servo do Lorde das Trevas esteve preso durante esses 12 anos e, naquela noite, retornaria e se juntaria ao seu mestre. Como consequência disso, Voldemort retornaria.

Harry ficou bastante assustado com a informação, mas, ainda assim, foi visitar Hagrid, acompanhado de Rony e Hermione, para apoiar o amigo, por conta da execução do hipogrifo. Chegando na cabana de Hagrid, encontraram Perebas, o rato de Rony, que pensavam ter sido morto por Bichento. O rato entrou em pânico

quando foi segurado por seu dono, que não estava entendendo o motivo de tanto alvoroço. Em seguida, um cão enorme veio em direção aos garotos e pegou Rony, levando-o para dentro do Salgueiro Lutador, onde havia uma passagem secreta. Hermione e Harry foram atrás do amigo e chegaram no fim da passagem que levava à Casa dos Gritos (uma casa “mal assombrada” em Hogsmeade). E, na verdade, o cão era Sirius Black, que queria explicar a história completa da noite em que os pais de Harry morreram. O trio, por sua vez, estava muito desconfiado, até que o professor Lupin entrou em cena e abraçou Black. Eles ficaram chocados, visto que confiaram no professor ao longo de todo esse tempo e não podiam acreditar que ele estava ajudando um assassino. Além disso, ainda descobriram que Lupin, na realidade, era um lobisomem.

Depois de muita insistência por parte deles, Black começou a contar a verdade. Lupin, Tiago, Sirius e Pedro eram grandes amigos na escola e descobriram que Lupin era um lobisomem que vinha para essa passagem secreta do Salgueiro Lutador para ficar preso, e não para machucar alguém. Então, tiveram a ideia de se transformar em animagos, um processo muito difícil em que um bruxo consegue assumir uma forma animal específica a qualquer momento. Obviamente, o Ministério teria que controlar tudo, mas eles fizeram tudo escondido. Dessa forma, só eles sabiam que eram animagos, com o objetivo de ajudar Lupin nas noites em que se transformasse em lobisomem. Dito isso, com a perseguição de Voldemort, os Potter confiaram sua localização em um feitiço que consistia na existência de um fiel do segredo. Assim, sua localização só seria revelada se essa pessoa os traísse e contasse para alguém. Tiago queria que o fiel fosse Sirius, mas o próprio Black acreditou que seria óbvio demais e sugeriu que fosse Pedro Pettigrew. Portanto, Pedro traiu os Potter entregando seu segredo para Voldemort, que conseguiu matá-los naquele dia. Sirius, sabendo da notícia, foi atrás de Pedro; no mesmo instante, este forjou sua morte, cortando um de seus dedos, transformando-se em um rato e explodindo uma rua rodeada de trouxas que escutaram a conversa dos dois. Logo depois, Black foi preso em Azkaban. E a prova disso tudo era Perebas, o rato de Rony. Tudo parecia ficar mais claro, até que Snape entrou em cena e tentou levar Lupin e Sirius para os dementadores, mas foi impedido pelo trio, que acreditou na versão dos fatos que haviam acabado de escutar, nocauteando, então, o professor.

Finalmente, Perebas revelou ser, na realidade, Pedro Pettigrew, que foi preso e levado rumo ao castelo. Porém, no meio do caminho, Lupin se transformou em lobisomem, fazendo com que Pettigrew escapasse novamente. Sirius, tentando impedir o amigo de machucar alguém, machucou-se e voltou à sua forma humana, o que atraiu diversos dementadores que estavam nos arredores do colégio. Hermione e Harry foram ajudar Black, mas desmaiaram e foram salvos por alguém que conjurou um patrono, que espantou os dementadores. Snape os encontrou, levou-os para o castelo e, conseqüentemente, prenderam Sirius em uma das salas de Hogwarts.

Hermione e Harry acordaram na enfermaria e viram que ninguém acreditava que Black era inocente, com exceção de Dumbledore. Este, inclusive, sugeriu a Hermione que usasse seu vira-tempo, dizendo-lhe que mais de uma vida poderia ser salva. Então, ela colocou um cordão no pescoço de Harry e, com isso, voltaram no tempo, para o início daquele dia, quando foram visitar Hagrid, antes da execução do hipogrifo. Feito isso, conseguiram salvar Bicuço e esperaram até a chegada dos dementadores, cercaram-os e rodearam Sirius. Quem os salvou foi o próprio Harry, ou seja, ele salvou a si mesmo do passado. Assim, ajudaram Black a fugir com Bicuço e, por fim, voltaram à enfermaria. O semestre chegou ao fim, ninguém soube como Sirius e Bicuço escaparam da morte e, infelizmente, Pedro escapou e Lupin perdeu o emprego.

### 3.4. HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO

Esse livro começa com Harry sentindo dores em sua cicatriz, por conta de um sonho que teve sobre Voldemort e Rabicho matando um velho jardineiro e planejando algo para conseguir matar Potter. Preocupado, o menino enviou cartas para seu padrinho e seus amigos, Rony e Hermione. Os Weasley convidaram Harry para passar um tempo na casa deles, pois arranjaram ingressos para a final da copa mundial de quadribol. Indo para o jogo, encontraram um amigo de Arthur, Amos Diggory, com seu filho, Cedrico, que acompanharam todos até a chave do portal. Chegando lá, subiram ao camarote de honra e encontraram uma elfa doméstica chamada Winky guardando o acento do Senhor Crouch, chefe do departamento de cooperação internacional de magia. Assim, depois de a Irlanda vencer a Bulgária, todos foram para seus acampamentos descansar. Entretanto, foram acordados por

um tumulto, em que alguns comensais da morte estavam enfeitiçando os trouxas que residiam por lá. Muitos entraram em pânico, principalmente quando a marca negra, de Voldemort, foi projetada no céu. Com isso, surgiu o mistério de quem havia feito tal feitiço. Acusaram a elfa, pois ela estava com a varinha de Harry, da qual, comprovadamente, o feitiço havia sido lançado. Evidentemente, tudo isso gerou uma repercussão negativa para o ministério, tendo em vista que o jornal Profeta Diário fez questão de comentar sobre a situação.

Já em Hogwarts, no banquete de boas-vindas, Hermione descobriu a existência de elfos domésticos na escola. Ela ficou devastada e enfurecida, pois acreditava que os elfos faziam trabalho escravo. Por isso, não compactuava com a ideia, mesmo sabendo que, no mundo bruxo, eles foram criados para isso e é um insulto não deixar um elfo trabalhar ou dar-lhe salário. Nesse mesmo banquete, Dumbledore anunciou que a escola seria sede do Torneio Tribuxo – nome de uma competição amistosa entre três escolas europeias, com três campeões que realizam provas que demonstram suas habilidades. Porém, só seria permitida a inscrição, para ser um campeão, dos alunos que tiverem mais de dezessete anos.

Tudo transcorria normalmente, até que chegou a vez de o Professor Moody ensinar. Seguindo a tradição de que a cada ano um novo professor assumia a disciplina de defesa contra as artes das trevas, dessa vez, Moody era o novo escolhido. Ensinou aos alunos, na prática, o funcionamento das maldições imperdoáveis, sendo estas: imperio (controla o indivíduo), crucio (tortura o indivíduo) e avada kedavra (mata o indivíduo). Elas são proibidas, de modo que qualquer pessoa que a use vai direto para Azkaban. No intervalo entre as aulas, Hermione criou o F.A.L.E. (Fundo de Apoio à Libertação dos Elfos), visando melhorias nas condições de vida dos elfos, dando a eles o direito a salários e a representações no ministério.

Finalmente, os estudantes das outras duas escolas chegaram para o início do torneio. A escola de Beauxbatons, com a diretora Madame Maxime, e a escola de Durmstrang, com o diretor Igor Karkaroff, foram os juizes do torneio, conjuntamente a Dumbledore, Ludo Bagman e o Sr. Crouch. A inscrição dos alunos se deu por meio de um cálice de fogo que, na hora certa, cuspiu o nome dos campeões. Assim feito, nenhum deles podia desistir. Os campeões foram: Vitor Krum (Durmstrang), Fleur Delacour (Beauxbatons) e Cedrico Diggory (Hogwarts). Entretanto, o cálice soltou mais um nome – o que foge completamente das regras –, o de Harry Potter, que

tinha quatorze anos. Todos ficaram chocados, e instaurou-se uma briga entre os diretores e os jurados. Uns acreditavam que Harry tinha colocado seu nome no cálice, enquanto outros acreditavam que alguém queria que Harry participasse de qualquer maneira e, portanto, enfeitiçou o cálice, segundo Moody, para vê-lo morto. No fim, Potter também competiria por Hogwarts e isso gerou um burburinho na escola – uns o apoiavam e outros o detestavam.

Chegado o dia da primeira tarefa, Harry já sabia qual seria o desafio, pois Hagrid lhe havia mostrado e também contado para Cedrico. A tarefa pedia que os campeões resgassem o ovo de ouro de um dragão e deixou Potter e Krum empatados à primeira vista. Enquanto isso, Rita Skeeter, jornalista do “Profeta Diário”, entrevistou professores e alunos para algumas matérias um tanto quanto polêmicas. Hermione descobriu que Dobby e Winky estavam trabalhando nas cozinhas de Hogwarts, o único lugar em que conseguiram arrumar emprego sendo elfos libertos.

Todos da escola estavam ansiosos para o baile de inverno e, conseqüentemente, os meninos nervosos para encontrar um par. Harry e Rony foram com as irmãs gêmeas Patil. Para a surpresa de todos, Hermione foi com Vítor Krum, provocando certo ciúmes em Rony. No fim da noite, Cedrico deu uma dica sobre a segunda tarefa, retribuindo o que Harry lhe disse a respeito da primeira.

O resultado das entrevistas de Rita saiu como o esperado e o alvo da vez foi o professor Hagrid. Por ser meio gigante, foi alvo de muitos preconceitos e difamações, que deixaram-no extremamente chateado e sem vontade de lecionar em Hogwarts. Foi somente com a insistência dos amigos e do diretor que ele criou coragem para enfrentar seus medos e voltou a lecionar.

Harry descobriu a pista para a próxima tarefa do torneio: deveria resgatar algo precioso no fundo do lago negro durante uma hora de prova, ou seja, deveria respirar debaixo da água. Voltando para a cama, ele viu algo muito inusitado em seu mapa do Maroto: o Sr. Crouch estava na sala de Snape e isso era no mínimo estranho, já que Crouch estava doente demais para ir ao baile de inverno, quem dirá para aparecer em Hogwarts na sala de um professor à uma da manhã. No susto, Potter derrubou o ovo, que emitiu um tremendo barulho, chamando a atenção de alguns professores para onde Harry estava, por sorte, coberto com a capa de invisibilidade. O único que podia ver através da capa era Moody, que não o delatou e ainda pediu o mapa emprestado. Por sua vez, Harry estava desesperado, pois não

sabia como conseguiria respirar embaixo d'água. Passou dias procurando, sem sucesso, até que, minutos antes da tarefa, Dobby apareceu com a solução. Deu uma planta para o garoto, permitiu-lhe criar gúelras e concluir o briefing da prova. No fim, o item precioso era alguém que o campeão amava. No caso de Harry, Rony. Todavia, como não estava vendo Fleur chegar para buscar sua irmã, resgatou-a também, submetendo-se a um enorme risco, mas que garantiu-lhe o segundo lugar.

Sirius retornou para Hogsmeade com Bicuço e ficou escondido em uma caverna, aguardando a chegada do trio, que traria comida. Tiveram uma conversa cheia de dúvidas, suposições e questionamentos sobre a marca negra na copa mundial, sobre Ludo Bagman e também sobre Bartô Crouch, que mandou seu próprio filho para Azkaban, o qual morreu logo em seguida. O trio conseguiu algumas respostas e, talvez, mais dúvidas quando o Senhor Crouch apareceu nos terrenos de Hogwarts completamente desnordeado, falando coisas sem sentido e implorando para ver Dumbledore. Infelizmente, quando o diretor chegou ao seu encontro, ele havia desaparecido.

O dia da terceira e última tarefa finalmente chegou. Ela solicitava que os campeões percorressem um labirinto com alguns obstáculos no meio para que, no fim, chegassem à taça do torneio. Harry e Cedrico conseguiram chegar juntos até a taça que, na realidade, era a chave de um portal. Ela os transportou para um cemitério que Harry já havia visto em seus sonhos, mas isso era uma armadilha e, em uma fração de segundo, Rabicho assassinou Cedrico Diggory perante a Harry. Então, Rabicho prendeu-o em uma lápide com os dizeres “Tom Riddle” e começou a preparar uma poção em um caldeirão gigante. Por conta da poção, Voldemort retornou à vida e sua primeira vontade foi a de matar o menino. Porém, ao duelarem, suas varinhas se conectaram e este conseguiu fugir e voltar para Hogwarts levando o corpo morto de seu amigo.

Todos ficaram em choque, e Dumbledore entendeu que alguém dentro da escola havia enfeitado a taça para levar Harry a Voldemort. Esse alguém era Alastor Moody que, na verdade, era Bartolomeu Crouch Junior sob o efeito da poção polissuco. Ademais, o filho do Senhor Crouch não havia morrido em Azkaban e estava trabalhando para Voldemort desde antes da copa mundial de quadribol, com o objetivo de ressuscitá-lo em um corpo próprio e levar-lhe Harry – missão bem sucedida.

Foram dias tristes e sombrios na escola após a terceira prova. Voldemort havia retornado, Cedrico estava morto e o Ministro da Magia desacreditado nas palavras de Harry e de Dumbledore. Assim, mais um ano chegou ao fim.

### 3.5. HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX

Harry sentia-se preso e isolado na Rua dos Alfeneiros número 4. Durante todo o verão, não saiu de casa e recebeu poucas notícias de seus amigos. Cansado de apenas ouvir o noticiário em busca de alguma informação sobre o retorno de Voldemort, saiu para dar uma volta no bairro e foi atacado, na presença de seu primo Duda, por dois dementadores. Assim, usou o feitiço do patrono e, ao chegar em casa, recebeu uma carta do Ministério informando sua expulsão de Hogwarts. Seu primeiro instinto foi fugir de casa, todavia chegaram mais cartas informando que se resolveria e que ele deveria permanecer com os tios. Alastor Moody, Tonks e outros aurores foram buscá-lo e levaram-no para a sede da Ordem da Fênix, onde ficaria em segurança. A Ordem nada mais é do que um grupo que é contra Você-sabe-quem e se compromete a lutar contra ele, de forma que planeja estratégias confidencialmente e tem Dumbledore como um dos “líderes”. A sede localiza-se na antiga casa dos Blacks, protegida por um feitiço de proteção que impede qualquer pessoa de encontrá-la.

Na sede, Harry reviu Hermione, os Weasley e seu padrinho, Sirius, mas, ainda assim, estava muito bravo e chateado porque não haviam informado nada a ele. Disse que ficaria no escuro ao longo de todo o verão e que agora poderia ser expulso do único lugar que acreditava ser sua casa. Então, chegou o dia da audiência e Harry foi para o Ministério acompanhado de Arthur Weasley. Entretanto, ao chegarem lá, descobriram que o horário da audiência havia sido alterado e que, portanto, já estavam atrasados. Fudge queria mais que tudo a expulsão de Harry, mas seu desejo não foi realizado – Dumbledore conseguiu fazer uma defesa impecável, que resultou na retirada de todas as acusações e a certeza de que Potter retornaria a Hogwarts.

Sendo assim, ele passou o restante das férias no largo Grimmauld número 12. No trem, a caminho de Hogwarts, Harry conheceu Luna Lovegood, uma menina muito diferente e com ideias mirabolantes sobre a vida. No banquete inicial, houve uma mudança: a nova professora de defesa contra as artes das trevas era Dolores

Umbridge, do Ministério da Magia, o que significava que o ministério passou a interferir em Hogwarts. Tendo em vista que Hagrid não retornara para seu cargo de professor de trato das criaturas mágicas, foi, então, substituído pela professora Grubbly-Plank.

Já na primeira semana, os professores reforçaram que o quinto ano em Hogwarts era o ano dos exames que definiam o nível em que cada aluno estava em cada disciplina, para que, no sexto ano, conseguisse aprofundar seus conhecimentos em suas melhores disciplinas, de acordo com a profissão almejada. Ademais, a aula de Umbridge foi um tanto quanto esclarecedora, já que a professora avisou que não deixaria os alunos praticarem magia em sua aula, o que deixou a todos ainda mais preocupados e a Harry enfurecido, o que fez ir para a detenção. Nesse meio tempo, ela foi nomeada Alta Inquisidora de Hogwarts, o que lhe concedia alguns poderes e regalias que os demais professores não tinham – inclusive a permissão de avaliar seus colegas de trabalho.

Desanimados por não aprenderem defesas, alguns alunos se reuniram no Cabeça de Javali, um bar em Hogsmeade, para uma reunião com Harry. Gostariam que ele lhes ensinasse a utilizar feitiços defensivos, já que ele era o único aluno que havia lutado contra Voldemort mais de uma vez. No dia seguinte, Umbridge proibiu o encontro de grupos sem a sua autorização. Assim, as reuniões passaram a ser contra as regras da escola e os alunos começaram a se encontrar na Sala Precisa, uma sala secreta em Hogwarts que só aparece quando é realmente necessário. O grupo se intitulou de Armada de Dumbledore.

Hagrid finalmente retornou. Porém, estava cheio de machucados e com uma fala estranha, como se estivesse escondendo algo. Contou o motivo de não ter iniciado o ano letivo com eles – estava em uma missão a pedido de Dumbledore, em busca de gigantes que se alinhariam à Ordem da Fênix. Todavia, a missão não foi tão bem sucedida como esperavam.

Harry estava tendo sonhos muito vívidos ultimamente e um deles foi tão real que o fez passar muito mal. No sonho, o Senhor Weasley estava sendo atacado por uma cobra enorme e Harry estava dentro dela. Para a surpresa de todos, o Senhor Weasley realmente havia sido atacado e estava gravemente ferido. Devido a isso, ficou internado por um tempo no hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos. Em uma das visitas, os Weasley, Hermione e Harry encontraram Neville e

conheceram seus pais, que estavam muito debilitados em razão das torturas sofridas quando ainda eram da primeira Ordem.

Com o objetivo de que Harry bloqueasse esses sonhos, Dumbledore pediu a Snape que ensinasse ao menino a arte da Oclumência, ou seja, de fechar a mente quando alguém tenta penetrá-la. Os alunos de Hogwarts e a maioria das pessoas, por insistência do Ministério, não acreditavam que Voldemort havia retornado e tinham certeza que Harry estava ficando maluco e Dumbledore caduco, o que era reforçado a cada edição do Profeta Diário. Até que, com a ajuda de Luna Lovegood e Rita Skeeter, Hermione teve a ideia de que Harry contasse todos os detalhes da noite no cemitério e publicasse na revista "Pasquim", da qual o pai de Luna era dono. Com essa publicação, muitos retrocederam em suas opiniões e passaram a apoiá-lo.

Com isso, Umbridge ficou furiosa e acabou descontando sua raiva em uma das professoras – Sibila Trelawney, que foi demitida – e também ficou mais empenhada em pegar alunos fora da regra. Tão empenhada que conseguiu interceptar Potter em sua saída de uma das reuniões. Uma das alunas, Marieta, havia denunciado sobre a Armada de Dumbledore, resultando na fuga do diretor, pois o ministro o acusou de tramar contra o ministério, e na ascensão de Umbridge como diretora de Hogwarts.

Em uma das aulas com Snape, Harry descobriu que o professor e os Marotos brigavam constantemente e que seu pai humilhou Snape diversas vezes. Isso deixou o menino desolado, já que pensava que seu pai havia sido alguém decente. Ele ficou tão incomodado que invadiu a sala da diretora para conversar com Sirius, que esclareceu que ambos se provocavam por conta de que Tiago amava Lílian mas se comportava arrogantemente para impressioná-la. Harry só conseguiu esses minutos com Sirius e Lupin porque os gêmeos Weasley fizeram uma bagunça na escola e aproveitaram para ir embora de Hogwarts.

Ainda, Hagrid contou para Harry e Hermione o motivo de seus machucados, disse que havia trazido um gigante da viagem, que era seu meio-irmão e, portanto, teve dó de deixá-lo sozinho. Então, escondeu-o na Floresta Proibida para ensinar-lhe inglês e outras coisas e mostrou-o para os meninos, porque receava sua demissão. E estava certo, em meio a prova dos N.O.M.s (Níveis Ordinários de Magia), Hagrid foi demitido. Além disso, enquanto Harry fazia seu exame de História

da Magia, teve novamente uma visão, dessa vez de que Sirius estava sendo machucado por Voldemort, que estava atrás de uma arma no ministério.

Assim, Harry pediu ajuda de seus colegas, foi para a lareira de Umbridge, mas não conseguiu falar com Sirius. Monstro (o elfo doméstico do Largo Grimmauld) disse para Potter que seu patrão havia saído. Com isso, Harry e seus amigos saíram de Hogwarts e voaram em direção ao ministério. Chegando lá, viram que o local estava vazio e, quando entraram na sala da visão, não havia ninguém. Então, Harry reparou que uma bola de cristal tinha seu nome escrito e, quando a pegou, comensais da morte surgiram imediatamente. Foi uma luta bem sangrenta entre os adolescentes e os comensais até a chegada dos aurores, que conseguiram derrotá-los. Entretanto, nessa troca de feitiços, Sirius recebeu um Avada Kedavra de Belatriz e morreu na frente de Harry.

Por vingança, Potter perseguiu Belatriz, com quem duelou sozinho até que Voldemort e Dumbledore aparecessem. Como sua cartada final, o Lorde das Trevas possuiu Harry, que conseguiu resistir muito bem, deixando Voldemort sem opções a não ser sair do ministério. Em meio a isso, Fudge chegou no local e confirmou o retorno de Voldemort.

De volta à escola, Dumbledore explicou a Harry o que havia de tão importante naquela profecia. Ela continha o motivo de Voldemort ter se empenhado para matá-lo quando ele era apenas um neném. A profecia dizia que um menino nascido no fim de julho teria o poder de derrotar o Lorde das Trevas e que ele o marcaria como seu igual, pois tinha um poder desconhecido pelo Lorde. Dizia ainda que, no fim, um não poderia viver enquanto o outro sobrevivesse. Você-Sabe-Quem só teve consciência de tal profecia em seu início, por isso se empenhou tanto para descobrir seu fim, mas não obteve sucesso. Ao saber que Harry falou a verdade ao longo de todo esse tempo, o ministério fez de tudo para que Dumbledore voltasse com toda a aclamação que antes possuía e publicou inúmeras matérias no Profeta Diário, sobre proteção para esses novos tempos.

### 3.6. HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRÍNCIPE

O ministro da magia, Cornélio Fudge, foi substituído por Rufo Scrimgeour, e bem no início deste mandato já havia inúmeros problemas causados pelos Comensais da Morte, sobre os quais até o ministro do mundo trouxa teve que ser

informado. Um deles era o de que a causa das mortes e das tragédias era o retorno de Lord Voldemort; o outro era que o mundo bruxo estava em guerra. O Profeta Diário, durante esse período, colocou avisos e informativos de defesa em suas edições. Por conta de uma tarefa passada do Lorde das Trevas para Draco Malfoy, Narcisa e sua irmã, Belatriz, foram para a casa de Snape em busca de ajuda. Severo e Narcisa fizeram o voto perpétuo jurando que, se Draco falhasse em sua missão, Snape a concluiria.

Harry continuava na Rua dos Alfeneiros. Porém, quinze dias depois do início das férias, Dumbledore o buscou. Eles foram diretamente para a casa de Horácio Slughorn, um ex-professor de Hogwarts que Dumbledore gostaria que voltasse a lecionar na escola. Ele acreditava que o professor só aceitaria o convite com a visita de Harry, já que se deslumbrava por alunos famosos. Estava certo e, então, Slughorn tornou-se o novo professor de Hogwarts.

Em seguida, retornaram para A Toca e Dumbledore afirmou que daria aulas particulares para Harry. Tonks aparentava estar muito cansada, e Lupin cada vez mais velho. Gui e Fleur anunciaram seu noivado. Além disso, chegaram os resultados dos N.O.M.s de Hermione, Rony e Harry, e todos ficaram surpresos com as notas, já que foram muito bem nos exames. Com isso, foram ao Beco Diagonal para comprar os novos materiais do ano. Entretanto, o clima estava bem diferente do que nos anos anteriores – muitas lojas fechadas, comércios ilegais na rua e pessoas conhecidas desaparecidas, além de inúmeras medidas de segurança. A única loja que parecia funcionar normalmente, sem medo dos Comensais da Morte, era a de logros, dos gêmeos Weasley, que se deram muito bem e estavam conseguindo muito dinheiro. Os amigos encontraram Draco Malfoy no beco, e ele parecia estar fazendo algo suspeito, mas o trio não conseguiu descobrir exatamente o que era. Sabiam apenas que Draco queria algo da loja Borgin e Burkes.

No trem para Hogwarts, Harry estava convicto de que Draco era um Comensal da Morte e resolveu espiá-lo através da capa de invisibilidade. No entanto, Malfoy descobriu a estratégia de Harry, petrificou-o e ainda quebrou seu nariz. Tonks, que estava de vigia na escola, descobriu Potter e levou-o para o castelo. Enfim, começou o ano letivo e Harry continuava com a sua vontade de tornar-se auror. Afortunadamente, conseguiu N.O.M.s suficientes em todas as disciplinas necessárias. Para isso, teve sorte, porque Snape tornou-se professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, e Slughorn professor de poções, permitindo que,

mesmo com uma nota mediana, Harry participasse das aulas de poções. Por ter recebido a informação de última hora, não havia comprado livro nem qualquer material da disciplina e, assim, teve que pegá-los emprestados do professor Slughorn. Para a sua surpresa, o livro que pegou havia pertencido a um tal de príncipe mestiço e estava cheio de dicas, truques e feitiços.

Dumbledore, conforme havia prometido, chamava Potter para suas aulas, que consistiam em adentrar o passado de Voldemort. A primeira aula falava sobre a família bruxa antepassada que pertencia à mãe do “Lorde”. Nesse contexto, Harry descobriu que, mesmo sendo eles descendentes diretos de Slytherin, eram porcos, rudes e repugnantes. Exceto a mãe de Voldemort, Mérope, que era apenas uma serva de seu pai e de seu irmão. Completamente apaixonada por um trouxa bonito que vivia nas redondezas, Tom Riddle, resolveu enfeitiçá-lo para ganhar seu amor e, feito isso, fugiu com ele e logo ficou grávida. Contudo, não aguentava mais usar artimanhas contra o rapaz, desfez o feitiço julgando que ele continuaria com ela por estar grávida, mas se enganou. Então, viu-se sozinha em Londres e, sem nenhum dinheiro, teve que vender a única coisa que tinha: o medalhão de Salazar Slytherin.

Em um dos passeios para Hogsmeade, Katie Bell foi enfeitiçada a entregar um colar amaldiçoado a Dumbledore. No entanto, tocou nele e acabou quase morta, internada no hospital bruxo St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos. O culpado por isso não foi pego. Na segunda aula de Dumbledore, Harry viu a lembrança de quando o professor foi ao orfanato para explicar ao jovem Riddle que ele era um bruxo.

Com a ajuda das anotações do Príncipe Mestiço, Harry conseguiu fazer uma poção perfeita a ponto de ganhar um prêmio, a Felix Felicis, ou popularmente conhecida como sorte líquida. Após uma partida muito boa de quadribol, Rony conquistou uma namorada, Lilá Brown, que deixou Hermione petrificada de ciúmes. Então, para a festa do professor Slughorn, ela convidou Córmaco para fazer ciúmes em Rony, e Harry levou Luna para aproveitar a companhia da amiga. Lá, Potter escutou uma conversa entre Draco e Snape, em que o professor mencionou ter feito um voto perpétuo para proteger o menino. Essa conversa gerou desconfiança em Harry com relação a Snape.

No Natal, na casa dos Weasley, Harry continuava firme em suas convicções de que Draco era um Comensal e Snape estava ajudando-o em uma missão. Enquanto todos jantavam, o Ministro da Magia e Percy Weasley passaram na Toca

com o intuito de tentar convencer Harry a se aliar ao ministério e, obviamente, ele foi completamente contrário a esta ideia.

Na terceira aula com o diretor, Dumbledore mostrou para Harry duas lembranças. A primeira era uma visita de Tom ao seu tio Morfino, que resultou no roubo de um anel (herança da família Peverell) e na incriminação de seu tio. Tom plantou uma memória de que o tio havia matado toda a família Riddle, mas quem fez isso foi ele próprio. A segunda lembrança era sobre Slughorn na época em que foi professor de Riddle; contudo, ela estava adulterada e não mostrava a verdadeira resposta do professor à seguinte pergunta que o aluno fez: “o que são Horcrux?”.

No aniversário de Rony, ele comeu, sem querer, chocolates recheados com poção do amor destinados a Harry. Com o intuito de buscar o antídoto e conseguir a lembrança completa de Slughorn, Harry foi ao encontro do professor em busca de ajuda. Então, conseguiram o antídoto e, ao fazer um brinde ao aniversariante, Rony foi envenenado e quase morreu, não fosse por Harry, que lembrou que bezoar curava a maioria dos venenos. O menino ficou na ala hospitalar por alguns dias e, depois da sua alta, rompeu seu relacionamento com Lilá.

Na quarta aula com o diretor, Harry, que não havia conseguido obter a lembrança completa de Slughorn, sentia-se completamente envergonhado por não ter efetivamente tentado. Ainda assim, Dumbledore lhe apresentou uma nova lembrança, em que uma senhora mostrou seus objetos mais valiosos ao jovem Tom Riddle, uma taça de Helga Hufflepuff e o medalhão de Slytherin, que antes pertenceu à mãe de Tom. A senhora foi encontrada morta no dia seguinte à lembrança e seus objetos haviam sumido. Outra lembrança, agora do próprio Dumbledore, foi a de Voldemort pedindo um cargo de professor para o jovem diretor, que recusou com sabedoria.

Harry havia pedido para Monstro e Dobby seguirem Malfoy, para saber o que ele estava tramando. Por sua vez, os elfos não descobriram o que era, mas sim aonde ele estava indo – Draco fazia visitas frequentes à Sala Precisa. Sendo assim, Harry não obteve sucesso em descobrir as informações pretendidas sobre o colega.

A única maneira que Harry tinha para conseguir a lembrança de Slughorn era com um pouco a mais de sorte. Então, tomou um pouco da poção e imediatamente sentiu-se sortudo. Encontrou o professor no meio do caminho para ir à casa de Hagrid, pois o amigo o havia convidado para o enterro de Aragogue. Com Félix dizendo-lhe o que fazer, Harry conseguiu extrair a lembrança e, no mesmo dia,

colocou-a na penseira de Dumbledore. Slughorn havia dado, para Tom, uma explicação sobre Horcrux, que é, basicamente, uma magia das trevas, pela qual uma pessoa consegue dividir sua alma por meio da morte de alguém e armazená-la em um objeto. Tal magia faz com que, se alguém atingir seu corpo, uma parte de você ainda estará viva – um passo para a imortalidade. O jovem Tom já alertou ao professor de que não se contentava apenas com uma, mas sim com sete Horcrux. Considerando tudo isso, Dumbledore conclui que o Diário que tentou matar Harry e Gina na Câmara Secreta e o anel da família Peverell eram uma Horcrux. Supôs ainda que o medalhão de Slytherin, a taça de Hufflepuff e a cobra Nagini também poderiam ser. Até então, duas delas já haviam sido destruídas, o anel por Dumbledore e o diário por Harry. Se todas as Horcrux fossem destruídas, finalmente Voldemort se tornaria apenas um homem mortal e, assim, morreria como qualquer outro.

Harry escutou Malfoy chorando no banheiro e conversando com a Murta Que Geme e ficou espiando, escondido. Então, quando Draco viu que estava sendo observado, empunhou a varinha e ambos travaram um duelo que só foi encerrado quando Harry executou um feitiço escrito pelo Príncipe Mestiço no livro de poções, o Sectumsempra, que cortou o corpo de Malfoy inteiro, fazendo-o perder muito sangue. Só não morreu porque Snape conseguiu reverter o feitiço. Como consequência, deu várias detenções a Harry e exigiu que verificasse todos os seus livros, mas não encontrou o do Príncipe porque Harry escondeu-o na Sala Precisa. Na volta de uma das detenções, Harry beijou Gina depois de descobrir que a Grifinória havia ganhado o jogo de quadribol do qual ele não pode participar.

Enquanto ia à sala do diretor, Harry escutou um grito e foi verificar. Era a Professora Trelawney, que havia sido expulsada da Sala Precisa. Segundo ela, aquela era a primeira vez que ela havia adentrado a sala com alguém. Ainda, disse que este alguém estava muito feliz, dando vivas de alegria. Harry concluiu que Draco havia conseguido o que pretendia. A professora ainda contou que, no dia em que foi contratada por Dumbledore (o mesmo dia em que fez a Profecia), Snape interrompeu sua entrevista. Harry, em choque, questionou a Dumbledore se realmente havia sido Snape quem contou metade da profecia para Voldemort, resultando na morte de seus pais. Dumbledore confirmou, mas continuava confiando cegamente em Snape, pois tinha certeza de que ele não tinha noção do que Voldemort faria com aquela informação.

Saíram de Hogwarts em busca de uma das Horcrux, que estava em uma caverna frequentada por Tom quando ainda morava no orfanato. Havia um lago negro cheio de cadáveres e, no meio, um recipiente com uma poção, o qual só era possível esvaziar ao beber a poção. Então, o professor tomou a poção e conseguiram pegar o medalhão no fundo do recipiente. Porém, logo que Harry tocou o lago, os cadáveres viraram uma espécie de mortos-vivos e tentaram arrastá-lo para o fundo do lago. Mesmo fraco, Dumbledore conseguiu salvá-los. Retornaram a Hogwarts e avistaram a marca negra pairando no céu. Pararam na Torre de Astronomia, na qual Dumbledore deu, a Harry, as instruções para que vestisse a capa de invisibilidade e procurasse Snape. Entretanto, foi interrompido por um feitiço que o paralisou. Draco havia desarmado Dumbledore e agora ameaçava matá-lo. Ainda assim, Malfoy não conseguiu concluir seu objetivo e, para espanto de Harry, Snape matou Alvo Dumbledore. Chocado, Potter correu atrás de vingança e descobriu que o Príncipe Mestiço era Severo Snape.

Mesmo que todos estivessem chocados com a morte do querido diretor, houve um enterro na propriedade da escola. Muitas pessoas compareceram para dizer adeus a um dos maiores bruxos já vistos. No fim do funeral, Harry entendeu que agora sua missão era encontrar as Horcrux e liquidá-las, principalmente porque o medalhão, pelo qual se arriscaram tanto, era falso e o verdadeiro estava com um tal de R.A.B.

### 3.7. HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE

Harry estava prestes a completar 17 anos e, portanto, atingir a maioridade bruxa, o que significaria quebrar o feitiço de proteção feito por Lillian Evans quando morreu. Por isso, a Ordem criou um plano para tirá-lo com segurança da casa dos Dursleys e transferi-lo para A Toca. A cada dupla dos integrantes, um deles tomou a poção polissuco e virou um Harry Potter, ou seja, havia sete dele saindo, cada um para uma direção diferente. No momento em que saíram, foram atacados por inúmeros Comensais da Morte, resultando na morte de Olho Tonto Moody, na perda da orelha de Fred e também na morte da coruja de Harry, Edwiges.

Chegando à Toca, depois de alguns dias, comemoraram o aniversário de Harry e o Ministro os visitou e entregou para Harry, Rony e Hermione os objetos que constavam no testamento. Para Granger, deu um dos exemplares de Beedle, o

Bardo; para Weasley, seu desiluminador; e, para Potter, seu primeiro pomo de ouro e a espada de Gryffindor (que não foi entregue, pois o ministro acreditava que não pertencia a Dumbledore e, sendo assim, ele não poderia entregar para alguém).

No dia seguinte, ocorreu o casamento de Gui e Fleur. Estava tudo bem, até que o patrono de Kingsley entrou na tenda afirmando que o ministro havia sido morto, que o ministério havia caído e que Comensais da Morte estariam chegando. O pânico se instaurou. O trio aparatou (nome dado à forma como os bruxos saem de um lugar e aparecem em outro) e foi para um café, na tentativa de processar o que acabou de acontecer. Entretanto, dois comensais os acharam lá. Batalharam, conseguiram escapar e foram, então, para o Largo Grimmauld 12.

Nesse lugar, encontraram a resposta que tanto procuravam e descobriram quem era R.A.B. – irmão mais novo de Sirius, Regulus Black. Também lembraram-se de que, no ano anterior, haviam jogado um medalhão no lixo. Desesperados, nutriam esperanças de que Monstro tivesse resgatado-o e guardado-o. Chamaram Monstro, que contou, com pesar, como Regulus havia sacrificado sua vida por ele e para resgatar o medalhão. Regulus morreu na caverna e pediu a Monstro para que ele destruísse o medalhão, já que não havia conseguido. Como a sede havia sido roubada por Mundungo, o trio acreditava que talvez o medalhão estivesse com ele. Visto isso, pediram a Monstro para localizá-lo.

Quando o encurralaram, Mundungo disse que Dolores Umbridge havia pego o medalhão para ela. Então, o trio passou a bolar um plano para se infiltrar no Ministério com o objetivo de capturar o medalhão. Decidiram usar a poção Polissuco e se transformaram em três funcionários que estariam a caminho do Ministério. Chegando lá, Rony foi chamado para consertar uma sala em que estava, literalmente, chovendo. Hermione ficou ao lado de Umbridge em um julgamento e Harry foi procurar o medalhão na sala de Dolores. O plano era que nenhum deles se separasse. Ficaram completamente perdidos, até que Harry viu o medalhão pendurado no pescoço de Umbridge e conseguiu capturá-lo, estuporando-a. Fugiram do Ministério cercados de dementadores e estavam prestes a retornar para o Largo Grimmauld quando alguém os seguiu, fazendo com que precisassem mudar de localização abruptamente. Com isso, Rony estrunchou (perdeu um pedaço do corpo ao aparatar).

Os meninos conseguiram amenizar os ferimentos do amigo, mas não tinham uma casa para ficar. Então, Hermione tirou uma barraca de sua bolsa e começou a

circular a área com inúmeros feitiços de proteção. Continuaram discutindo sobre as outras Horcruxes, imaginando estariam. Certo dia, ouviram cinco vozes do lado de fora da barraca, o que confirmava que os feitiços protetivos funcionavam. Dos cinco, o trio conhecia dois deles – Dino Thomas e Ted Tonks, que estavam fugindo porque o Ministério estava caçando nascidos trouxas. Além deles, havia mais um homem chamado Dirk, que fugiu de Azkaban, e dois duendes, Grampo e Gornope, que, por não reconhecerem senhores bruxos, abandonaram o banco Gringotes.

A conversa entre eles continha algumas informações valiosas, sendo elas: Snape como o diretor de Hogwarts; Gina, Luna e Neville tentaram roubar a espada de Griffyndor do escritório do diretor; a espada foi transferida para o cofre de Belatriz, em Gringotes; os duendes constataram que a espada no cofre é apenas uma réplica.

Para averiguar as afirmações e tirar algumas dúvidas, Hermione tirou de sua bolsa o quadro do ex-diretor Fineus Nigellus, que haviam pego no Largo Grimmauld. O diretor contou que Luna, Neville e Gina receberam o castigo de ir para a Floresta Proibida. Contou também que a lâmina da espada repele a sujeira e absorve apenas o que lhe fortalece. E o mais importante: Dumbledore havia usado a espada para rachar um anel.

Harry e Hermione estavam eufóricos, tendo em vista que entenderam, finalmente, o motivo de Dumbledore deixar a espada para Harry no testamento. Ela estava impregnada de veneno de basilisco, ou seja, destruía Horcruxes. Porém, Rony estava bem bravo, justamente por ser mais uma coisa para acharem, estava frustrado por não terem comida, por passarem frio; e, além disso, estava cansado de não progredirem tanto quanto esperava. Pensou que Dumbledore tivesse dado instruções claras para Harry, o que não aconteceu. Então, depois de uma briga feia entre Harry e Rony, este desapareceu e foi embora.

Mesmo com dor no coração, Hermione e Harry mudaram de lugar. Hermione achou um símbolo escrito à mão em um dos contos do livro que Dumbledore deixou para ela. Harry reconheceu-o e lembrou que Xenofilo Lovegood estava usando um colar com esse símbolo no casamento de Gui e Fleur e que Krum havia lhe contado que era a marca de Grindelwald. Resolveram, então, ir até Godric's Hollow, local onde Harry e o próprio Gryffindor nasceram. Ademais, Batilda Bagshot, amiga de Dumbledore e historiadora famosa, residia lá.

Por ser um lugar que Voldemort esperava que Harry visitaria por ter o túmulo de seus pais, Hermione e Harry foram com toda a cautela possível, usando poção polissuco e a capa da invisibilidade. Lá, encontraram a casa em que Harry havia morado, um monumento de seus pais e seus túmulos. Batilda Bagshot veio ao encontro deles e os atraiu até sua casa. Após conversarem um pouco, Harry se separou de Hermione na casa, e Batilda se transformou em Nagini e tentou atacá-lo. A dupla de amigos escapou de Voldemort por um triz, conseguiram deseparatar.

Na situação, a varinha de Harry partiu ao meio, o que deixou-o muito triste e fez com que ele passasse a dividir a varinha de Hermione. Já instalados em uma floresta, Hermione mostrou-lhe o livro que pegou na casa de Batilda, em que Rita Skeeter escreveu sobre Dumbledore, cujo título era “A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore”. Com o objetivo de entender um pouco mais, leram o capítulo que continha uma foto de Dumbledore e Grindelwald quando jovens, gargalhando. Descobriram que eles foram muito amigos e que planejavam algo para um “bem maior”, que, no futuro, acabou sendo o lema de Grindelwald e a justificativa de cometer inúmeras atrocidades. Ver que Dumbledore se relacionava com alguém desse nível fez Harry duvidar de quem era o professor a quem amava e se realmente o conhecia.

Depois de um tempo na vigia fora da barraca, Harry viu um patrono de uma corsa e, pensando que ela representava algo bom, seguiu-a. Ela o levou para um lago congelado, e dentro dele havia a espada. Para resgatá-la, Harry precisou entrar no lago, mas esqueceu-se de tirar a Horcrux do pescoço e teria se afogado, se não fosse por Rony, que apareceu, resgatou Harry e pegou a espada. No embalo do momento, também destruiu o medalhão. De volta à barraca, onde Hermione estava, ela ficou brava e feliz ao mesmo tempo. Brava por Rony tê-los abandonado e feliz pelo seu retorno. Ele explicou que só conseguiu voltar para onde eles estavam porque o desiluminador projetou a voz de Hermione e, então, uma bola luminosa saiu dele e levou-o para onde seus amigos estavam.

Depois de muita conversa, Hermione reparou que a assinatura de Dumbledore tinha o símbolo que aparecia nos contos de Beedle, o bardo. Assim, sugeriu que fizessem uma visita a Xenofílio Lovegood. Chegando lá, o pai de Luna estava estranho, sujo e um pouco desorientado. Mesmo assim, contou para o trio que aquele símbolo se referia às Relíquias da Morte, derivada do conto dos Três Irmãos presentes no livro que Dumbledore deixou para Hermione. O conto narra

que três irmãos escaparam da Morte ao conseguirem atravessar um rio sem se afogar. Por isso, ela concedeu-lhes uma recompensa para cada. O irmão mais velho ganhou a varinha das varinhas; o irmão do meio a pedra da ressurreição; e o mais novo a capa da invisibilidade. Juntas formavam as Relíquias da Morte, que seria o símbolo visto na assinatura de Dumbledore – um triângulo sendo a capa, um círculo sendo a pedra e um risco na vertical sendo a varinha.

Logo após o fim da história, Comensais da Morte invadiram a casa. Xenofílio havia chamado-os para trocar Harry pela sua filha Luna, que havia sido sequestrada. O trio conseguiu fugir em segurança e discutiu a razão pela qual Dumbledore os fez procurar essas informações. Harry pensava que era para que ele adquirisse as Relíquias, pensava que sua capa era a do conto e que no pomo de ouro estaria escondida a pedra, só precisaria achar a varinha. Voldemort também estaria procurando a varinha das varinhas, o que deixava Harry ainda mais obcecado com essa ideia. Entretanto, em um momento de deslize, falaram o nome de Voldemort e, imediatamente, Comensais da Morte se infiltraram nas defesas ao redor da barraca e conseguiram capturar os três. Não reconheceram Harry, pois Hermione conseguiu lançar um feitiço em sua cara, fazendo-o inchar. Os Comensais já haviam capturado Dino Thomas e Grampo, então levaram todos os cinco para a Mansão dos Malfoy.

Lá, pediram para Draco reconhecê-los, mas ele não conseguiu. Belatriz viu que o trio tinha a espada e enlouqueceu. Trancou os meninos no porão em que já estavam Luna e Olivaras e começou a torturar Hermione para descobrir onde eles haviam conseguido a espada. Chamou Grampo para reconhecê-la e, a pedido de Harry, ele disse que aquela era uma espada falsa. Harry olhou no espelho que Sirius havia lhe dado de presente e pediu ajuda. Segundos depois, apareceu Dobby, que retirou Luna e Olivaras do porão. Rabicho entrou para apanhar Harry e Rony, mas demonstrou piedade, e a mão que Voldemort lhe havia dado se voltou contra ele mesmo e o enforcou.

Houve um duelo na sala dos Malfoy e os amigos conseguiram escapar de lá por conta de Dobby, que desapareceu com eles e levou-os para o Chalé das Conchas, casa de Gui e Fleur. Porém, quando chegaram, Harry viu que Dobby sangrava muito – a adaga de Belatriz havia perfurado o minúsculo peito do elfo, levando-o a falecer.

Ainda que estivesse atordoado pela morte de Dobby, Harry quis conversar com Grampo e Olivaras. Para Grampo, propôs que ele o ajudasse a arrombar o

cofre da família Lestrage, em Gringotes. O duende o achou louco, mas aceitou a proposta em troca da espada de Gryffindor. Harry pensava que, pela reação de Belatriz, havia uma horcrux no cofre dela. Já para Olivaras, fez algumas perguntas referentes a varinhas, por exemplo, quis saber como ele havia pego as varinhas de Belatriz Lestrage e de Draco Malfoy. A varinha de Draco, pelo fato de Harry tê-la tomado de sua mão, passou a ser dele e ele conquistou sua lealdade. Por sua vez, Rony tirou a varinha de Rabicho e, sendo assim, deveria usá-la. Harry perguntou a Olivaras sobre a varinha das varinhas, se tinha mais alguma informação sobre ela, mas não descobriu mais do que já sabia previamente.

Voldemort conseguiu localizar a varinha das varinhas, que estava enterrada em Hogwarts com seu antigo dono, Dumbledore. Obviamente, ele violou o túmulo do professor e agora tinha a varinha das varinhas.

Em meio a tudo isso, Lupin apareceu com a notícia de que seu bebê e de Tonks nasceu e era um menino, batizado de Teddy Lupin e de quem Harry seria o padrinho.

O trio começou a bolar um plano para invadir Gringotes. Hermione tomaria a poção polissuco e se transformaria em Belatriz. Rony mudaria um pouco suas feições, enquanto Harry e Grampo ficariam escondidos debaixo da capa de invisibilidade. No dia da execução, tudo transcorria sem problemas, até encontrarem um Comensal que comentou que a varinha de Belatriz havia sido roubada e achava estranho que ela mesma estivesse usando-a, mas não a confrontou e seguiu-a até o banco. Harry teve que usar a maldição império, tanto em um dos duendes quanto no Comensal, para que conseguissem concluir o plano.

Assim, conseguiram chegar no cofre, mas tinham pouco tempo porque os duendes já sabiam que havia intrusos. Com muita dificuldade, encontraram a taça de Helga Hufflepuff, ou seja, a quarta Horcrux. Todavia, perderam a espada para Grampo, que desapareceu logo em seguida. Com muitos guardas ao redor do trio, escaparam montados no dragão que guardava o cofre e, dessa forma, conseguiram sair em segurança.

Harry se conectou à mente de Voldemort e teve vislumbres de sua ira. Matou todos os duendes em seu caminho e confirmou que a outra Horcrux estava em Hogwarts. O trio decidiu ir por Hogsmeade para chegar na escola. Porém, os Comensais já estavam aguardando-os. Por sorte, foram ajudados pelo barman do Cabeça de Javali, que descobriram ser Aberforth, irmão de Dumbledore, que os

estava vigiando desde sempre, pelo espelho de Sirius. Além disso, era ele quem havia mandado Dobby.

Mesmo que Aberforth houvesse falado para Harry fugir e abandonar o plano de seu irmão, ele os ajudou a entrar em Hogwarts. Lá, muitos estavam refugiados na sala precisa e aguardavam instruções do que fazer. Harry comentou que estava atrás de um objeto que talvez tivesse pertencido a Ravenclaw, e Luna comentou do diadema perdido. Decidiram, então, ir à sala comunal da Corvinal para ver a estátua de Ravenclaw, que estava usando o diadema. Um dos comensais já aguardava por Harry e conseguiu chamar Voldemort, mas foi estupefocado por Luna e perdeu a consciência. Outro comensal chegou acompanhado de Minerva McGonagall, mas eles discutiram e ele cuspiu na professora. Harry considerou isso inadmissível, saiu de debaixo da capa e o atacou. Devido a Voldemort já saber onde Harry estava, os professores e alunos se prepararam para lutar, estavam protegendo o castelo e mandando os menores de idade para casa. Snape fugiu da escola, deixando-os livres para reforçar a segurança enquanto Potter procurava o tal diadema.

Harry pensou que, se ninguém vivo havia visto o diadema, alguém morto com certeza poderia. Sendo assim, perguntou para a dama cinzenta – fantasma da Corvinal que Harry descobriu ser a própria filha de Ravenclaw – se ela conhecia sobre o diadema perdido. Ela disse que Voldemort havia conseguido localizar a tiara. Por isso, Harry concluiu que ele havia escondido o diadema em Hogwarts quando viera pedir emprego para Dumbledore, ou seja, devia tê-lo escondido em algum lugar próximo ao escritório. O menino, então, concluiu que havia sido na sala precisa.

Em seguida, encontrou-se com Rony e Hermione, que haviam ido até a Câmara Secreta atrás de presas de basilisco para destruir a taça e o diadema. Os dois se beijaram logo depois de Rony se lembrar de salvar os elfos domésticos que trabalhavam na cozinha.

Na sala precisa, encontraram Draco, Crabbe e Goyle. Acharam o diadema, mas Crabbe ateou fogomaldito na sala e acabou morrendo – não sem destruir a Horcrux. Harry entrou na mente de Voldemort e descobriu que ele estava na casa dos gritos, junto da cobra. Foi até lá usando a capa e escutou a conversa entre Voldemort e Snape. Você-sabe-quem matou Snape por acreditar que a varinha das varinhas não o obedecia porque pertencia ao professor, já que ele matou Dumbledore.

Harry colheu algumas memórias de Snape, já que o professor, em seu leito de morte, pediu para que ele o fizesse. Voldemort cessou a luta, requerendo que suas forças se retirassem do castelo, e disse que Harry teria uma hora para se entregar, senão recomeçariam a luta.

Ao chegar no salão principal, Potter viu os que morreram: Tonks, Lupin, Fred e muitos outros alunos. Foi em direção ao escritório do diretor e depositou as memórias de Snape na penseira. Elas revelaram que Snape e Lilian eram muito amigos, até ele chamá-la de sangue-ruim. Mesmo assim, ele era apaixonado por ela até a sua morte. Quem enviou o patrono da corsa para Harry foi Snape, que o tinha por ser o mesmo que o de Lilian. Ao longo de todo esse tempo, Snape estava seguindo ordens de Dumbledore – havia sido ele quem mandara matar Harry. Além disso, em uma das conversas, Dumbledore revelou para Snape que Harry era a última Horcrux de Voldemort e por isso, no fim, deveria morrer.

Decidido, Harry foi em direção à Floresta Proibida destinado a morrer. Lembrou-se do pomo de ouro e disse que estava prestes a morrer. O pomo se abriu, revelando a pedra da ressurreição. Assim, Lilian, Tiago, Sirius e Lupin apareceram para Harry e o encorajaram a seguir seu destino.

Quando Voldemort lançou a maldição da morte a Harry, ele não morreu, e Voldemort matou, na realidade, a Horcrux presente no menino. Como ambos compartilhavam do mesmo sangue, a proteção que Lilian havia feito impedia que Harry morresse enquanto Voldemort sobrevivesse. Narcisa Malfoy foi examinar o corpo de Potter para ter certeza de que ele havia morrido e, vendo sua respiração, ela perguntou pelo filho, pois sabia que a única forma de retornarem ao castelo era dizendo que Harry havia morrido.

Quando Voldemort e os Comensais chegaram com Hagrid carregando o corpo de Harry, todos em Hogwarts ficaram em choque. Depois de um discurso do Lord das Trevas que humilhou Neville com o chapéu seletor, a esperança regressou ao colégio. De dentro do chapéu, caiu a espada e Neville a empunhou, matando a cobra. Finalmente, só restava Voldemort para deter.

A batalha recomeçou e Belatriz foi morta por Molly Weasley. Depois, a luta ficou entre Voldemort e Harry. Assim que Voldemort lançou o feitiço da morte, Harry lançou Expelliarmus. A varinha das varinhas voou da mão de Voldemort e parou na mão de Harry, e o feitiço que Voldemort havia lançado ricocheteou e acabou

matando-o. Morreu como qualquer homem comum, depois de receber o Avada Kedavra.

Com o fim da batalha, Harry voltou ao escritório do diretor e foi recebido com aplausos pelos quadros na parede. Usou a varinha das varinhas para consertar sua antiga varinha e deixou a outra no túmulo de seu antigo dono, Dumbledore.

Dezenove anos depois, Harry estava na plataforma 9  $\frac{3}{4}$  com Gina e seus filhos, Lilian, Alvo e Tiago, embarcando no trem para Hogwarts e encontraram Hermione, Rony e seus filhos, Hugo e Rosa. Ademais, viram Draco Malfoy, sua esposa e seu filho, Escorpios. Tudo estava bem.

#### **4. TÓPICOS ESSENCIAIS DA ESCOLA SIGNIFICATIVA**

##### **4.1. PROFESSOR**

Uma escola só é significativa se os profissionais que a constroem estão dispostos a moldá-la conforme a necessidade de cada um, e não sendo engessada, em que o cotidiano é monótono e as novas ideias não são escutadas. Por esse motivo, o professor é o principal meio para que o aluno enxergue a sua instituição como significativa, pois essa relação está pautada na afetividade. É um fato que, em qualquer relação entre pessoas, um sentimento será colocado em destaque, e o relacionamento professor-aluno não difere disso. Isso porque ele é um relacionamento do cotidiano – o aluno vê o professor diariamente, em certos casos passa mais tempo com ele do que com sua própria família. E por ser um relacionamento intenso, o professor ganha destaque, tendo em vista que, sem ele, a escola significativa não existe.

Não é de se estranhar que essa relação seja tão importante. Sabe-se que, para a criança pequena, que nunca ficou tanto tempo fora de casa e, conseqüentemente, sem sua mãe, o professor é o símbolo de uma extensão do seu antigo cotidiano. Logo, é papel do pedagogo fazer com que essa criança sintam-se acolhida e queira estar na escola.

Esse caráter de extensão ou complementação da mãe esperado pela professora de Educação Infantil – especialmente de zero a três anos – refere-se a aspectos mais profundos da criança, envolvendo afeto, vínculo, segurança e fantasia dirigidos à professora, com base nos modos de ser e

estar da criança com a mãe e outras pessoas queridas. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 31)

Quando o aluno entra na escola desamparado, é preciso um esforço do professor para conhecê-lo de uma forma que o faça ficar confortável, sentir-se realmente pertencente ao local e, principalmente, ver que a professora se importa com ele. E isso não só com as crianças pequenas, mas também com os adolescentes e jovens. Para conseguir esse efeito, o educador deve saber o nome de seus alunos, procurar conhecê-los melhor, saber do que gostam, o que fazem após as aulas, no que são bons e acompanhar a jornada deles, lembrando-se de reconhecer os ganhos de cada um. Se considerarmos a perspectiva do amor ao aluno, ele não deve ser considerado obrigatório, pois não é possível forçar uma situação em que o professor ame todos os seus alunos. Além disso, esse amor é indireto e, visto isso, é importante reconhecer que o educador deve conhecer seu aluno, e não obrigatoriamente amá-lo, conforme dito anteriormente.

Conhecer a criança significa ter alguma ideia sobre seu estado de espírito [...] conhecer também significa “entrar em contato”, “estar com”, “ter empatia com” e entender a criança. Denominamos de conhecimento efetivo esse conhecimento sobre a criança (ou jovem) que se adquire através de uma sintonia e uma relação empática do professor com ela (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 52)

Nesse sentido, é papel do professor, também, ficar atento aos pequenos gestos e às brincadeiras de seus alunos, pois eles se comunicam usando muito mais do que a forma oral, e isso deve ficar claro para que, no cotidiano, as intenções de cada um sejam apreensíveis. Inclusive, o docente não deve invadir o espaço dos estudantes de uma forma que os deixe desconfortáveis, o que pode ter o efeito reverso do bom conhecimento do aluno. Esse conhecimento é necessário para quando há dúvidas, questionamentos e perguntas em sala de aula, situações nas quais se espera uma postura específica do professor perante certo comentário, feito por tal aluno. E é a partir dessas respostas que o vínculo professor-aluno vai se firmando, tendo em vista que o professor oferece para o aluno o que ele precisa.

para o professor e para o gestor educacional de uma escola significativa, interessa estabelecer uma comunicação clara e no adequado tom afetivo, mas sem descuidar de aspectos mais sutis e ocultos das emoções e das ideias apresentadas pelos alunos, especialmente quando se mostram mais relevantes e audíveis. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 85-86)

## 4.2. ALUNO

O aluno da escola significativa não é alguém que apenas absorve informação, mas sim que participa ativamente do cenário escolar, até porque o período escolar também constitui a sua vida. O relacionamento entre alunos, corpo docente e funcionários deve ser focado em transformar o ambiente escolar no mais acolhedor possível e que, principalmente, promova um bem-estar.

Sendo assim, o discente deve sentir que a escola o deseja, deve sentir-se bem recebido e, acima de tudo, que o que aprende tem sua devida importância. Portanto, o papel da escola em relação ao aluno, segundo Villela e Archangelo (2015, p. 103),

tem ao lado da família, a função de educar a criança, o que envolve motivá-la, desenvolver todos os seus potenciais, favorecer um ambiente acolhedor no qual se reconheça como parte, favorecer seu bem-estar e felicidade, além de oferecer um adequado campo e suporte para que supere os inevitáveis conflitos, angústias e desilusões que acompanham ou se alternam com seus bons momentos.

## 4.3 FAMÍLIA

A educação da criança é influenciada por tudo que a rodeia; porém, a família e a escola carregam a responsabilidade legal por essa educação. Sendo esta não somente conteudista, mas também moral, psicológica e emocional, buscando o desenvolvimento completo do indivíduo. Parafraseando Villela e Archangelo (2017, p.42), a família promove um melhor vínculo afetivo, no sentido de preservação, do que a escola. Entretanto, se não houver isso por parte da família, cabe à escola suprir essa falta.

A escola, portanto, em geral, parte de patamares bastante sólidos em relação ao desenvolvimento emocional da criança, ainda que com direito a crises, tristezas, reações mais impulsivas, dúvidas, regressões emocionais comuns a toda criança e, por que não dizer, a todo ser humano. Todavia, é importante que a escola não tome tais patamares como exigência prévia ao desenvolvimento de seu trabalho. A ela cabe a tarefa não apenas de trabalhar a partir dos patamares esperados de desenvolvimento emocional, mas também, fundamentalmente, de dar sustentação ao estado emocional em que se encontra a criança que chega à escola. (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 43)

Por isso, a escola não deve ser preconceituosa em relação à família ou julgá-la por inúmeros motivos, como quando a criança apresenta dificuldades em alguma matéria. Isso porque é papel da escola – lugar onde as crianças e os adolescentes passam a maior parte de seus dias – oferecer esse suporte e suprir quaisquer problemas que o aluno possa enfrentar. Obviamente, o contato com a família é desejável, justamente pelo fato de que a escola é a instituição responsável por cuidar dessas crianças. Logo, deve procurar estabelecer um vínculo com os pais e responsáveis.

A escola significativa reconhece a relevância da família no processo amplo de formação do aluno. Por isso, esmera-se em compreender seus modos de ser e em promover o vínculo com ela, de modo a fortalecer todas as ações voltadas ao desenvolvimento e ao bem-estar da criança e do jovem. Porém, sabedora de que nem sempre é possível contar com a contribuição da família, a escola significativa chama para si a tarefa que lhe cabe, sem usar a dificuldade familiar, seja de que ordem for, como subterfúgio para justificar sua própria omissão ou seu eventual fracasso no processo educativo. (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 86)

Normalmente, essa relação escola-família tende a se firmar por meio de encontros que a escola propõe, como reunião de pais e mestres, festas comemorativas e eventos extracurriculares. Porém, a instituição deve compreender que nem sempre a família vai a esses encontros, por isso deve atentar-se quanto a quem é responsável pelas tarefas da criança e pelo monitoramento da educação. Dito isso, se essa pessoa for alguém que não o pai ou a mãe – a irmã mais velha, por exemplo – é com ela que a instituição deve insistir no contato. A família presta um auxílio à escola quando consegue estabelecer um vínculo com ela, considerando que acompanha o processo de aprendizado do aluno e oferece assistência sobre o comportamento da criança ou adolescente. Quanto a isso, vale lembrar que esse auxílio não é condição imprescindível, já que, embora possa ser facilitador, o plano pedagógico da escola não pode estar exclusivamente dependente dele, pois, conforme já dito, esse papel também é dela.

A escola significativa é aquela que articula seus atos educacionais – e, se possível, também seus atos administrativos – em função do desenvolvimento amplo do aluno. O contato significativo com os pais de aluno, à semelhança, também deve ser pautado por um cuidado e um diálogo fundados no estabelecimento de uma relação de confiança, buscando evitar incluir os pais em uma rotina maçante de atos administrativos e comunicações oficiais infundáveis e, muitas vezes, constrangedores. (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 152)

Ainda segundo Villela e Archangelo (2017, p. 220), a família tem relação com uma escola significativa e deve sentir confiança, coparticipação e copertencimento. Normalmente isso não acontece por algumas razões, dentre elas: a escola ser burocrática ou protocolar, ser persecutória e perseguidora, disciplinadora e responsabilizadora. Visto isso, para que a escola seja significativa ela deve, prioritariamente, sê-lo para o aluno e, se conseguir, para a família.

## **5. O UNIVERSO DE HARRY POTTER NO CONTEXTO DA ESCOLA SIGNIFICATIVA**

Após a imersão na história do bruxinho mais amado do mundo e a dissertação acerca da escola significativa e todos os seus destaques, chega-se ao momento de analisar os conceitos fundamentais da escola significativa relacionando-os com toda a literatura do universo de Harry Potter.

### **5.1. ANO UM**

Sabe-se que em *A pedra filosofal*, primeiro livro da saga, Harry tem seu primeiro contato com o mundo da magia e, conseqüentemente, com Hogwarts. A narrativa nos fornece excelentes cenários de relação com a escola significativa. No início, a relação estabelecida se trata do fato de conhecer o protagonista e sua família.

A família é importante para a escola significativa, pois ela pode auxiliar o aluno, como dito anteriormente, em seu processo de desenvolvimento. Todavia, a escola deve oferecer todos os recursos necessários para que a experiência do aluno seja significativa, tendo uma família que o auxilie ou não. A base da vida de uma pessoa são as primeiras relações e, no caso, Harry é órfão. Suas primeiras relações significativas duraram apenas um ano, já que com os tios, que assumiram a responsabilidade legal sobre Harry após a morte de seus pais, as relações se deterioraram. Nesse contexto, ele passou a ser invisível ou alvo de hostilidade – tanto que dormia embaixo da escada, um lugar minúsculo, cheio de poeira e aranhas. “Com frequência, os Dursley falavam de Harry assim, como se ele não estivesse presente – ou melhor, como se ele fosse alguma coisa muito desprezível

que não conseguisse entendê-los, como uma lesma” (ROWLING, 1997, p. 24). Era nítido que, por eles, o menino nem existiria.

A diferença era tão grande no tratamento do filho e do sobrinho que até a educação seria diferente. Até os 10 anos, Harry estudou junto com o primo, ou seja, recebeu a mesma educação escolar, ainda que a familiar fosse muito diferente. De um lado o filho mimado, bem alimentado, cheio de presentes, carinhos e atenção, e de outro o primo magricela, com óculos remendados, roupas velhas, que não tinha nem um quarto (sendo que na casa havia mais dois quartos vagos e um só era usado para guardar os brinquedos quebrados de Duda). Por conta da aparência relaxada de Harry, ele sofreria um pouco no colégio. “Na escola Harry não tinha ninguém. Todos sabiam que a turma de Duda odiava aquele estranho Harry Potter com suas roupas velhas e folgadas e os seus óculos remendados, e ninguém gostava de contrariar a turma do Duda” (ROWLING, 1997, p. 31). Isso logo mudaria, pois os tios colocariam Harry na escola secundária local e Duda na Smeltings, um colégio particular renomado.

Tudo mudou quando Harry foi aceito na escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Sua relação familiar já não era a mesma, porque obteve informações das quais não sabia até então, sobre seus pais. “Então ela conheceu Potter na escola e eles saíram de casa, casaram e tiveram você, e é claro que eu sabia que você ia ser igual, esquisito, anormal, e então ela vai e me faz o favor de se explodir e nos deixar entalados com você!” (ROWLING, 1997, p. 51). Harry é um bruxo, muito famoso nesse outro “mundo” e, nesse ambiente, consegue recuperar o sentimento de ter sido profundamente amado por seus pais durante seu primeiro ano de vida. Aquela experiência íntima do amor dos pais, que havia sido obscurecida pela hostilidade dos tios, voltou à sua consciência e passou a ser uma certeza. Mais à frente, é possível discutir a importância que o amor dos pais de Harry teve em sua jornada. Depois desse fato, os Dursley, talvez por medo, passaram a tratar Harry com um pouco mais de decência.

Sabe-se que Harry foi deixado na porta da casa de seus tios por Dumbledore, o diretor de Hogwarts, que sabia que o menino não seria bem recebido. Porém, pode-se questionar a razão pela qual, então, Harry não foi morar em Hogwarts? Por que Dumbledore, sabendo que ele sofreria, deixou-o com seus tios? Há alguns motivos que serão abordados mais adiante, mas o principal seria o explicado por Archangelo e Villela (2015, p. 112):

A criança premiada pode se sentir bastante ameaçada na condição de “vencedor” ou “campeão” (Rustin, 2001). Esse sentimento persecutório tanto pode ser reativo às manifestações de inveja dos demais quanto advir da fantasia de responsabilidade que estar “no topo” impõe. A criança (mas não apenas ela) pode imaginar que, dali em diante, qualquer coisa “menor” que o “primeiro lugar”, decepcionara o adulto de referência.

Ou seja, a probabilidade de Harry sentir-se pressionado pela sua fama, caso tivesse permanecido no mundo bruxo e soubesse de tudo, seria bem grande.

A notícia de que estudaria em outra escola, longe dos Dursley, e ainda mais sendo ela de magia, foi um sonho para Harry. Justamente por ter tido relações tão deterioradas em seu círculo familiar, a ideia de ficar longe de sua família fez Harry enxergar a oportunidade como algo encantador. Dito isso, faz-se necessário discorrer um pouco mais sobre Hogwarts. Como se sabe, não é qualquer pessoa que consegue estudar nessa escola. O próprio colégio seleciona e convida seus alunos a estudarem lá, por meio de uma carta. Só com esse fato, já é possível induzir que os alunos se sentem lisonjeados pelo convite e, assim, a escola acaba já conquistando o carinho de seus futuros estudantes. Isso, na escola significativa, é um elemento-chave, pois indica que a escola deseja a presença do aluno. Outra coisa interessante é a lista de materiais que já é anexada à carta. Nela há itens como: uniforme, livros e outros equipamentos. Todos os alunos chegam à escola pelo mesmo meio de transporte, um trem, e permanecem nas suas instalações até as férias e os feriados. Hogwarts é, então, um internato, onde os alunos dormem, comem, fazem suas atividades físicas e de lazer, ou seja, eles vivem suas vidas dentro da escola. Desse modo, é ela que lhes proporciona experiências significativas, que lhes dá sustentação psíquica para os sentimentos e é ali que os alunos enfrentam suas dificuldades, anseios, amores, questionamentos, alegrias, tristezas e, por fim, amadurecem.

Ainda a respeito desse primeiro contato com a escola, é importante ressaltar, de acordo com Villela e Archangelo (2015, p. 45), que

as primeiras impressões são fundamentais porque dão origem à sensação subjetiva sobre se a escola é agradável ou não, se é reconfortante ou ameaçadora, se é exigente ou não, se é bem ou mal cuidada, se quer ou não aquele determinado aluno por lá.

Ademais, vê-se que Hogwarts atenta-se aos mínimos detalhes para receber seus novos alunos. Hagrid, por exemplo, encaminha-os para barquinhos, atividade exclusiva para os alunos do primeiro ano.

– Vocês vão ter a primeira visão de Hogwarts em um segundo – Hagrid gritou por cima do ombro –, logo depois dessa curva.

Ouviu-se um Aooooooh muito alto.

O caminho estreito se abriu de repente até a margem de um grande lago escuro. Encarrapitado no alto de um penhasco na margem oposta, as janelas cintilando no céu estrelado, havia um imenso castelo com muitas torres e torrinhas. (ROWLING, 1997, p. 99)

Nesse primeiro dia de aula, os calouros entram separados dos veteranos, o que os deixa mais confortáveis e cria um ambiente agradável para que conheçam os colegas que estão sentindo a mesma empolgação, ansiedade e insegurança, devido ao começo de algo novo.

Bem-vindos a Hogwarts – disse a Profa. Minerva – O banquete de abertura do ano letivo vai começar daqui a pouco, mas antes de se sentarem às mesas, vocês serão selecionados por casas. A Seleção é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui, sua casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão a aulas com o restante dos alunos de sua casa, dormirão no dormitório da casa e passarão o tempo livre na sala comunal. (ROWLING, 1997, p. 101)

Considerando que os os alunos ficam longe de suas famílias, é primordial que a escola lhes ofereça esse aconchego e, principalmente, uma base digna para a vida – algo fundamental para uma escola significativa. Hogwarts, com seu sistema de acolhimento, oferece camas confortáveis, salas comunais aconchegantes, comida de alta qualidade e sua beleza arquitetônica. Portanto, há, certamente, o acolhimento aos alunos, o que significa que o colégio se importa com seus estudantes. “Harry jamais imaginara um lugar tão diferente e esplêndido” (ROWLING, 1997, p. 103). É papel da escola fazer com que seus alunos sejam felizes nesse ambiente, e isso só é possível quando há uma preocupação com o acolhimento.

A imagem inicial da escola, formada pela experiência de cada aluno com o conjunto de atividades iniciais preparadas por gestores, professores e outros funcionários, influencia seus primeiros passos na escola, bem como boa parte dos passos subsequentes. Esse momento é, portanto, uma oportunidade para a escola significativa mostrar a que veio, para constituir novas amizades. O sentimento de acolhimento emocional e pedagógico que disso decorre é o passo inicial importantíssimo para sentimentos mais

complexos, como o de reconhecimento e de pertencimento, que usualmente se constituem e se fortalecem somente em condições adequadas e ao longo do tempo. (VILLELA; ARCHANGELO, 2015, p. 72)

Nesse sentido, sobre as casas, é importante destacar que, além de serem as famílias dos alunos, elas são fundamentais para o bom funcionamento do sistema de Hogwarts.

Enquanto estiverem em Hogwarts os seus acertos renderão pontos para sua casa, enquanto os erros a farão perder. No fim do ano, a casa com o maior número de pontos receberá a taça da casa, uma grande honra. Espero que cada um de vocês seja motivo de orgulho para a casa à qual vier a pertencer. (ROWLING, 1997, p. 102)

Esse sistema de pontos favorece o enquadre, já definido anteriormente, pois os alunos estão preocupados em dar orgulho para seus amigos, adquirindo pontos, e em honrar as suas casas no fim do período letivo. Devido a isso, o início do ano já começa com condições ótimas para que os estudantes tendam a respeitar as regras, a prestar atenção nas aulas e a dedicar-se aos conteúdos ensinados. Porém, é possível olhar esse sistema como uma competição, o que pode ser um problema, já que, segundo Villela e Archangelo (2015, p. 69), no contexto de escola significativa, as “atividades de integração devem evitar competições, especialmente envolvendo a oposição de grupos que visava a integrar”. É importante deixar claro que o sistema de pontos pode favorecer o enquadre, mas não tem isso como objetivo principal. Ele segue a direção de um desenvolvimento moral, de delimitação do que é certo ou errado em relação a si mesmo e aos demais, sendo assim uma motivação extrínseca ao aluno, pois, em certos momentos, o julgamento do que é correto vem de fora, e não do seu interesse genuíno.

Para que se facilite a compreensão acerca das “casas”, faz-se destaque à canção cantada, na cerimônia de abertura, pelo próprio chapéu que seleciona os alunos para cada casa:

(...) Por isso é só me porem na cabeça que vou dizer  
Em que casa de Hogwarts deverão ficar.  
Quem sabe sua morada é a Grifinória,  
Casa onde habitam os corações indômitos.  
Ousadia e sangue-frio e nobreza  
Destacam os alunos da Grifinória dos demais;  
Quem sabe é na Lufa-lufa que você vai morar;  
Onde seus moradores são justos e leais  
Pacientes, sinceros, sem medo da dor;  
Ou será a velha e sábia Corvinal,

A casa dos que tem a mente sempre alerta,  
 Onde os homens de grande espírito e saber  
 Sempre encontrarão companheiros seus iguais;  
 Ou quem sabe a Sonserina será a sua casa  
 E ali fará seus verdadeiros amigos,  
 Homens de astúcia que usam quaisquer meios  
 Para atingir os fins que antes colimaram (...). (ROWLING, 1997, p. 104-105)

Esse sistema de casas tem aspectos positivos, que se caracterizam na escola significativa, e negativos, que poderiam ser melhorados. O positivo de maior destaque é o aspecto de que as casas simbolizam um lar para os alunos que vivem no colégio. Hogwarts lhes oferece uma família, que seriam as casas, onde passam a maior parte do tempo. Além disso, essa divisão alimenta um espírito esportivo em relação ao sistema de pontos, conforme será tratado posteriormente. Por outro lado, o aspecto negativo que mais ganha destaque é o do estereótipo das casas. O próprio chapéu cita algumas características correspondentes para cada uma, o que pode colocar os alunos em um molde específico e fazer com que não se expressem de acordo com quem são, e sim de acordo com seus estereótipos.

O estereótipo constitui uma forma simplificada e extremamente limitada de caracterizar uma pessoa, e de tomar tal simplificação como parâmetro para agrupar sujeitos complexos e únicos em que sacrificam a complexidade, a particularidade e a diversidade. Trata-se, portanto, de mecanismo bastante empobrecedor, que redundando em processos de diferenciação e de identificação entre pessoas e grupos, baseados nas categorias rigidamente estabelecidas. (VILLELA; ARCHANGELO, 2015, p. 76)

Nos primeiros capítulos do livro, nota-se que os habitantes de Sonserina têm a fama de malvados, Lufa-lufa de bonzinhos, Corvinal de inteligentes e Grifinória de corajosos. Contudo, ao longo da saga, as personagens do primeiro livro vão crescendo e amadurecendo, e esses conceitos fomentados pela primeira impressão vão desaparecendo. Como cada aluno é selecionado por alguns motivos específicos por um chapéu mágico, as pessoas que constituem as casas não têm todas as características e muito menos são iguais. Vejamos mesmo Harry, Rony e Hermione, que foram selecionados para a Grifinória e nem por isso são parecidos, inclusive têm características completamente diferentes. No decorrer das caracterizações, certos aspectos serão pontuados para que se possa analisar melhor as casas de Hogwarts.

Após a seleção, nesse primeiro discurso para o início do ano letivo, verifica-se que o diretor está mais preocupado em dar boas-vindas aos seus estudantes do que em despejar regras. “Alvo Dumbledore se levantara. Sorria radiante para os seus

estudantes, os braços bem abertos, como se nada no mundo pudesse ter-lhe agradado mais do que vê-los todos reunidos ali” (ROWLING, 1997, p. 109). Essa atitude é notável para os professores, alunos e toda a equipe docente, pois ele transmite confiança de que será um ano bom, organizado, feliz e, o mais importante, de que ele acredita na escola. As únicas regras explanadas foram as que tratam da proibição de andar na floresta da propriedade (por ter muitas criaturas e perigos), de fazer magias no corredor durante o intervalo das aulas (atrapalha as outras aulas e pode fazer muita sujeira ou causar um acidente). Além disso, tratou também da proibição do corredor do terceiro andar – nesse momento, não é possível saber o motivo de tal proibição, mas, ao longo do livro, Harry o descobre: seria o de guardar a pedra filosofal. São regras relevantes, com sentido profundo, que não fazem com que o aluno pense que não tem a capacidade de se comportar.

A rotina do colégio para os alunos do primeiro ano é comentada no livro, segundo Rowling (1997, 117-118):

Tinham de estudar o céu da noite pelo telescópio toda quarta-feira à meia-noite e aprender os nomes das diferentes estrelas e os movimentos dos planetas. Três vezes por semana iam para as estufas de plantas atrás do castelo para estudar herbologia, com uma bruxa baixa e gorda chamada Profa. Sprout, com quem aprendiam como cuidar de todas as plantas e fungos estranhos e descobriam para que eram usados. Sem favor, a aula mais chata era a de História da Mágica, a única matéria ensinado por um fantasma. [...] O Prof. Flitwick, que ensinava feitiços, era um bruxo miudinho que tinha de subir numa pilha de livros para enxergar por cima da mesa. [...] Já a Profa. Minerva era diferente. Harry estava certo quando pensou que ela não era professora para aluno nenhum aborrecer.

Apesar de todos os esforços feitos pelo colégio para ser agradável, evidentemente ele não consegue ser perfeito. Em nenhuma escola vai haver algum professor ou aluno que não tenha algo para reclamar, como é o caso de Harry que, mesmo amando seu novo lar, tem suas queixas quanto a alguns professores ou algumas disciplinas. A escola significativa não necessariamente é impecável, levando em consideração que cada pessoa tem a sua visão de mundo, suas características e seus gostos pessoais. Entretanto, ela deve se concentrar no bem-estar dos sujeitos que ali estão envolvidos.

Em uma escola como Hogwarts, em que os alunos ingressam com 11 anos, é necessário todo o cuidado para que eles se sintam pertencentes ao colégio e que nesse início, principalmente, sejam ouvidos. Ainda que Harry e alguns de seus amigos não tivessem conhecimento do mundo bruxo, não estavam para trás no

aprendizado em relação aos que já conheciam esse universo. Isso é importante para que o aluno compreenda que, apesar das dificuldades, ele não está sozinho quanto a elas e, além disso, o que está aprendendo faz-se relevante para a sua vida no presente e para o futuro. Aliás, as disciplinas ensinadas a cada ano em Hogwarts são valiosas para o desenvolvimento do aluno. Cada etapa sustenta a etapa seguinte e, desse modo, nenhum conhecimento já aprendido é “descartado”. Visto isso, tudo o que é ensinado tem sua devida importância.

Ainda acerca da pontuação das casas, há professores responsáveis por cada uma. Isso pode ocasionar que, a depender da ética do profissional, ele favoreça a sua casa a ganhar mais pontos ou prejudique as outras, tirando pontos das que não goste. Em um diálogo, antes de conhecerem o professor Snape, Rony comenta que as pessoas falam que ele protege os alunos da Sonserina por ser o diretor desta casa. Isso se confirmou na cena seguinte:

– Você, Potter, por que não disse a ele para não adicionar as cerdas? Achou que você pareceria melhor se ele errasse, não foi? Mais um ponto que você perdeu para a Grifinória.  
A injustiça foi tão grande que Harry abriu a boca para argumentar, mas Rony deu-lhe um pontapé por trás do caldeirão. (ROWLING, 1997, p. 122)

Apesar de Snape ter esse comportamento, fica evidente nos livros que os outros professores não ligam para isso, mas sim para o aprendizado de seus alunos e a eficiência de suas aulas. Porém, os pontos são, sim, uma forma de incentivo – para Hermione, por exemplo, a técnica funcionou em diversos cenários, especificamente na primeira semana. Rowling (1997, p. 121) pontua: “Hermione Granger estava sentada na beiradinha da carteira e parecia desesperada para começar a provar que não era uma cabeça-oca”. Com isso, percebe-se que, na primeira semana, as preocupações de Hermione seriam totalmente voltadas para que se mostrasse a mais inteligente. Entretanto, no decorrer das semanas, esse pensamento vai se transformando do *eu* para *nós*.

“– ...e você não deve andar pela escola à noite, pense nos pontos que vai perder para a Grifinória se for pego, e você vai ser. É muito egoísmo da sua parte” (ROWLING, 1997, p. 135) e “– Vocês não se importam com a Grifinória, vocês só se importam com vocês mesmos, eu não quero que a Sonserina ganhe a taça de casa se vocês vão perder todos os pontos que ganhei com a Professora Minerva por saber a Troca de Feitiços” (ROWLING, 1997, p. 136).

A atitude antiética de Snape em relação aos pontos não é a única situação que pode ser tida como incorreta no cenário da escola significativa. O professor tem obsessão pelo seu passado, em que ele e o pai de Harry se odiavam, e por isso ele se sente no direito de descontar sua raiva no menino e na Grifinória. Esse sentimento de injustiça e de ódio é percebido pelo aluno, o que pode atrapalhar o seu desenvolvimento no colégio, criando uma antipatia ao professor, à sua disciplina e, no limite, à escola. “No início do banquete de abertura do ano letivo, Harry tivera a impressão de que o Prof. Snape não gostava dele. No final da primeira aula de poções, ele viu que se enganara. Não era bem que Snape não gostava de Harry – ele o odiava” (ROWLING, 1997, p. 120). Ao contrário do que o ensino significativo prega que seria um professor alegre, que busca ajudar seus alunos, solícito, acessível, o Professor Snape só agrada aos alunos da Sonserina. Sabe-se que seu mau-humor vem de não ter conseguido o cargo com que sempre sonhou, que seria o de professor de Defesa contra as artes das trevas. Ao invés disso, tornou-se professor de Poções. Independente de sua tristeza com o cargo, um professor não deve descontar suas lamentações em seus alunos que não têm culpa de nada.

Ademais, outra professora que ganha destaque é a Minerva. Conhecida por ser bastante rígida, era coerente e descontava pontos de sua própria casa, a Grifinória, se fosse necessário. Sendo descrita como muito prestativa e atenciosa, a professora é um exemplo de bom profissional da educação. Em uma das cenas, detalhada a seguir, é nítida a preocupação e o conhecimento que ela tem de seus alunos. Os alunos da Grifinória e da Sonserina estavam tendo aulas de voo juntos; porém, um dos alunos, Neville, perdeu o controle da vassoura e teve que ir para a enfermaria. Madame Hooch, professora responsável pela disciplina, alertou: “Nenhum de vocês vai se mexer enquanto levo este menino ao hospital! Deixem as vassouras onde estão ou vão ser expulsos de Hogwarts antes de poderem dizer “quadribol” (ROWLING, 1997, p. 129). Claramente, a ameaça era apenas para que nenhum aluno voltasse a se machucar, até porque eram estudantes do primeiro ano, sem alguma experiência em voar. Ainda assim, Draco Malfoy achou que seria interessante mostrar para a turma suas habilidades com a vassoura, pegando um dos pertences de Neville para esconder dele. Harry, que pertence à casa da Grifinória, onde são justos e valentes, viu a atitude como covarde e quis enfrentar seu colega.

Harry de alguma maneira sabia o que fazer. Curvou-se para frente, segurou a vassoura com firmeza com as duas mãos e ela disparou na direção de Draco como uma lança. Draco só conseguiu escapar por um triz; Harry fez uma curva fechada e manteve a vassoura firme. Algumas pessoas no chão aplaudiram. (ROWLING, 1997, p. 131)

Harry desobedeceu uma regra por acreditar que ela deveria ser desobedecida – só a quebrou para defender seu amigo, o que, para ele, era mais importante. Essa é uma situação em que a ética é colocada em questão, pois uma das alternativas era justa e a outra era a considerada correta pela regra. “Porém, ele perdeu a animação mais depressa do que quando mergulhara. A Profa. Minerva vinha correndo em direção à turma. Ele se levantou tremendo” (ROWLING, 1997, p. 131). Nesse caso, a preocupação da professora era pela segurança e, felizmente, nenhum aluno foi ferido. Visto isso, ela aproveitou a situação para valorizar o talento que Harry tinha com a vassoura. Ele, por sua vez, tinha certeza de que seria expulso.

Entender as motivações de seus alunos para que descumpram regras e valorizá-los por suas características é primordial para uma relação saudável entre professor e aluno. Minerva, apesar de ver que Harry descumpriu uma regra, percebeu que reconhecer seu talento era mais importante e externalizou isso com um tom afetivo.

A Profa. Minerva espiou Harry com severidade por cima dos óculos.  
 – Quero ouvir falar que você está treinando com vontade, Potter, ou eu posso mudar de ideia quanto ao castigo que merece.  
 Então, inesperadamente, ela sorriu.  
 – Seu pai teria ficado orgulhoso. Era um excelente jogador de quadribol.  
 (ROWLING, 1997, p. 133)

Dessa maneira, a escola não deve ser apenas um ambiente de estudos, e Hogwarts mostra que seus alunos têm bastante tempo livre, seja para passar um tempo no salão comunal, nos arredores do colégio, na biblioteca ou até mesmo jogando quadribol. O aluno da escola significativa aproveita seu tempo livre e sabe de suas responsabilidades no que se refere à escola. Obviamente, ter um sistema de pontos, como dito anteriormente, ajuda esses alunos a internalizarem essa referência e se auto-regularem. Como é o primeiro ano de Harry em Hogwarts, ele quer muito que a Grifinória ganhe a taça das casas. Porém, conseguiu perder, junto de Hermione e Neville, 150 pontos, o que deixou a Grifinória em último lugar, muito perto do fim do ano letivo. O motivo foi o descumprimento de uma regra básica

– a de andar pela escola de madrugada. Assim, além de perderem os pontos, ganharam uma detenção.

Era um pouco tarde para consertar o estrago, mas Harry jurou nunca mais se meter em coisas que não eram de sua conta. Bastava de espiar e espionar. Sentia tanta vergonha que foi procurar Olivio para oferecer sua demissão do time de quadribol. (ROWLING, 1997, p. 221)

Nesse contexto, percebe-se que Harry só sentiu vergonha por conta da avaliação externa de seus feitos, por ter perdido muitos pontos e pelo fato de a escola inteira ter se virado contra ele, exceto os membros da Sonserina que, por conta das perdas, ficou em primeiro. Portanto, o sistema de pontos em análise, nesse primeiro ano de Hogwarts, não se adequa ao conceito de escola significativa, já que não tem como objetivo principal o enquadre, apesar de favorecê-lo, e isso fica em destaque nesse primeiro momento. A análise do sistema de pontos será realizada ao longo deste trabalho, buscando verificar como ele é visto conforme o amadurecimento dos alunos e se, por fim, ganha o objetivo de enquadre.

Retomando as regras comentadas na cerimônia de início, foi comentado que a floresta das redondezas de Hogwarts estaria proibida para os alunos. Todavia, a detenção a que Harry, Hermione, Neville e Draco foram designados seria justamente a de entrar na floresta. A contradição foi percebida por Malfoy:

– Não vou entrar nessa floresta – disse, e Harry ficou contente de ouvir uma nota de pânico em sua voz.  
 – Vai, sim, se quiser continuar em Hogwarts – disse Hagrid com ferocidade.  
 – Você agiu mal e agora tem de pagar pelo o que fez.  
 – Mas isso é coisa para empregados e não para estudantes. Achei que íamos fazer uma cópia ou outra coisa do gênero, se meu pai souber que eu estou fazendo isso, ele...  
 – ...lhe dirá que Hogwarts é assim – rosnou Hagrid. – Fazer cópia! Para que serve? Você vai fazer uma coisa útil ou vai sair da escola. E se pensa que seu pai vai preferir que você seja expulso, então volte para o castelo e faça suas malas. Vamos! (ROWLING, 1997, p. 215)

Apesar de serem bruxos, os alunos estão no primeiro ano de ensino, o que significa que não possuem conhecimento suficiente para se defenderem caso algo aconteça na floresta. Havendo a regra de que os alunos do primeiro ano não devem ir à floresta, é contraditório que a detenção seja essa. A escola significativa não deve ser incoerente ao aplicar “punições” aos seus estudantes, considerando que isso causa perda de credibilidade da escola. Além disso, destaca-se também que o caso

citado acima é impositivo para o aluno, pois ele sabe que está fazendo algo errado mas, para obedecer à escola, deve fazê-lo mesmo assim.

Os estudantes em um internato como Hogwarts têm relações muito intensas, pois vêem-se todos os dias e acabam sendo o suporte uns para os outros, mas mesmo assim podem existir conflitos com outros alunos. Em um dos capítulos, observa-se um desses conflitos sendo resolvido e a importância de sua ocorrência. Na cena em questão, Hermione Granger ganha destaque. Ela é uma aluna responsável, estudiosa, prestativa e empenhada. Entretanto, por possuir essas características, às vezes, acaba virando o centro das atenções e constringendo os outros alunos. Rony, em um dia em que estava muito mal-humorado, foi corrigido por Hermione em um de seus feitiços, fazendo com que ele perdesse a paciência e comentasse que a menina não tinha amigos. “Ao descerem ao salão principal para a festa das bruxas, Harry e Rony ouviram Parvati contar à amiga Lilá que Hermione estava chorando no banheiro das meninas e queria que a deixassem em paz” (ROWLING, 1997, p. 150). A trama segue com um trasgo invadindo a escola e entrando logo no banheiro das meninas, onde Hermione estava, e com Harry e Rony indo atrás dela para salvá-la. No fim, os três conseguiram derrotar o trasgo, mas os professores entraram em cena e Minerva – novamente preocupada com o perigo que aquela situação oferecia para seus alunos – perguntou-lhes o motivo para estarem lá, sendo que todos deveriam estar nos dormitórios. “Hermione baixou a cabeça. Harry perdera a fala. Hermione era a última pessoa do mundo que desobedeceria ao regulamento, e ali estava fingindo que desobedecera, para tirá-los de uma enrascada” (ROWLING, 1997, p. 155).

O importante dessa cena é que, apesar de os professores pensarem que têm conhecimento de tudo sobre os seus alunos, estes têm os seus relacionamentos internos como prioridade. A formação acadêmica é importante, eles sabem disso, mas a de caráter e a de amizade é muito mais. E foi a partir dessa situação de defesa da menina mais certinha da escola que o trio passou a ser inseparável.

Nota-se que não há apenas discussões e intrigas saudáveis entre os alunos. Aliás, o trio tem muita raiva de Draco Malfoy porque, diversas vezes, ele tenta fazer com que os colegas sejam punidos por quebrar as regras ou até os provoca para que percam pontos. Ele é uma personagem bem complexa que, ao longo dos livros, exige análise mais detalhada. Neste primeiro, Draco é um menino mimado que acredita em um termo bastante racista: *puro-sangue*. Mesmo no mundo bruxo,

comparando-o à nossa realidade, há questões que são debatidas e consideradas corretas ou não. Para essas pessoas supremacistas, *puro-sangue* é um bruxo que veio de uma família em que todos são bruxos, enquanto *mestiço* seria a mistura de sangue bruxo ou trouxa, e *sangue-ruim* quem nasceu de ambos os pais trouxas. Esse é um termo mais discutido no segundo livro e que será destacado novamente, conforme for abordado. Por ora, é suficiente mencionar que uma criança de 11 anos se acha melhor que as outras pela sua linhagem e, com isso, provoca famílias como as de Rony Weasley, que são puro-sangue mas não acreditam nesse termo.

Em uma das cenas há muito a ser ponderado:

- Oi, Rúbeo, quer ajuda? – perguntou Rony, metendo a cabeça por entre os ramos.
- Não, estou bem, obrigado, Rony.
- Você se importaria de sair do caminho? – ouviu-se a voz arrastada e seca de Draco atrás deles – Está tentando ganhar uns trocadinhos, Weasley? Vai ver quer virar guarda-caça quando terminar Hogwarts. A cabana de Rúbeo deve parecer um palácio comparada ao que sua família está acostumada. Rony avançou para Draco justamente na hora em que Snape subia as escadas.
- WEASLEY!
- Rony largou a frente das vestes de Draco.
- Ele foi provocado, Prof. Snape – explicou Hagrid, deixando aparecer por trás da árvore a cara peluda. – Draco ofendeu a família dele.
- Seja por que for, brigar é contra o regulamento de Hogwarts, Hagrid – disse Snape insinuante. – Cinco pontos a menos para a Grifinória, Weasley, e dê graças a Deus por não ser mais. Agora, vamos andando, todos vocês. (ROWLING, 1997, p. 169)

A partir desse trecho, pode-se notar algumas relações que dizem respeito à escola significativa. Vê-se as relações aluno-aluno, professor-funcionário e aluno-professor. Conforme já explicado, Draco é uma personagem complexa devido à sua criação tão egoísta e meritocrática. Assim, quando ele vê alguém como Rony, que vem de uma família de puros-sangue mas não usufruem do privilégio que poderiam – no caso, influência e dinheiro – sua visão distorcida, moldada por seus pais, entra em choque e, como consequência, ele precisa dar sua opinião sobre o financeiro da família Weasley. Já na situação professor-funcionário, um deles vê que a atitude do outro está errada, porém, pela ganância do cargo de professor e por Hagrid ser o guarda-caça, Snape acredita que a sua posição tem mais valor do que a dele, o que nunca poderia acontecer em uma escola significativa. Na relação professor-aluno, Snape não escuta os dois lados e, portanto, não é o mediador que

deveria ser. Toma as dores de somente um dos lados, o lado de sua casa, Sonserina, descontando 5 pontos da Grifinória, atitude que só fomenta o ódio de seus alunos por ele e, ainda, pode transformar, em algo negativo, o sentimento que eles têm pela escola.

Hogwarts, enquanto internato, permite que, em feriados como Natal, Ano Novo, Ação de Graças, etc., seus alunos voltem para suas famílias para comemorar com eles. Porém, para Harry, que tem uma família como os Dursley, que acham irrelevante a sua presença, pareceu-lhe melhor permanecer no colégio. Segundo Rowling (1997, p. 169):

Era verdade que Harry não ia voltar à rua dos Alfeneiros para o Natal. A Profa. Minerva passara a semana anterior fazendo uma lista dos alunos que iam ficar em Hogwarts no Natal, e Harry assinara seu nome na mesma hora. Não sentia nenhuma pena de si mesmo; provavelmente aquele seria o melhor Natal que já tivera.

A escola significativa deve dar esse suporte para seus alunos. A postura de Hogwarts, dando-lhes a opção de ficarem no colégio, demonstra atenção e cuidado. Tanto que, para Harry, poderia ser o melhor Natal que já havia tido. A família executa um papel muito importante, mas a escola deve estar a par de que nem todos os seus alunos apresentam as mesmas condições de vida e, por isso, é necessário oferecer opções de modo que todos se sintam confortáveis.

O principal, entretanto, é que, mesmo que haja, em certos casos, um impacto bastante desfavorável da família na vida da criança, isso não diminui o papel educativo da escola. Ao contrário, só o amplia, pois a escola e o conjunto de relações que propicia, mediadas ou não por atividades, constituem uma alternativa que permite oferecer diferente ambiente à criança, onde ela possa se sentir eventualmente mais segura e com capacidade de estabelecer relações mais gratificantes e menos persecutórias. Essas novas relações fornecem novos e diferentes modelos de identificação, e a criança tem uma segunda chance para o estabelecimento de relações saudáveis, com base nas quais pode constituir um psiquismo mais rico de experiências, com mais recursos para lidar com elas e, portanto, mais saudável também. Evidentemente, esse processo não é simples nem isento de problemas e apresenta altos e baixos. Mas, em geral, permite, se bem trabalhado, um ganho de saúde psíquica e de adequada inserção e interação social, inestimável à criança e à própria sociedade. É especialmente desse tipo de papel educacional que a escola não pode abrir mão! (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 191)

Considera-se que a situação de Harry com seus tios causa um impacto desfavorável na vida da criança. Em sua casa, Harry se sente excluído, invisível, não amado, um peso na vida de seus tios. Já em Hogwarts, ele é querido, tem

amigos, ganha atenção, presentes no natal, uma cama e um quarto aconchegantes e uma alimentação divina. É exatamente esse o papel educacional que Hogwarts exerce e deveria exercer, ainda mais pelo fato de seus alunos morarem no colégio.

Por outro lado, ainda que possibilite essa permanência na escola, Hogwarts não se esquece de seus deveres como instituição formadora. Os exames, aplicados no fim do ano, avaliam se o aluno está capacitado para avançar ou se deve repetir o mesmo ano letivo. E os alunos, por saberem das dificuldades dos testes, preparam-se meses antes, com anotações e tarefas de casa. Os exames finais do primeiro ano são descritos por Rowling (1997, p. 225):

Fazia um calor de rachar, principalmente na sala de provas escritas. Os alunos tinham recebido penas novas e especiais para fazê-las, previamente encantadas com um feitiço anticola. Houve exames práticos também. O Prof. Flitwick os chamou à sala de aula, um a um, para verificar se conseguiam fazer um abacaxi sapatear na mesa. A Profa. Minerva observou-os transformarem um camundongo em uma caixa de rapé e conferiu pontos pela beleza da caixa, e os descontou quando a caixa tinha bigodes. Snape deixou-os nervosos, bafejando em seu pescoço enquanto tentavam se lembrar como fazer a poção do esquecimento.

Dado esse relato, nota-se que o colégio realmente leva a sério a formação completa de seus estudantes e realiza uma avaliação bem elaborada. Nesse sentido, não se pode deixar de destacar que há apenas uma chance de os alunos terem sucesso e progredir, o que pode deixá-los ansiosos durante todo o ano letivo. Hermione é um exemplo de aluna afetada diretamente pelos exames. “Quando tentou explicar o que sentia, Hermione disse: – Isso são os exames. Acordei a noite passada e já tinha lido metade dos meus apontamentos sobre Transfiguração quando me lembrei que já tínhamos feito a prova” (ROWLING, 1997, p. 227). Em uma escola significativa, as avaliações são importantes, inclusive são um meio para avaliar o ensino dos professores. Entretanto, não deve ser algo tão severo a ponto de não dar chances de melhora aos alunos. Hogwarts, nesse primeiro momento, não menciona nenhuma recuperação ou algo do tipo, o que pode ser ruim para os alunos que não estejam em um bom dia no momento de realização dos exames.

Ainda a respeito do funcionamento do colégio, nada seria tão eficiente e significativo sem a presença do diretor – no caso de Hogwarts, Alvo Dumbledore, que transmite para seus alunos, nesse primeiro ano, a impressão de ser uma pessoa calma e brilhante, que já executou muitos feitos importantes. O trio principal, diversas vezes, cita Dumbledore como alguém muito respeitado, com quem

gostariam de conversar para resolver alguns problemas que acreditam ser de interesse da escola. Porém, por mais que ele seja um diretor que se apresenta sempre aberto, quando o trio realmente pretende falar com ele, não sabe onde procurá-lo. “Eles olharam a toda volta, na esperança de ver uma placa apontando a direção certa. Nunca alguém lhes havia dito onde trabalhava Dumbledore, tampouco conheciam alguém que tivesse sido mandado à sala dele” (ROWLING, 1997, p. 227). Dentro da escola significativa, é estranho que os alunos não conheçam o lugar onde o diretor trabalha, pois sabe-se que o principal papel de um professor é conhecer seus alunos. Visto isso, não seria imprescindível, para um diretor, que também conhecesse os seus alunos? A resposta é: sim. Então seria Dumbledore um diretor ruim? Não necessariamente.

Dumbledore é uma pessoa enigmática, e em *A pedra filosofal* o leitor se depara com o primeiro contato com ele. É possível perceber que ele se preocupa com seus alunos, professores e funcionários e que tem amor pela escola. Contudo, ainda não existe um envolvimento absoluto dessa personagem com o restante da trama. Vejamos seu discurso de fim de ano:

Mais um ano que passou! – disse Dumbledore alegremente. – E preciso incomodar vocês com a falação asmática de um velho antes de cairmos de boca nesse delicioso banquete. E que ano tivemos! Espero que as suas cabeças estejam um pouquinho menos ocas do que antes... vocês têm o verão inteiro para esvaziá-las muito bem, antes do próximo ano letivo. (ROWLING, 1997, p. 260)

Isso ilustra um típico diretor amigável, de bom humor e que sabe que tem o respeito de seus colegas. Apesar dessas características, finaliza-se a descrição de *A pedra filosofal* com a análise de uma atitude do diretor, não muito bem vista em uma escola significativa. De acordo com o que já foi dito, no fim do ano letivo, a casa que recebeu mais pontos ganha uma taça e, no caso, a desse ano foi a Sonserina. Quando todos entraram no salão, toda a decoração estava na temática da casa vencedora, até que o diretor resolveu adicionar alguns pontos, de última hora, para a Grifinória que, então, acabou conquistando a taça das casas. O problema da situação não está em adicionar os pontos merecidos para os alunos da Grifinória, mas sim em dar a vitória para uma casa – a Sonserina –, mesmo sabendo que ela não será a vitoriosa no fim. Uma atitude mais ética seria ter computado os pontos antes do banquete e já ter anunciado que a Grifinória seria a ganhadora, alinhando isso com a explicação sobre os pontos adicionados de última hora. O sistema de

pontos deveria ser algo que incentivasse os alunos e uma forma de favorecimento do enquadre. Porém, da maneira como foi feito, humilhou a Sonserina e plantou discórdia entre os alunos.

## 5.2. ANO DOIS

Inicia-se, então, a explanação sobre *Harry Potter e a câmara secreta*. Após ter um ano de muitas relações significativas, voltar para a sua antiga realidade foi muito ruim para Harry. Retomando o que foi dito anteriormente, a família, em geral, consegue desenvolver melhor um vínculo afetivo em relação à escola, mas, no caso da nossa personagem principal, sua família abomina tudo que funcionaria como suporte afetivo para a criação de laços. No início do livro, tem-se que a palavra "magia" foi proibida – algo muito importante para Harry –, além de que todos os seus materiais foram trancados no armário embaixo da escada para que ele não tivesse acesso. Essas atitudes excluem a criança do convívio familiar, já que ele nem sequer pode comentar sobre seu ano na escola, o que seria fundamental para a solidificação da relação escola-família.

A família tem uma enorme importância no desenvolvimento da criança e na saúde mental de seus membros. Em primeiro lugar, porque todos temos partes mais imaturas, desorganizadas e indiferenciadas, e é muito bom que haja um espaço onde seja permitido expressá-las, sem grandes consequências para nossa vida e nossas atividades. Ou seja, a família costuma ser a depositária desses processos mais primitivos e psicóticos – possibilitando, em grande parte dos casos, que nos demais grupos sociais (relativos ao trabalho ou ao estudo, entre outros) sejam protagonistas nossas partes mais diferenciadas, organizadas e racionais. (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 68)

Então, fica evidente que, mesmo tendo passado, até então, somente pelo seu primeiro ano em Hogwarts, Harry considerava a escola mais sua casa do que a de sua família.

Sentia falta de Hogwarts que era como se tivesse uma dor de barriga permanente. Sentia falta do castelo, com seus fantasmas e suas passagens secretas, das aulas (exceto talvez a de Snape, o professor de Poções), do correio trazido pelas corujas, dos banquetes no Salão Principal, de dormir em uma cama de baldaquino no dormitório da torre, das visitas ao guarda-caça. Hagrid, em sua cabana na orla da Floresta Proibida nos terrenos da escola, e, principalmente, do quadribol, o esporte mais popular do mundo dos bruxos. (ROWLING, 1998, p. 8)

Nesse momento, Harry havia saído de um lugar em que era tratado muito bem, onde tinha amigos e pessoas que se importavam com ele e foi para a casa dos Dursley, que não lembravam nem o dia do seu aniversário. O cotidiano na casa dos tios era tão intenso que Harry, às vezes, pensava que tudo poderia ter sido um sonho. Isso só passava pela sua cabeça porque seus melhores amigos, Hermione e Rony, não lhe escreveram durante as férias inteiras. Ademais, apesar de ter um primo com a mesma idade que a sua, a diferença do tratamento recebido pelos dois era tão grande que tornava a amizade, entre eles, impossível.

Enquanto Duda ficou por ali apreciando e se enchendo de sorvete, Harry lavou as janelas, lavou o carro, aparou o gramado, limpou os canteiros, podou e regou as roseiras e repintou o banco do jardim. O sol escaldava lá no alto, queimando sua nuca. Harry sabia que não devia ter mordido a isca de Duda, mas o primo dissera exatamente aquilo que ele andara pensando com os seus botões... talvez não tivesse amigos em Hogwarts... (ROWLING, 1998, p. 13)

Na continuação descobre-se que, na realidade, Dobby havia escondido as cartas dos amigos, e fica ainda mais evidente o quanto a escola é fundamental para Harry quando o elfo tenta convencê-lo a não voltar para Hogwarts.

– Q-que? – gaguejou Harry. – Mas eu tenho que voltar, o trimestre começa em primeiro de setembro. É só o que me anima a viver. Você não sabe o que eu passo aqui. O meu lugar não é aqui. O meu lugar é no seu mundo, em Hogwarts. (ROWLING, 1998, p. 18)

Hogwarts oferece para Harry algo que antes ele não tinha e, possivelmente, não sabia que precisava: um lar, um refúgio, uma escola significativa. Nesse primeiro momento, ganha destaque a temática “família”. Observa-se que, apesar de Harry estar com os Dursley, ele preferiria estar no colégio. Relacionamentos como esse são preocupantes e, por mais que se saiba que não se deve julgar ou alimentar preconceitos quanto à relação familiar do aluno, no caso de Harry, os castigos são muito radicais. Um exemplo disso se dá quando Dobby derruba o pudim do jantar e o menino leva a culpa, o que o faz sofrer o castigo de ser tratado como um prisioneiro e passar fome.

Tio Válter não faltou com a sua palavra. Na manhã seguinte, ele pagou um homem para instalar grades na janela de Harry. Ele mesmo instalou a portinhola na porta do quarto, para que, três vezes por dia, eles pudessem empurrar pequenas quantidades de comida para dentro. Soltavam Harry de

manhã e de noite para usar o banheiro. À exceção disso, ele permanecia no quarto, dia e noite. (ROWLING, 1998, p. 22)

A comparação fica ainda mais gritante quando Harry conhece a família de Rony. Chegando na Toca, Harry é recebido pela mãe dos Weasley preocupadíssima, pois os filhos haviam desaparecido e não haviam deixado nenhum bilhete. Para Harry, essa preocupação era algo novo, tendo em vista que ninguém dos Dursley já havia se preocupado com ele. Aliás, para eles, se o garoto sumisse, seria mais benéfico. Por sua vez, os Weasley foram extremamente receptivos com ele, e sua presença parecia uma boa notícia.

A vida n'A Toca era a mais diferente possível da vida na rua dos Alfeneiros. Os Dursley gostavam de tudo limpo e arrumado; a casa dos Weasley era cheia de coisas estranhas e inesperadas. Harry teve um choque na primeira vez que se mirou no espelho sobre o console da lareira, pois o espelho gritou: "Ponha a camisa para dentro, seu desleixado!" O vampiro no sótão uivava e derrubava canos, sempre que sentia que a casa estava ficando demasiado quieta, e as pequenas explosões que vinham do quarto de Fred e Jorge eram consideradas perfeitamente normais. Porém, o que Harry achou mais fora do comum na vida em casa de Rony não foi o espelho falante nem o vampiro baterista: mas o fato de que todos pareciam gostar dele. (ROWLING, 1998, p. 37)

Nesse sentido, é preocupante que uma criança de 12 anos pense que sua família não a quer e que estaria melhor sem a sua presença. Ainda mais preocupante é o fato de que chegue a desejar ter outra família. Por isso a escola é tão importante na vida de Harry – ela supre os sentimentos faltantes de sua relação familiar, e esse é um dos motivos pelos quais Hogwarts se mostra significativa. Entretanto, isso não significa que, para Harry, não poderia ser diferente com relação à sua família.

O fim das férias de verão chegou muito depressa para o gosto de Harry. Ele estava ansioso para regressar a Hogwarts, mas aquele mês n'A Toca fora o mais feliz de sua vida. Era difícil não ter inveja de Rony quando pensava nos Dursley e no tipo de boas-vindas que poderia esperar na próxima vez que aparecesse na rua dos Alfeneiros. (ROWLING, 1998, p. 54)

A escola, ao ver que, depois de haver mandado um comunicado sério dizendo que Harry e Rony quase foram expulsos, apenas a família de um deles deu alguma resposta, percebeu que algo estava estranho e se preocupou com essa relação. Isso porque, ainda que não seja obrigação formal da escola, ela deve se preocupar com a situação externa ao colégio na qual seus alunos se encontram.

Uma apatia tão grande, no sentido de não ser importante que o aluno pudesse ser expulso, é, no mínimo, estranha. Vê-se a reação da Senhora Weasley quando ela descobre o ocorrido: "...Carta de Dumbledore à noite passada, pensei que seu pai ia morrer de vergonha, não o educamos para se comportar assim, você e o Harry podiam ter morrido..." (ROWLING, 1998, p. 70). Nesse trecho, é nítida a preocupação com seu filho e fica evidente a parceria e a confiança que ela deposita na escola.

Como já mencionado, Hogwarts se enquadra, diversas vezes, nos requisitos de uma escola significativa. Conhece-se sua preocupação com os alunos, a necessidade de comunicação com as famílias, o zelo e cuidado com o ambiente, as relações com professores e, principalmente, em desenvolver amor em relação ao colégio. Evidentemente, ainda que apresente todas essas características, a perfeição continua sendo inalcançável. Quanto a isso, evidencia-se que, em *A Câmara Secreta*, Hogwarts ameaça fechar por conta de ataques recorrentes, que colocam os alunos e o corpo docente em risco. Essa situação será comentada mais adiante.

Ressalta-se a atitude do diretor quando Harry e Rony chegaram na escola com o carro voador. Ele não os expulsou, mas entrou em contato com as famílias, deu-lhes uma detenção e avisou-lhes que, se algo parecido voltasse a acontecer, a expulsão seria necessária. Dumbledore escutou seus alunos e alertou suas famílias sobre o ocorrido, firmando a parceria necessária entre escola e família. Segundo Villela e Archangelo (2017, p. 150),

situações que ocorram na escola e possam ser adequadamente resolvidas por profissionais da escola não devem ser propagadas exageradamente para fora da instituição. Isso não significa, de maneira alguma, sonegar informação aos pais sobre o ocorrido, e sim empenhar-se como instituição para assumir as próprias responsabilidades durante o tempo em que a criança permanece na escola.

No caso citado acima, compreende-se que o diretor teve razão em contatar as famílias, levando em consideração que os meninos correram risco de morte e quase foram expulsos. Porém, depois de o aluno Colin Creevey ter sido petrificado, a escola não contatou as famílias, para não gerar pânico, e tomou medidas para a prevenção de novos ataques. O colégio ainda reabriu o clube de duelos – uma espécie de aula para que os alunos aprendessem a desarmar o oponente e a

bloquear feitiços – e, mesmo assim, outros ataques acabaram acontecendo. Sendo assim, mais medidas foram tomadas. Todos os diretores das casas deram o aviso:

– Todos os alunos devem voltar à sala comunal de suas casas até as seis horas da tarde. Nenhum aluno deve sair dos dormitórios depois dessa hora. Um professor os acompanhará a cada aula. Nenhum aluno deve usar o banheiro a não ser escoltado por um professor. Todos os treinos e jogos de quadribol estão adiados. Não haverá mais atividades noturnas. (ROWLING, 1998, p. 192)

Com todas essas medidas, a escola passou a deixar de parecer Hogwarts, principalmente depois que afastaram o diretor por não ter conseguido achar um culpado. Ver Dumbledore, o maior bruxo de todos os tempos, sendo afastado, gerou ainda mais pânico e desordem na escola. Ele era visto como a única esperança para que Hogwarts não fechasse. “Com a saída de Dumbledore, o medo se espalhou como nunca antes (...) Quase não se via na escola um rosto que não parecesse preocupado e tenso, e qualquer risada que ecoasse pelos corredores soava aguda e artificial e era rapidamente abafada” (ROWLING, 1998, p. 198).

Não seria, então, mais prudente mandar os alunos para suas casas e investigar minuciosamente o castelo à procura da Câmara Secreta? Sabe-se que nenhum aluno foi seriamente ferido, mas os professores tinham consciência de que, no passado, uma aluna havia morrido por conta desse mesmo monstro. Disseram que revistaram a escola diversas vezes e não encontraram nada, mas, ainda assim, os alunos estavam em risco. A escola deixa de ser significativa no exato instante em que a segurança de todos deixa de ser a prioridade. Depois da saída de Dumbledore, a responsável pela escola passou a ser a professora Minerva McGonagall, que afirmou aos alunos: “ – A razão de se manter a escola aberta neste momento é vocês receberem educação – disse ela severamente. – Portanto, os exames vão se realizar normalmente, e confio que vocês estejam estudando a sério” (ROWLING, 1998, p. 211).

A educação, em sentido amplo, é a tarefa precípua da escola – ou seu objetivo –, mas o ensino é central à escola porque a tarefa educativa se realiza principalmente – embora não exclusivamente – através do ensino, das atividades que o ensino envolve e dos percalços que se verificam durante a própria atividade de ensino. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 61)

Apesar de Hogwarts insistir em “dar educação”, por conta da situação, outras atividades relacionadas ao ensino foram canceladas, o que deixa essa educação um pouco perdida e sem objetivo aparente. Inclusive, nota-se, logo após a colocação de Minerva, que ter sido prudente era, de fato, a melhor alternativa, pois Gina Weasley foi levada para dentro da Câmara. Essa situação, obviamente, instaurou um terror absoluto nos professores, que não sabiam o que fazer a não ser enviar, imediatamente, todos os alunos para suas casas. E os alunos, que consequentemente souberam do ocorrido, ficaram paralisados com a notícia. Descobre-se, por fim, o autor dos ataques: Tom Riddle, ou seja, Voldemort em sua versão adolescente. Há um questionamento em especial a respeito de Riddle – um menino brilhante, super estudioso, que amava a escola e era esforçado e dedicado. Mesmo carregando todas essas características, como ele pode ter se transformado em alguém tão maligno como Voldemort? Será que Hogwarts falhou com ele? Segundo Villela e Archangelo (2017), “a escola, assim, é produtora daquilo que sempre teme que ocorresse com o aluno, mas que, paradoxalmente, sempre esperou que fosse acontecer com ele, em razão da família que ele tem. É evidente que isso é tudo que deve ser evitado pela escola” (p. 160). Tem-se duas histórias muito parecidas: Harry e Tom são órfãos, mestiços, foram criados por trouxas e são apaixonados por Hogwarts. Por que, então, seguiram caminhos tão diferentes? Acredita-se que Hogwarts pode ter feito suposições e esperado o pior de Riddle quando ele era adolescente, o que pode tê-lo favorecido ao “mal caminho”. Quanto a Harry, apesar de ser órfão, é filho de pais muito conhecidos e amados na escola, levando os professores a terem uma maior empatia com a situação. Esse fenômeno chama-se profecia *auto-realizadora*.

No contexto escolar, as expectativas de um professor sobre o desempenho intelectual de um aluno podem atuar como uma “profecia auto-realizadora”, que constitui uma expectativa ou predição que inicia uma série de eventos que fazem que a expectativa inicial se torne verdadeira. (SCHIAVONI, 2004, p. 3)

Observa-se o caso de Snape, que estudou com o pai de Harry e o detestava, e o quanto isso influencia na maneira como ele trata o menino. Além do fato de Harry ter sido muito amado por seus pais, enquanto Riddle foi abandonado pelo pai e a mãe morreu no parto, o que o fez ficar sem ninguém para dar-lhe amor. Essa

análise será melhor aprofundada e debatida no momento do livro *Enigma do Príncipe*.

Percebe-se, no decorrer do enredo, que quem salvou a todos foi Harry, com a ajuda de seus amigos, Rony e Hermione – alunos do segundo ano. Se ponderarmos, se alunos tão jovens foram capazes de descobrir a entrada da Câmara e que o monstro era um basilisco, talvez, pelo fato de a escola já ter pego o culpado no passado (Hagrid), a procura não tinha sido suficientemente minuciosa por parte dela. Hogwarts falhou em deixar seus alunos em segurança. Evidentemente, deve-se ter em mente que esse contexto é um mundo diferente do nosso, em que há magias e criaturas das trevas. Porém, como já dito, se três crianças de 12 anos conseguiram salvar a escola, professores com muito mais experiência provavelmente teriam conseguido também, o que teria evitado a reabertura da Câmara. Dito isso, faz-se necessário acrescentar que Dumbledore retornou ao colégio e chamou os pais de Gina Weasley em sua sala, para que conversassem pessoalmente, atitude bastante coerente. Assim, depois que todos estavam a salvo e o monstro havia sido morto, o diretor decidiu dar uma festa em comemoração.

Harry estivera em muitas festas de Hogwarts mas nenhuma igual a esta. Todos estavam de pijamas, e a comemoração durou a noite inteira. Harry não sabia se a melhor parte fora Mione correndo para ele aos gritos de “Você solucionou o mistério! Você solucionou o mistério!” ou se fora Justino saindo às pressas da mesa da Lufa-Lufa para apertar sua mão com força e pedir desculpas infundáveis por ter suspeitado dele, ou se fora Hagrid aparecendo às três e meia, dando socos tão fortes nos ombros de Harry e Rony que os garotos quase foram parar em cima dos pratos de gelatina caramelada, ou se foram os quatrocentos pontos que ele e Rony tinham ganhado para a Grifinória, garantindo, assim, a posse da Copa da Casa pelo segundo ano consecutivo, ou se fora a Professora McGonagall se levantando para anunciar que todos os exames tinham sido cancelados como um presente da escola (“Ah não!” exclamou Mione), ou se fora Dumbledore anunciando que, infelizmente, o Prof. Lockhart não poderia voltar no próximo ano, porque precisava se afastar para recuperar a memória. Muitos professores participaram dos aplausos que saudaram esta última notícia. (ROWLING, 1998, p. 250-251)

Propositalmente, escolhe-se manter esse resumo sobre o final dos acontecimentos presentes no livro, para, então, evidenciar outros aspectos da escola significativa que aparecem no enredo. Nesse primeiro momento, analisou-se o conceito de escola significativa em relação com a família do aluno. Em seguida, pretende-se comentar sobre a jornada do aluno e a do professor no segundo ano em Hogwarts.

Em *A Pedra Filosofal*, viu-se uma enorme preocupação dos alunos com o sistema de pontos e a taça das casas. Já no segundo ano, o assunto não foi tão retomado. Provavelmente, devido ao trio principal já estar no segundo ano, a relevância da obtenção de pontos acaba diminuindo. Então, algo que, no primeiro momento, era o mais importante passou a ser apenas um aspecto cotidiano no segundo ano letivo. Evidentemente, a quebra de regras continuou sendo algo constante em *A Câmara Secreta*, tanto que o ano já começa com Harry e Rony quase sendo expulsos por chegarem em um carro voador. Porém, pelo contexto desse ano, em que muitos ataques aconteceram, as regras quebradas tiveram a ver com uma investigação, feita pelos amigos, que tinha como objetivo o fim dos ataques. Até mesmo Hermione, tão caxias, percebeu a importância de quebrar o regulamento para a investigação.

– Bem, se vocês dois vão amarelar, ótimo. – Seu rosto se malhara de vermelho vivo e os olhos cintilavam mais do que o normal. – Eu não quero desrespeitar o regulamento, vocês sabem muito bem. Acho que ameaçar gente que nasceu trouxa é muito mais sério do que preparar uma poção difícil. (ROWLING, 1998, p. 127)

Ademais, viu-se que, no primeiro ano, o sistema de pontos favorecia o enquadre, mas não plenamente. O motivo disso é que os alunos obedeciam o regulamento apenas por conta dos pontos, e não porque acreditavam que determinadas ações eram certas ou erradas. Tinham medo de quebrar uma regra por conta da quantidade de pontos que perderiam, e não pela atitude em si. Em contraste a isso, no segundo ano, nota-se que a motivação que o aluno tem para desobedecer/obedecer ao regulamento se deve a um interesse genuíno, também motivado por fatores externos.

– Estou-me lembrando que disse a ambos que teria de expulsá-los se infringissem mais um artigo do regulamento da escola – começou Dumbledore.  
Rony abriu a boca horrorizado.  
– O que prova que até o melhor de nós às vezes precisa engolir o que disse – continuou o diretor, sorrindo. – Os dois receberão prêmios especiais por serviços prestados à escola e... vejamos... é, acho que 200 pontos para a Grifinória, por cabeça. (ROWLING, 1998, p. 244)

A partir dessa fala de Dumbledore, entende-se que, às vezes, o “quebrar as regras” não é algo completamente ruim, se o aluno tem boas intenções. Por isso, cabe ao corpo docente e à coordenação analisar cada situação e, o mais importante,

conversar com o aluno e mostrar-lhe que pode contar com a escola. Segundo Villela e Archangelo (2014a, p. 106), “o tato e a empatia do professor são necessários em qualquer circunstância e em todos os diálogos e instruções que passa ao aluno”. Dito isso, algo muito recorrente no enredo é a defesa do diretor de Hogwarts, promovida pelas pessoas. A maioria dos funcionários, corpo docente, pais, alunos e até o ministro da magia enxergam Dumbledore como alguém competente e necessário para o bom funcionamento da escola. Essa fidelidade é primordial na escola significativa pois, se o diretor é a alma da escola e é querido, competente, atencioso, prestativo, empático, conseqüentemente, o colégio também o é. Em algumas situações, essa fidelidade não se realiza, como é o caso da família Malfoy, já que pai e filho não confiam no diretor. Segundo Draco, a respeito do diretor durante o período dos ataques:

– Suponho que Dumbledore esteja tentando abafar o caso. Ele vai ser despedido se isso não parar logo. Meu pai diz que Dumbledore foi a pior coisa que já aconteceu a Hogwarts. Ele adora trouxas. Um diretor decente nunca deixaria escoria como o Creevey entrar. (ROWLING, 1998, p. 168)

Entretanto, para Rony, a perspectiva é outra: “– Estamos enrascados agora – disse ele rouco. – Dumbledore foi-se embora. Seria melhor que fechassem a escola hoje à noite. Com a saída haverá um ataque por dia” (ROWLING, 1998, p. 197). E ele não foi o único a pensar assim, tendo em vista que o pânico aumentou com a saída do diretor. A respeito disso, Dumbledore afirmou: “você vai descobrir que só terei realmente deixado a escola quando ninguém mais aqui for leal a mim. Você também vai descobrir que Hogwarts sempre ajudará aqueles que a ela recorrerem” (ROWLING, 1998, p. 197). Sua fala é importante para que se compreenda a relevância de Dumbledore. Quando ele diz que só terá deixado a escola quando houver mais ninguém leal a ele, mostra que ele sabe que, ainda que esteja distante, os professores nunca farão algo que lhe decepcione e que tem completa confiança de que Hogwarts permanecerá bem estruturada, da maneira que ele a deixou.

Por falar em professores, há um novo no corpo docente – Gilderoy Lockhart. Ele é um famoso bruxo, autor de muitos livros que contam seus incríveis feitos contra as artes das trevas. Justamente por isso, tornou-se professor da disciplina que leva esse nome e é muito importante para a vida dos alunos – por isso, consta em todos os anos escolares. Porém, recebeu muitas reclamações sobre a sua conduta em sala de aula e seu comportamento com seus colegas. O leitor sabe que,

na realidade, tudo o que Gilderoy afirmava já ter feito era mentira e, sendo assim, suas aulas não tinham didática alguma – algo preocupante em uma escola que pretende fazer-se significativa.

O que se contrapõe ao conteúdo significativo? Aquilo que tende a ser, por definição, inaproveitável para a vida e para o desenvolvimento do aluno, como conhecimento fragmentário, inoportuno ou irrelevante; memorizações desnecessárias, cópias intermináveis e sem sentido, entre outras atividades, que apenas ocupam e consomem o tempo para que ele logo se esgote, embora façam parecer ao aluno que o tempo da aula é infinito. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014b, p. 82-83)

Diversas vezes, suas aulas eram palco para autopromoção, ou não sabia explicar as dinâmicas que sugeria e, ainda, ele falava mal de outros professores para seus alunos. Um exemplo desse tipo de situação está descrito a seguir, conforme Rowling (1998, p. 79):

Depois de distribuir os testes ele voltou à frente da classe e falou:

– Vocês tem trinta minutos... começar, agora!

Harry olhou o teste e leu:

1. Qual é a cor favorita de Gilderoy Lockhart?
2. Qual é a ambição secreta de Lockhart?
3. Qual é, na sua opinião a maior realização de Gilderoy Lockhart até o momento?

E as perguntas continuava, ocupando três páginas, até a última:

54. Quando é o aniversário de Gilderoy Lockhart e qual seria o presente ideal para ele?

Por que alguém como Dumbledore, coerente e preocupado com o ensino da escola, contrataria alguém como Lockhart? Não havia modos de que ele soubesse que o currículo do professor era falso e, vale lembrar, não havia muitos candidatos disputando a vaga dessa disciplina, aliás, nenhum candidato, porque há rumores de que a vaga é enfeitiçada. Ainda assim, depois de tudo, o diretor não deveria dispensá-lo, já que os alunos não estavam aprendendo nada nas aulas? Pelo que se percebe, nenhum aluno, de fato, reclamou para ele sobre as ocorrências em sala de aula. Por isso é tão importante a realização de uma reunião com os alunos, para que suas queixas sejam escutadas e possam ser resolvidas, garantindo que a escola seja significativa.

Ademais, há um detalhe interessante sobre as disciplinas de Hogwarts. Os alunos, a partir do segundo ano, podem escolher as matérias que desejam cursar, mas algumas são mantidas como obrigatórias na grade. No mundo bruxo, os alunos também prestam uma prova final para que sigam carreira em alguma área

específica. Considera-se necessário comentar sobre o currículo para ilustrar que, se certas disciplinas não fossem obrigatórias, Harry e Rony, por exemplo, teriam desistido de *Defesa contra as artes das trevas* e de *Poções*, apenas porque não gostavam dos professores.

- Eu só quero desistir de Poções – falou Harry.
- Não podemos – contrapôs Rony desanimado. – Continuaremos com todas as matérias antigas ou eu teria descartado Defesa Contra as Artes das Trevas,
- Mas essa é muito importante! – exclamou Mione chocada.
- Não do jeito que o Lockhart ensina – disse Rony. – Eu não aprendi nada com ele a não ser que é perigoso deixar diabretes soltos. (ROWLING, 1998, p. 188)

Nesse sentido, é importante mencionar que, independente do quão bom é o professor, sempre haverá algum aluno insatisfeito com seu jeito de dar aula, que não se interessará pelo conteúdo ou que possa ter certa antipatia pelo professor. No caso de Rony e Harry, que podem escolher as disciplinas a serem cursadas, é evidente que, se essas disciplinas não fossem obrigatórias, eles teriam desistido e perdido conteúdos relevantes.

Outro tópico discutido anteriormente foi o da estereotipificação que as casas de Hogwarts alimentam. Em *A Câmara Secreta*, isso fica ainda mais nítido. Devido à lenda ser referente ao fundador de uma das casas, os preconceitos e generalizações se atenuam em relação ao primeiro ano. O herdeiro de Sonserina era o responsável pelos ataques, o que fez com que os alunos se afastassem de todos os colegas pertencentes a essa casa e, ainda, que não falassem com Harry por ser ofidioglota – um talento de Salazar Slytherin.

Mas, Harry ficou contente de que a maioria das pessoas estivesse partindo. Estava cansado de ser evitado nos corredores, como se achassem que lhe fossem crescer presas e pudesse cuspir veneno a qualquer momento; cansado de ser comentado, de ser apontado, de levar vaias ao passar. (ROWLING, 1998, p. 159)

Exatamente o que Villela e Archangelo (2015, p. 76) pontuam sobre o estereótipo se confirma nesse cenário. O rótulo de que todo aluno da Sonserina compactua com os ataques pois, teoricamente, acredita na supremacia dos puro-sangue, alimenta o estereótipo na escola e, por fim, segrega os alunos, colocando-os uns contra os outros. Harry, por exemplo, se martiriza pelo fato de o Chapéu Seletor querer colocá-lo na Sonserina.

– Então eu deveria estar na Sonserina – disse, olhando desesperado para Dumbledore. – O Chapéu Seletor viu poderes de Slytherin em mim, e...  
 – Pôs você na Grifinória – completou Dumbledore, serenamente. – Ouça, Harry. Por acaso você tem muitas qualidades que Salazar Slytherin prezava nos alunos que selecionava. O seu dom raro de falar a língua das cobras, criatividade, determinação, um certo desprezo pelas regras – acrescentou, os bigodes tremendo outra vez. – Contudo, o Chapéu Seletor colocou você na Grifinória. E você sabe o porquê. Pense.  
 – Ele só me pôs na Grifinória – disse Harry com voz de derrota – porque pedi para não ir para a Sonserina...  
 – Exatamente – disse Dumbledore, abrindo um grande sorriso. – O que o faz muito diferente de Tom Riddle. São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que nossas qualidades. – Harry ficou sentado na poltrona, atordoado. (ROWLING, 1998, p. 246)

Pode-se ter duas interpretações dessa passagem: pela primeira, Dumbledore afirma que o Chapéu Seletor deixa que o aluno escolha a casa para a qual deseja ir, a depender de suas características. Por isso, mesmo que Harry possuísse muitas características de Sonserina, não foi para essa casa. Por sua vez, o diretor afirmou que ser da Sonserina não é algo ruim, porque até mesmo Harry tem muito em comum com os estudantes dessa casa. A segunda interpretação – e, infelizmente, não muito favorável à defesa do sistema de casas – é a de que Dumbledore diferenciou Harry de Voldemort simplesmente porque Harry escolheu ir para a Grifinória. Assim, é possível interpretar que, se ele tivesse ido para a Sonserina, teria sido igual a um bruxo das trevas. Ainda há muito que discutir em relação a esse sistema, a partir dos demais livros. Será que ele realmente se adequa a uma escola significativa? Será que realmente favorece o enquadre? Perguntas difíceis, as quais objetiva-se responder mais adiante.

Ainda acerca de rótulos, vale destacar que mesmo os alunos da Sonserina, que acreditam em puro-sangue, como o seu fundador, também são vítimas desses estereótipos e, em alguns casos, escravos deles, devido à necessidade de manutenção das aparências. Esse é o caso de Draco Malfoy que, conforme já explicado no ano um, vem de uma família constituída por gerações de Sonserinos. Inclusive, alguns foram/são apoiadores de Voldemort. Então, para ele, nesse ano, os ataques estavam sendo coerentes, já que acreditava que Hogwarts só deveria ser frequentada por bruxos puro-sangue e, como os ataques só estavam acontecendo com alunos nascidos trouxas, não havia problema algum.

Segundo Villela e Archangelo (2015, p. 82): “Os alunos que criam rótulos para os demais mediante projeção de suas próprias fantasias, ideias e temores, deixam

de se perceber também como possuidores daqueles aspectos atribuídos ao outro, portanto, simplificam-se a si próprios”. Voldemort, que retomou a ideia de puro-sangue deixada por Slytherin, não era puro-sangue e, ainda assim, propagava isso. Essa ideia foi incentivada por seus seguidores, que o seguiam mesmo sabendo que ele era mestiço. Tal fato confirma o que Villela e Archangelo pontuaram – apesar de essas pessoas criarem rótulos para as outras, só evidencia o que elas mesmas são. Tanto que Draco, frente a seus colegas, fala mal de Hermione, que nasceu trouxa, mas, no fundo, gostaria de ser o primeiro da turma, assim como ela.

### 5.3. ANO TRÊS

Assim como nos livros anteriores, a autora inicia a narrativa em *Prisioneiro de Azkaban* a partir das férias de verão da personagem principal, momento em que convive com seus tios. Todavia, agora Harry é um adolescente de 13 anos que viveu experiências fantásticas em sua escola de magia e bruxaria e sente-se cada vez mais infeliz junto de sua família, que o reprime e o ignora cada vez mais. No primeiro capítulo, a irmã de Válter, Guida, vai passar uns dias na casa do irmão. Do mesmo modo que seus tios, a mulher não é muito diferente no que se refere à maneira como trata Harry. Além disso, maldiga seus pais e incentiva que, para que o menino “tomasse jeito”, precisaria apanhar muito na escola. Esse tipo de comportamento resultou no óbvio: Harry fugiu de casa.

Mas depois de uns dez minutos sozinho na rua escura, uma nova emoção se apoderou dele: o pânico. De qualquer maneira que considerasse o caso, ele nunca se vira em situação pior. Estava perdido, sozinho, no escuro mundo dos trouxas, absolutamente sem ter aonde ir. E pior era que acabara de executar um feitiço sério, o que significava que quase certamente seria expulso de Hogwarts. Violara tão flagrantemente o decreto que limitava o uso de magia por menores, que se surpreendeu que os representantes do Ministério da Magia não tivessem caído em cima dele ali mesmo. (ROWLING, 1999, p. 26)

Com esse trecho, notam-se duas coisas. A primeira é que, apesar de Harry detestar sua família, durante todos esses anos, ela foi um apoio básico para ele, no sentido de oferecerem o mínimo, como comida e um teto para morar. O segundo ponto é que a escola tem um papel fundamental em situações como essa, pois é nela que ele encontra o suporte psíquico não encontrado na família. Ademais, é o lugar onde pode cometer erros e burlar regras, rumo ao aprendizado. Na situação

descrita, por exemplo, uma regra básica de Hogwarts – a de não usar magia fora da escola – está vinculada ao ministério e, retomando o que foi abordado anteriormente, é a famosa regra que só se aplica em determinados casos. No caso de Harry, que transformou a tia em um balão por mero acidente, não há motivos graves para que seja expulso. Visto isso, é produtivo pensar sobre o quanto o ministério tem controle sobre as pessoas menores de idade e sobre a magia, além do vínculo que sustentam com a escola.

Isso é visível quando Harry, depois de ter sido levado para o Caldeirão Furado, foi recebido pelo Ministro, que pretendia verificar se ele chegaria bem. Essa preocupação, que a família de Harry não sentia, é suprida pela escola significativa e pelo próprio governo. Certamente, o próprio Fudge pensava que os tios de Harry se preocupariam com o sobrinho, mas isso não se concretizou.

– Ah, você está preocupado com a reação dos seus tios? Bom, não vou negar que eles estão muitíssimo aborrecidos, Harry, mas se dispuseram a recebê-lo de volta no próximo verão, desde que você passe em Hogwarts as férias de Natal e da Páscoa.

A língua de Harry se soltou.

– Eu sempre passo em Hogwarts as férias do Natal e da Páscoa, e não quero nunca mais voltar à rua dos Alfeneiros.

– Vamos, vamos, tenho certeza de que você vai pensar diferente depois que se acalmar – disse Fudge em tom preocupado. – Afinal, eles são a sua família, e tenho certeza de que... bem lá no fundo vocês se querem bem. (ROWLING, 1999, p. 26)

Está claro que os Dursleys realmente não ligam tanto para Harry e, diversas vezes, maltratam-no. O que poderia ser feito, então? Pensando sobre o que sugerem Villela e Archangelo (2017, p. 139), a escola ou o ministro precisariam buscar soluções para que a família tenha mais empatia pelo garoto, que tem apenas 13 anos e já tem preocupações de adulto, além de um histórico de maus tratos.

As soluções podem ser alcançadas pela via objetiva, através de alguma providência prática ou de medidas concretas; pela via subjetiva, permitindo que a família compreenda e elabore emocionalmente o que a aflige ou lhe traz raiva, angústia; ou ainda de forma combinada, que percorre tanto a via subjetiva como a objetiva. (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 139)

Supõe-se que essa solução seria um acompanhamento psicológico, por meio do qual ele falasse, para a família, o que sente. Assim, através do diálogo, ela poderia tender a não ser abusiva. Vê-se, nas etapas seguintes da narrativa, que Harry só

consegue impor um pouco de respeito quando fala para os Dursleys sobre seu padrinho, Sirius.

Padrinho? – engrolou o tio Valter. – Você não tem padrinho!  
Tenho, sim – respondeu Harry animado. – Era o melhor amigo da minha mãe e do meu pai. E é um assassino condenado, mas fugiu da prisão dos bruxos e está foragido. Mas ele gosta de manter contato comigo... saber das minhas notícias... verificar se estou feliz... (ROWLING, 1999, p. 287)

A partir disso, nota-se que o essencial para a criança é que haja alguém que se importe, mantenha contato, busque notícias e se certifique de que ela está feliz. Os Dursleys, aos olhos de muitos, podem ser vistos como uma família bem estruturada. Hogwarts, no início, estabeleceu juízos morais sobre o quão bom ou ruim era esse suporte familiar para Harry e deixaram-no, como consequência, sem esses recursos essenciais, que ele só adquiriria aos 13 anos de idade, ao conhecer Sirius.

A opinião de Harry sobre seus parentes é tão nítida que, quando ficou sozinho na estalagem, até o fim de suas férias, não entrou em pânico por estar longe da família e de sua casa. Para ele, era como se estivesse livre. Hogwarts, por deixar os alunos de férias durante 3 meses, solicita algumas tarefas de casa, e Harry nunca conseguiu fazê-las sem ser escondido, já que os tios abominavam tudo o que vinha do mundo bruxo. A situação vai sendo construída de modo a fazer com que o leitor suponha que não há condições concretas para que a escola se aproxime da família e tenha uma conversa séria com seus membros. Os Dursley não depositam confiança em Hogwarts e abominam tudo relacionado à magia. Percebe-se a diferença gritante de comportamento se comparado com o da família Weasley, que é inteiramente bruxa, ou com o da família de Hermione Granger que, apesar de ser trouxa, apoia-a em tudo e confia na escola.

A situação, antes do início do ano letivo, era a de um assassino à solta atrás de Harry, situação sobre a qual seus tios nem foram informados. Já os Weasley sabiam e se preocupavam com a segurança do menino. A família dele também não deveria se preocupar com a sua segurança ou pelo menos saber o que estava acontecendo? Acredita-se que eles não foram informados justamente por não ligarem ou, talvez, pelo fato de a escola ter avaliado que a informação poderia criar ainda mais sofrimento para Harry. Porém, como já dito, sempre que possível, o ideal seria um acompanhamento familiar que visasse o bem-estar de Harry. De acordo

com Villela e Archangelo (2017, p. 145), a escola, também, depois de várias tentativas de contato com a família do aluno, não pode ficar insistindo tanto nessa relação, porque pode soar, para a família, algo cansativo. Como consequência disso, a perda da confiança na escola pode aumentar, considerando que a família pode ser levada a pensar que a instituição não é capaz de cuidar do aluno. Sendo assim, o colégio está correto em não tentar informá-los, depois de tantos anos de tentativas.

Nesse terceiro ano em Hogwarts, o foco principal das relações se constrói por meio dos professores. Conhece-se que, em uma escola significativa, esse cargo possui extrema importância e pode influenciar o aluno na visão que ele tem da escola. No caso de Harry, que já acumulou ódio e desconfiança do professor Snape, o amor que ainda nutre pela escola e pelo que ela oferece resulta do fato de que outros professores dão sustentação para sua experiência e o encorajam a enfrentar os desafios. Todavia, diversas vezes, Harry cita que a escola seria melhor sem esse professor. É importante ressaltar que este não trata todos os alunos de forma respeitosa e digna. Ele sabe o nome de alguns e conhece suas características, mas usa disso para humilhá-los diante da turma. Tal cenário é radicalmente diferente daquele descrito por Villela e Archangelo (2014a, p. 55), considerando que, no enredo, o professor é visto pelo aluno como “adversário” ou até “inimigo”:

Mesmo que o aluno não goste do professor, tende a ser tranquilizador o fato de o professor saber seu nome, saber sobre ele e de tratá-lo de forma única, respeitosa e pessoal. Pode o aluno ter uma sensação reconfortante de que mesmo seu “adversário” ou “inimigo” é capaz de aceitá-lo e de lidar com sua animosidade, no sentido de reconhecê-la e legitimá-la, sem ameaças ou retaliações.

Nesse caso, o bom professor da escola significativa é capaz de sustentar reações hostis do aluno diante de algumas divergências entre eles, ou mesmo diante do fato de o aluno não tê-lo como referência afetiva. Em fantasia, o aluno vê o professor como “adversário”, mas o professor consegue lidar com a animosidade, de modo que o aluno tenha oportunidade de se relacionar com tranquilidade com seus afetos, de se vincular a outros professores sem se sentir ameaçado pelo primeiro e tenha tempo para elaborar que, eventualmente, as diferenças entre ele e o professor se tratam apenas do fato de que se tem, de um lado, um adulto procurando orientar um jovem, e de outro, um jovem procurando seu caminho.

.Observa-se, na situação a seguir, Neville Longbottom apresentando dificuldades em elaborar uma solução redutora:

– Laranja, Longbottom – exclamou Snape, apanhando um pouco de poção com a concha e deixando-a cair de volta no caldeirão, de modo que todos pudessem ver. – Laranja. Me diga, menino, será que alguma coisa penetra nessa sua cabeça dura? Você não me ouviu dizer muito claramente, que só precisava por um baço de rato? Será que eu não disse, sem nenhum rodeio, que um nadinha de sumo de sanguessuga era suficiente? Que é que eu tenho de fazer para você entender, Longbottom?

Neville estava vermelho e trêmulo. Parecia prestes a chorar.

– Por favor, professor – disse Hermione –, eu poderia ajudar Neville a consertar...

– Eu não me lembro de ter lhe pedido para se exhibir, Srta. Granger – respondeu Snape friamente e Hermione ficou tão vermelha quanto Neville. – Longbottom, no final da aula vamos dar algumas gotas desta poção ao seu sapo e ver o que acontece. Quem sabe isto o estimule a preparar a poção corretamente.

O professor se afastou deixando Neville sem fôlego de tanto medo,

– Me ajude! – gemeu o menino para Hermione. (ROWLING, 1999, p. 86)

Quando Hogwarts permite que esse tipo de situação aconteça e não faz nada para impedi-la, deixa, momentaneamente, de operar como escola significativa. Deixar que um professor use sua autoridade para chantagear e humilhar alunos está longe de ser uma posição que se enquadra nos princípios de escola significativa. Não é à toa que o próprio Harry, apesar de amar seu colégio, sente ódio constante pela disciplina de *Poções* e não compreende como ninguém faz nada em relação às atitudes do professor Snape. Assim, sabendo que essas atitudes defasam o enquadre estabelecido no início do ano letivo, por que Dumbledore não demite ou tem uma conversa séria com Snape? Ele confia plenamente em seus professores e acredita que, se estão trabalhando no colégio, são leais a ele e aos seus princípios. Contudo, em certos casos, como o de Snape, a confiança não pode ser maior do que as evidências de que o bem-estar de seus alunos está em jogo, tendo em vista que são eles o maior foco de uma escola, ainda mais quando ela pretende ser significativa. Segundo Villela e Archangelo (2014a, p. 109),

todos gostam de se sentir protegidos, e algumas dessas claras interdições, quando não retaliadoras ou vingativas, demonstram a disposição do professor de enfrentar alguns obstáculos em nome da proteção dos alunos e do enquadre favorável ao trabalho, à atividade e ao bom relacionamento em sala. Tudo isso precisa ser protegido, reconstituído e aprimorado a cada momento. E os alunos reconhecem o esforço de quem zela por essa proteção, em nome do bom desenvolvimento das atividades pedagógicas e do clima favorável ao estabelecimento de bons vínculos no interior da sala de aula.

No caso de Hogwarts, o diretor tem a confiança em seus alunos e no corpo docente. Por isso, é decepcionante que ele permita que uma situação como a da sala de *Poções* aconteça e – o que é pior – não tome qualquer atitude para mudar o cenário. Trata-se de uma experiência bastante frustrante para todos que consideram Hogwarts significativa em suas vidas.

A confiança de Dumbledore, por outro lado, deu ao Professor Lupin uma oportunidade quando mais ninguém havia dado, já que ele é um lobisomem. No mundo bruxo, um lobisomem é visto com maus olhos, mas, se ele tomar uma poção, consegue controlar os sintomas. Ainda assim, muitos carregam preconceitos de que a pessoa torna-se maligna, o que não é verdade. Assim, Remo Lupin ingressou em Hogwarts para administrar a disciplina de *Defesa contra as artes das trevas*, vaga que nenhum professor ocupava por muito tempo. Ao contrário dos outros, Lupin ganhou confiança e carinho da turma, ensinou, realmente, a matéria e fez com que os alunos se sentissem seguros e importantes. Ele demonstra, com seus conhecimentos, a importância da disciplina, fomentando a turma a interagir e a ter apreço pelo conteúdo.

A diferença entre ambos é bem alarmante, inclusive quando olha-se o tratamento de um para com o outro. Enquanto Lupin elogia o professor Snape por ser um ótimo bruxo e um preparador de poções excepcional, Snape diz para a turma que Lupin é desorganizado e básico. O atrito entre os professores pode tirar a autoridade um do outro, além de que assuntos e opiniões pessoais sobre colegas e alunos não devem ser compartilhadas com a turma. Snape chega na primeira aula de Lupin e diz: “- Provavelmente ninguém o alertou, Lupin, mas essa turma tem Neville Longbottom. Eu o aconselharia a não confiar a esse menino nada que apresente dificuldade. A não ser que a Srta. Granger se incumba de cochichar instruções ao ouvido dele” (ROWLING, 1999, p. 90). Lupin, um pouco indignado, responde que vai chamar Neville para ajudá-lo na atividade e que tem certeza de que ele se sairá muito bem. Quando um aluno está com dificuldades em alguma disciplina, ele deve ser incentivado e, discretamente, premiado e elogiado, mesmo que não tenha obtido sucesso na atividade (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 119). Foi exatamente isso o que o Professor Lupin fez, pois, depois de Neville ter enfrentado o bicho papão na aula, recebeu 10 pontos por tê-lo ajudado na primeira

oportunidade e por ter conseguido realizar a tarefa duas vezes. Da mesma forma, deu 5 pontos para o restante da turma que também conseguiu concluir a tarefa.

Nessa dinâmica com o bicho papão, Lupin utiliza de um método da escola significativa:

O diálogo aparentemente casual com propósitos pedagógicos em geral consiste em uma pergunta amigável, em voz alta, dirigida a um aluno específico ou a quem da classe quiser respondê-la, sobre algo ou pessoal, embora não íntimo, ou sobre algum fato curioso ocorrido, cujo objetivo seja desencadear a discussão do conteúdo previamente planejado para a aula. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 120)

Essa aula foi comentada durante dias entre os alunos, o que os deixou fascinados e ansiosos para a próxima. Outro professor que, diferentemente de Lupin, não agradou muito os alunos foi a professora Sibila Trelawney que, logo em sua primeira aula, previu que Harry Potter morreria em breve, assustando muito os alunos. Em seguida, eles ficaram desconfiados da capacidade profissional de Sibila quando a Professora Minerva os alertou de que Trelawney previa a morte de um aluno todo ano e, até então, nenhum havia morrido. Hermione Granger, que foi constrangida na aula quando a professora afirmou que ela não tinha talento para a arte de ver o futuro, ficou extremamente revoltada:

– Se ser boa em Adivinhação é ter que fingir que estou vendo agouros de morte em borras de folhas de chá, não tenho certeza se quero continuar a estudar essa matéria por muito mais tempo! Aquela aula foi uma idiotice completa se comparada a minha aula de Aritmância! (ROWLING, 1999, p. 76)

No episódio descrito acima, o diálogo construtivo que se pode estabelecer em sala, motivador do aprendizado, cedeu lugar ao que se chama de uma tentativa de estabelecimento de uma profecia auto-realizadora, ou seja, a projeção de aspectos sobre um determinado aluno. Tais aspectos, supostamente, determinariam de antemão o seu futuro. Infelizmente, essa prática costuma ser usual em muitas escolas, fazendo com que, abandonado à sua própria sorte, sujeitado a condições desfavoráveis ao seu desenvolvimento – produzidas justamente por aquele que profetizou seu fracasso –, o aluno acabe realizando a profecia. Felizmente, no caso de Hogwarts, a profecia foi interrompida pela Professora Minerva, que alertou os

alunos para o fato de que as previsões eram sempre uma farsa. Em *O Prisioneiro de Azkaban*, o foco principal permaneceu nos professores, destacando as impressões boas ou ruins que provocaram em seus alunos. Hagrid, por exemplo, tornou-se professor esse ano, depois de muito tempo sendo guarda-caça. O colégio e, principalmente, Dumbledore transmitem um ar de esperança e confiança, permitindo que todos possam refazer sua trajetória, mesmo depois de cometerem algum erro. Quanto a Hagrid, muitos haviam se colocado contrários à sua contratação, considerando que ele havia sido expulso do colégio – ainda que injustamente. Mesmo que não tenha completado os estudos, seus anos de vivência e de amor aos animais fizeram com que ele fosse o professor ideal para a disciplina de *Trato das Criaturas Mágicas*. Porém, é importante que a relação entre professor e alunos também seja construída com base na confiança. Em sua primeira aula, verifica-se a empolgação e a curiosidade da turma acerca dos Hipogrifos, com exceção de Draco Malfoy que, ainda desconfiado, não segue as instruções do professor e acaba se acidentando. Isso repercutiu negativamente e passou pelos conselheiros da escola, que instruíram Hagrid a não trazer animais tão grandes e imponentes. Nesse sentido, o ministério decidiu eliminar o hipogrifo que havia machucado o aluno. De acordo com Villela e Archangelo (2015, p. 39), “a capacidade para aprender depende, portanto, de experiências com outro que incluam admiração, muita proximidade e confiança”. Alguns da turma realmente enxergavam Hagrid como alguém de confiança, a ser admirado, mas nem todos. Havia uma minoria contrária à sua aula e que nunca havia tido contato positivo algum com o professor, o que dificulta muito o aprendizado nessa primeira aula. O aluno se acidentou por não ter confiado nas palavras do professor e, assim, tê-lo desobedecido. Para resolver essa situação, Hagrid deveria ter conquistado a confiança desses alunos, mostrando-lhes que estavam seguros e que seu conhecimento era válido.

Tem-se, como contraposição, o professor Lupin, que também era um novo professor e, igualmente a Hagrid, começou, logo na primeira aula, com algo grande – um bicho papão. Ambos utilizaram um aluno para exemplificar a atividade antes de envolver a classe inteira. Sendo assim, o que pode tê-los diferido? Por não conhecerem Lupin, a relação dos alunos com ele não começou contaminada por expectativas negativas. Logo, a aula pode ser vivida como uma primeira experiência de contato com ele e com o seu ensino, e ele pode surpreendê-los. Enquanto isso, pairavam histórias sobre a origem de Hagrid como guarda-caça e sobre seus

estudos incompletos. O clima de desconfiança estava instalado, o que dificultou a nova experiência com ele.

#### 5.4. ANO QUATRO

Diferentemente dos outros livros da saga, *O cálice de fogo* se passa em um ano em que há uma celebração com outras 2 escolas de magia da Europa – evento chamado *Torneio Tribuxo*. Hogwarts, então, vira a sede desse torneio, que consiste em cada escola ter um campeão para disputar o prêmio por meio de tarefas. O objetivo principal é fazer com que os alunos criem laços uns com os outros, independente da nacionalidade. Porém, não deixa de ser, também, uma competição para analisar qual aluno, de cada escola, é o mais habilidoso entre os campeões. Como já mencionado, Harry acaba sendo selecionado pelo cálice para competir com os outros 3 campeões: Cedrico Diggory, Victor Krum e Fleur Delacour.

Sob a perspectiva de uma escola significativa, a interação com outras escolas é ótima para que se estimule um maior contato entre os alunos e tende a acabar com algumas “panelinhas” (VILLELA; ARCHANGELO, 2015). No caso de Hogwarts, que adere ao sistema das casas, esse torneio fez com que todos os alunos torcessem para o campeão de Hogwarts, independentemente da casa à qual pertence. Contudo, no início, devido a Harry ter ido contra as regras do torneio (ser um menor de idade e fazer com que Hogwarts tivesse 2 campeões), a escola inteira, com exceção da Grifinória, voltou-se contra ele por se sentirem traídos. Lufa-lufa, a casa de Cedrico, acreditou que Harry desejava tirar a glória da casa deles. Com isso, praticamente todo o apoio, na primeira tarefa, foi para Cedrico, e piadinhas e ofensas foram proferidas para Harry.

Os dias que se seguiram foram alguns dos piores que Harry passara em Hogwarts. O mais próximo que ele chegara desse sentimento fora durante aqueles meses, no segundo ano, em que grande parte da escola suspeitara de que era ele que atacava os colegas. Mas, então, Rony ficara do seu lado. Harry achava que poderia suportar a atitude do resto da escola se ao menos pudesse ter Rony outra vez como amigo, mas não ia tentar persuadi-lo a voltarem a se falar se ele não queria. Contudo, estava solitário com tanta animosidade ao redor dele. (ROWLING, 2001, p. 195)

Faz-se relevante observar como algo tão pequeno pode influenciar tanto nos sentimentos de alguém ou pode desencadear uma série de pensamentos gatilhos.

No caso, Rony, o melhor amigo de Harry há anos, não ficou ao seu lado, simplesmente por acreditar que havia sido ele quem colocara seu próprio nome no cálice e não lhe contara. Rony é o sexto filho entre 7 – dividindo a atenção dos pais com todos os outros irmãos – e, em Hogwarts, tem como melhor amigo Harry Potter, um dos bruxos mais famosos da atualidade. Ele se sente apagado e com sede de mostrar quem é e do que é capaz. Queria muito competir no torneio, justamente para provar suas habilidades a todos e receber um pouco de atenção, já destinada ao amigo. Entretanto, no momento em que percebe que, novamente, Harry Potter será o centro das atenções, e não ele, sente raiva, desprezo e, principalmente, inveja pelo melhor amigo.

Para Harry, essa atitude não fez sentido algum, pois o que ele mais sonha na vida é ter uma vida como a de Rony, com pais, irmãos, uma família que realmente o ame e cuide dele. Aliás, gostaria de receber a menor atenção possível, já que, apesar de no começo, aos 11 anos, tudo ter sido uma novidade, agora, aos 14, é um incômodo. “Diga a ele que troco de lugar quando ele quiser. Diga a ele que meu lugar está às ordens... gente olhando de boca aberta para a minha cicatriz para todo o lado que eu vou...” (ROWLING, 2001, p. 191). O que nota-se aqui é o famoso “a grama do vizinho sempre é mais verde”. Harry e Rony possuem uma amizade linda, repleta de cuidados, confiança, brincadeiras e respeito, mas sempre olharam a vida um do outro com um pouco de inveja.

Em uma situação como essa, em que o aluno é alvo de piadas, críticas, olhares tortos e exclusão, a escola significativa precisa intervir, tendo em vista que, na persistência desse ódio gratuito, é bem provável que o aluno passe a odiar a escola e a acreditar que vive em um ambiente arisco, onde não é aceito. No contexto do torneio, os alunos usaram distintivos com os dizeres: “Apoie CEDRICO DIGGORY – o VERDADEIRO campeão de Hogwarts” que mudava para “POTTER FEDE” (ROWLING, 2001, p. 196). O insulto fez com que Harry desejasse fugir do colégio.

Harry mal chegou a dormir àquela noite. Quando acordou na manhã de segunda-feira, ele pensou seriamente, pela primeira vez na vida, em fugir de Hogwarts. Mas quando correu o olhar pelo Salão Principal, na hora do café da manhã, e pensou no que significava abandonar o castelo, compreendeu que não poderia fazer isso. Era o único lugar em que fora feliz... bem, ele supunha que devia ter sido feliz em companhia dos pais, também, mas não seria capaz de lembrar. (ROWLING, 2001, p. 223)

Torna-se evidente que estava em curso um processo de estigmatização e que a escola deveria ter agido para evitar que ele fosse adiante. Primeiro, os distintivos deveriam ser proibidos; segundo, os professores deveriam orientar as suas turmas a respeito de que Harry não colocou seu nome no cálice e que era a vítima dessa história; e finalmente, terceiro, alguém deveria acompanhar Harry nesse período de tanta pressão. Com isso, o aluno não se sentiria tão atacado e solitário. Sabe-se que, depois da primeira tarefa, Rony voltou atrás e acreditou que Harry não gostaria de ter sido selecionado como campeão e que não havia colocado seu nome no cálice. Com isso, a maioria da escola esqueceu toda essa história e todos começaram a torcer pelo menino. Essa situação, vivenciada por Harry, é consequência do explicado como estigma por Villela e Archangelo (2015, p. 92).

O estigma, bem como a omissão da escola diante dele, destrói o sentimento básico de acolhimento do aluno estigmatizado e mesmo de muitos de seus colegas em relação à escola, que perde assim sua qualidade de instituição significativa. A escola precisa intervir corajosamente nos processos que resultem em formação de estigmas. Esta é uma das tarefas educativas mais importantes, e deve se constituir como meta da instituição, sempre que estigmas se fizerem presentes.

Relembrando que essa não é a primeira vez que Harry sofre com a estigmatização, o que confirma que Hogwarts não interfere seriamente ou não se preocupa devidamente com esse aspecto da relação entre seus alunos. Isso se agrava pelo fato da permanência de um aluno em específico – Draco Malfoy – que sempre deteriora a imagem de seus colegas. E esse aluno, devido a seus pais terem certa influência no ministério, não é ensinado, ou é raramente penalizado, por suas atitudes. O que fazer nessa situação, em que o aluno, mesmo sendo repreendido por certos atos, continua provocando seus colegas? Certamente, a melhor forma de lidar não é a utilizada pelo Professor Moody. Na cena em questão, Draco tenta atacar Harry pelas costas, e Moody o impede, transformando-o em uma doninha.

– Prof. Moody! – chamou uma voz chocada.  
A Profa Minerva vinha descendo a escadaria com os braços carregados de livros  
– Olá, Profa McGonagall – cumprimentou Moody calmamente, fazendo a doninha quicar ainda mais alto.  
– Que... que é que o senhor está fazendo? – perguntou a professora seguindo com o olhar subida da doninha no ar.  
– Ensinando – respondeu ele.

- Ensinan...Moody, isso é um aluno? gritou a professora, os livros despencando dos seus braços.
- É
- Não! – exclamou ela, descendo a escada correndo e puxando a própria varinha; um momento depois, com um estampido, Draco Malfoy reapareceu, caído embolado no chão, os cabelos lisos e louros sobre o rosto agora muito vermelho. Ele se levantou, fazendo uma careta.
- Moody, nunca usamos transformação em castigos! – disse a professora com a voz fraca. – Certamente o Prof. Dumbledore deve ter-lhe dito isso.
- É, talvez ele tenha mencionado – respondeu Moody, coçando o queixo displicentemente –, mas achei um bom choque...
- Damos detenções, Moody! Ou falamos com o diretor da casa do faltoso!
- Vou fazer isso, então – disse Moody, encarando Malfoy com intenso desagrado. (ROWLING, 2001, p. 137)

Nota-se a indignação da professora Minerva com relação ao castigo dado para Draco. A escola significativa deve buscar, de todas as formas, a fonte do problema, ou seja, o motivo para que Harry e Draco se ataquem tanto e, principalmente, a razão para Malfoy atacar os outros alunos também. Em nenhum momento, verifica-se nos livros atitudes que promovam o fim da estigmatização, há apenas uma amenização de conflitos, promovida por meio da perda de pontos ou de uma conversa que beira a ameaça de expulsão da escola. Essas atitudes são cautelosas, a ponto de conseguir interferir nos problemas entre alunos, mas não promovem o bem-estar de todos e não são suficientes para dar fim às provocações. E é aí que a importância de retomar o enquadre se mostra cada vez maior, pois se, no início do ano letivo, ele é estimulado e continua se modificando a depender das condições que se apresentam, raramente haveria situações como essas.

No fim do ano letivo, dá-se um fato marcante, que influencia as relações entre aluno, escola, família e professores: a morte de um aluno durante o torneio. Cedrico Diggory foi assassinado durante a prova final do torneio tribruxo, gerando traumas, principalmente, em Harry, que viu o amigo ser morto. A escola falhou brutalmente quanto à segurança de seus alunos, o que, gradativamente, provoca a perda de confiança no diretor e na escola. Como o trauma se trata muito mais de algo que deixou de acontecer, não do que realmente aconteceu (BORGOGNO, 2007), todos os envolvidos vão atribuir a culpa mais na falta de segurança do que no fato de ter sido uma armadilha. Por outro lado, Harry coloca a culpa nele mesmo, porque não teve reação na situação e, assim, não conseguiu ajudar Cedrico. Em sua mente, ele deveria ter impedido a morte do colega. O “não fazer nada” referente ao trauma é preocupante. Nesse caso, portanto, a escola deve oferecer um acompanhamento psicológico ao aluno, tendo em vista que esse acontecimento pode elencar outros

fatores da infância do aluno e ser um gatilho para alguns transtornos (BORGOGNO, 2007).

## 5.5. ANO CINCO

No início do livro, Harry tem que lidar com o trauma de ter visto seu amigo morrer na sua frente e, ainda, com o sentimento de isolamento, pois todos a quem ama não estão dando notícias ou o excluem de informações sobre o mundo bruxo. A raiva e a indignação viraram sentimentos constantes de um adolescente de 15 anos que passava por uma fase de luto. Sabe-se que a causa de que seus amigos e professores o isolasse de tal forma era que ele estaria em perigo se saísse de casa, e eles temiam que, se ele soubesse de tudo o que estava sendo discutido na Ordem, gostaria de participar ativamente e se colocaria em risco. A conclusão desse comportamento já era prevista – com tanta raiva acumulada, Harry saiu de casa e colocou-se em perigo, o que quase o fez ser expulso de Hogwarts.

A indisciplina e mesmo a agressividade são sinais de que alguma coisa não anda bem para o aluno. É possível que uma conversa ou escuta mais detalhada da parte do professor possa ser importante para auxiliá-lo em suas dificuldades com o aprendizado, o relacionamento com colegas e professores, ou aspectos emocionais e psicológicos mais gerais. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 112)

Se os adultos presentes na vida de Harry tivessem lhe explicado os motivos de tal isolamento, ele não teria se sentido tão abandonado e sozinho. Consequentemente, o sentimento de raiva e indignação não seria tão presente. Posteriormente, mesmo voltando para perto de seus amigos em Hogwarts, ainda havia um buraco no peito de Harry. O diretor, Dumbledore, que sempre havia estado presente para ele e foi muito mais do que um diretor – exerceu um papel muito significativo na em sua vida –, agora, ignorava-o e nem olhava em seus olhos, estava cada dia mais distante. Conforme Villela e Archangelo (2015, p. 37),

todos os alunos, mas em especial os anteriormente privados de experiências com adultos significativos, dependem da qualidade do vínculo que o professor estabelece com a instituição em que trabalha, com o conhecimento que ensina e com seus alunos.

Claramente, Potter é um aluno que foi privado de experiências com adultos significativos até os seus 11 anos, pois seus pais, que o amavam muito, morreram quando ele tinha apenas um ano de vida. Assim, uma das primeiras figuras em quem Harry encontrou conforto e acolhimento foi o diretor da escola. No fim desse livro, Dumbledore explica o motivo de suas atitudes e percebe que errou por tratar Harry dessa maneira.

– Harry eu lhe devo uma explicação. Uma explicação para os erros de um velho. Porque vejo agora que o que fiz e o que não fiz, com relação a você, tem todas as marcas de deslizos da velhice. Os jovens não podem saber como os idosos pensam e sentem. Mas os velhos são culpados quando se esquecem do que era ser jovem... e parece que ultimamente andei me esquecendo... (ROWLING, 2003, p. 608)

E conclui:

– Você está vendo Harry? Está vendo agora a falha do meu brilhante plano? Eu caí na armadilha que previra, que dissera a mim mesmo que poderia evitar, que precisava evitar.

– Eu não...

– Eu me preocupava demais com você – disse Dumbledore com simplicidade. – Me preocupava mais com a sua felicidade do que com seu conhecimento da verdade, mais com a sua paz de espírito do que com meu plano, mais com a sua vida do que com as vidas que seriam perdidas se o plano fracassasse. Agi exatamente como Voldemort espera que nós, tolos, que amamos, façamos.

– Tenho defesa? Desafio qualquer um que tenha observado você como eu – e eu tenho o observado mais atentamente do que você pode ter imaginado – a não querer lhe poupar mais dor do que você já tem sofrido. Que me importavam as inúmeras pessoas e bichos sem nome nem rosto sacrificados em um futuro difuso, se no aqui e agora você estava vivo, bem e feliz? Nunca sonhei que seria responsável por alguém assim. (ROWLING, 2003, p. 617)

Harry se sentiu desamparado e angustiado durante o ano inteiro, pois não tinha ninguém do corpo docente com quem pudesse desabafar e contar seus anseios. Ainda mais nesse ano, em que o ministério estava interferindo em Hogwarts, o que resultou no desespero dos alunos e professores. A professora Umbridge foi ganhando espaço dentro do colégio enquanto, cada dia mais, Dumbledore foi se afastando. Nesse ano importante, em que o quinto ano presta os N.O.M.s. – provas finais de cada disciplina, que avaliam os conhecimentos dos alunos e, assim, no ano seguinte, dependendo dos resultados, permitem que eles escolham as disciplinas de acordo com a profissão desejada –, eles não estavam

aprendendo nada nas aulas de *Defesa Contra as Artes das Trevas*, porque Umbridge considerava o material inadequado para a idade deles.

Por esse motivo, Harry se tornou professor de seus colegas. Pelo fato de ter mais experiências com duelos e feitiços defensivos, seus amigos formaram um grupo de estudos sobre defesa contra as artes das trevas, o que era proibido aos olhos da Alta Inquisidora.

se, alternativamente, o objetivo da atividade é a coordenação de diferentes habilidades para o desenvolvimento de um projeto, a tarefa deve ser estruturada para favorecer outros aspectos: provavelmente deve contemplar a capacidade do grupo para percepção de diferentes papéis envolvidos, a capacidade de distribuição e organização das tarefas, a capacidade de problematização de diferentes percepções e ideias, e de reunião de informações pertinentes. (VILLELA; ARCHANGELO, 2015, p. 68)

Se os próprios estudantes precisam se organizar em um grupo para terem aulas com outro aluno porque não estão aprendendo em sala, um dos objetivos mais importantes da escola significativa não está sendo atingido – o de ensinar. Entretanto, é importante ressaltar que Hogwarts, até então, estimulou seus alunos para que tivessem autonomia e conseguissem “escapar” de uma situação como essa. As reuniões do grupo, chamado Armada de Dumbledore (AD), comprovam que a proibição da formação de grupos e times, imposta pela Alta Inquisidora e futura diretora, é sem fundamento e irrelevante. Considerando que se trata de um ano de exames, o fundamental é o aprendizado. Harry tornou-se professor de seus colegas justamente por entender as necessidades de cada um e, então, conseguir oferecer informações pertinentes para o contexto. Além disso, as reuniões eram um ato de rebeldia contra o sistema implementado pelo ministério em Hogwarts.

Voltar à escola significava colocar-se mais uma vez sob a tirania de Dolores Umbridge, que, sem dúvida, conseguira passar à força mais uma dúzia de decretos na ausência dos garotos; não havia partidas de quadribol pelas quais ansiar, agora que fora expulso; havia toda a probabilidade de que a carga de deveres de casa aumentasse à medida que os exames se aproximavam; e Dumbledore continuava distante como sempre. De fato, se não fosse pela AD, Harry achava que teria suplicado a Sirius para deixá-lo abandonar Hogwarts e continuar no largo Grimmauld. (ROWLING, 2003, p. 383)

Harry demonstrava, assim, sua resistência e seu distanciamento em relação à escola. Resistência esta, inclusive, em relação ao retorno à escola, pois segundo Villela e Archangelo (2014a, p. 128), quanto mais o ambiente for opressivo, maior é

a probabilidade de o aluno tornar-se mais inibido ou defensivo. Todavia, o vínculo com Hogwarts havia preparado seus alunos para esse cenário adverso. E isso só acontece porque, anteriormente, Hogwarts era uma escola acolhedora. Os alunos que conheceram a “liberdade” não se contentaram com esse novo modelo opressivo, com tanta imposição de regras intuindo a uniformização das relações e a criação de um padrão rígido e inexpressivo.

Fred e Jorge foram os mais “afetados” pela conduta da nova diretora. Ambos estavam desenvolvendo brinquedos e alimentos que tinham o objetivo de pregar peças, como no caso dos “kits mata aula”. Com ele, a pessoa que come um dos doces começa a vomitar sem parar e, por isso, é retirada da sala. Em seguida, ela come outro doce que a faz sentir-se bem e, assim, ela passa o tempo em que deveria estar em sala, livre. Com uma professora como Umbridge, eles estavam lucrando muito e não tinham pretensão de parar até serem expulsos, pois Hogwarts, da maneira como estava, não fazia sentido para eles.

- Em todo o caso... decidimos que não vamos mais ligar se nos metermos ou não em confusão.
- E algum dia vocês ligaram? – indagou Hermione.
- Mas é claro – protestou Jorge. – Nunca fomos expulsos, não é?
- Sempre soubemos onde parar – acrescentou Fred.
- Às vezes ultrapassávamos um dedinho – disse Jorge.
- Mas sempre paramos em tempo de evitar o caos total – completou Fred.
- Mas e agora? – perguntou Rony hesitante.
- Bom, agora...- começou Jorge.
- ... com a partida de Dumbledore – continuou Fred.
- ... concluímos que um certo caos... – disse Jorge.
- ... é exatamente o que a nossa querida diretora merece – disse Fred.
- Pois não deviam! – sussurrou Hermione. – Realmente não deviam! Ela adoraria ter uma razão para expulsar vocês!
- Você não está entendendo, Hermione, não é? – perguntou Fred, sorrindo para ela. – Não fazemos mais questão de ficar. Sairíamos agora se não estivéssemos decididos a fazer alguma coisa por Dumbledore primeiro. (ROWLING, 2003, p. 462)

O desespero dos alunos, que leva-os a adquirir os produtos Weasley, pode estar relacionado com a proibição do ato de brincar. Com tantos impedimentos na escola e tantas regras sem sentido, eles se viram sem lazer e encurralados em um espaço no qual só é permitido comer, dormir e estudar. Para os jovens, segundo Winnicott, o brincar ganha espaço por ser algo relacionado ao mundo externo e mundo interno (VILLELA; ARCHANGELO, 2015, p. 107), ou seja, o espaço psicológico em que a realidade ruim, vivenciada em Hogwarts nesse momento, poderia ser esquecida, enfrentada e transformada.

## 5.6. ANO SEIS

Nesse sexto ano em Hogwarts – inclusive, o último para algumas das personagens principais –, o aspecto mais destacado na escola significativa diz respeito à influência que essa trajetória de tantos anos exerce em cada uma das personalidades. Ou seja, pretende-se discutir se Hogwarts foi mesmo uma escola significativa (lembrando que a escola significativa é algo que se busca, não algo engessado) e analisar alguns cenários influenciados por essa condição.

O sexto ano letivo é atípico, considerando que há um perigo eminente, fora dos portões do colégio, que vem trazendo muitas tragédias consigo. Ainda que a escola esteja fazendo o seu melhor em prol da segurança de seus alunos, não consegue controlar o que acontece fora dos portões. Visto isso, por ser uma época de muitas incertezas, alguns pais preferiram tirar seus filhos de Hogwarts e cuidá-los em casa.

Em *Enigma do Príncipe*, o foco principal passa a ser as relações. Vê-se o dilema enfrentado por Draco Malfoy, as atitudes de Snape sendo influenciadas por fantasmas do passado, a glória de Rony Weasley, a bajulação de Slughorn, o nervosismo de Hermione, o tratamento de Luna, os mistérios de Dumbledore e, principalmente, como Harry Potter está interligado a todos esses personagens.

Inicia-se, então, a discussão sobre a glória de Rony. Ao decorrer da saga, ele foi um personagem fundamental para os grandes feitos de Harry, era o seu suporte emocional e, por muitas vezes, sua família. Nesse livro, o enredo o coloca em destaque, já que é possível acompanhar o aflorar de seu relacionamento com Hermione, depois de começar a namorar Lilá Brown, e sua felicidade por estar em destaque uma vez, após ter sido um goleiro excepcional em um jogo da Grifinória. Sob olhares externos, esses feitos não parecem grande coisa para o desenvolvimento da personagem; porém, na realidade, tiveram grande importância para ela. A escola significativa atuou em Rony Weasley, dando-lhe a oportunidade de aflorar seus sentimentos e sua autoestima.

O lúdico, para o jovem, ganha um sentido especial. Em geral está associado às atividades cognitivas e ganha a dimensão da arte ou do esporte, que podem se constituir em caminhos fundamentais para estabelecer relações interpessoais, para desenvolver o sentimento de pertença, para aumentar sua autoestima e para realizar de forma produtiva certa atividade, mesmo se

e quando se sente bastante incapaz em outras áreas. O sucesso, ainda que relativo, na área dos esportes ou das artes, tende a favorecer o engajamento dos alunos nas demais áreas, inclusive acadêmicas. (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 210)

Se Rony não tivesse feito os testes para ser goleiro de quadribol, não teria ganho o jogo, não teria namorado e, principalmente, não teria descoberto os seus reais sentimentos por Hermione. A escola, depois de tantos anos, deu-lhe a glória de que precisava para que compreendesse quem, realmente, gostaria de ser. No caso desse educando, Hogwarts foi significativa, apesar dos danos físicos já causados à sua família. Ela lhe deu oportunidades para crescer. É importante destacar que, mesmo obtendo muito sucesso nos esportes, nas aulas de Slughorn, enquanto seus dois melhores amigos ganharam destaque, ele foi esquecido completamente – a ponto de a professora errar seu nome constantemente. Quanto a isto, “o conhecimento do nome do aluno pelo professor é fundamental em vários sentidos, dentre os quais o efeito que provoca no aluno” (VILLELA; ARCHANGELO, 2015, p. 74).

Faz-se relevante discorrer um pouco sobre o Professor Horácio Slughorn, um docente bem diferente dos demais. Conhecido por ter vários luxos e bajular alunos em que enxerga potencial, torna a escola significativa apenas para alguns. Tal atitude, conforme a teoria, não deveria acontecer, pois, como dito anteriormente, esse comportamento propicia sentimentos negativos nos alunos excluídos, que podem se revoltar contra a escola, fazendo com que ela se perca completamente de seus objetivos. Para aqueles que são bajulados, pode-se consolidar dois sentimentos: o de vergonha ou o de vaidade. No caso de Harry, a situação foi aproveitada para facilitar uma aproximação do professor, pois precisava de algo que apenas ele tinha. Entretanto, só recebeu diálogos de fruição. Esses diálogos não formais e normalmente descontraídos criam no jovem a sensação de que a escola é um ambiente acolhedor (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 122). Nesse contexto, houve uma troca: Harry deixava Horácio bajulá-lo a fim de obter informações valiosas para Dumbledore. Todavia, por conta dos diálogos de fruição, Harry escutou, do professor, coisas belas que sua mãe havia feito e, devido a isso, criou certa confiança em Slughorn.

Na época em que Tom Riddle frequentava a escola, um desses diálogos foi longe demais, e o professor acabou dando-lhe informações que não deveria. Porém, Slughorn não conhecia os reais motivos das perguntas de seu aluno. Por estar

preocupado em bajular, ele não se preocupou em observar seu aluno, o que pode ter provocado esse aparente mal entendido. Por que aparente? Porque a bajulação comunica, em diálogo oculto, um desdém recoberto por aparente interesse. No caso, o aluno respondeu com a mesma moeda – aparente interesse pela conversa agradável e real interesse por informações que o professor não deveria ter dado.

Para Hermione Granger, ser bajulada por Slughorn não foi tão bom quanto pensava que seria. “A expressão de Hermione não poderia ser mais presunçosa; ela detestava ficar em segundo lugar nas aulas de Poção” (ROWLING, 2005, p. 251). Mesmo sendo uma das favoritas do professor, ficar em segundo lugar em uma disciplina nunca tinha acontecido antes. Sua raiva crescia, principalmente por saber que Harry havia ganhado o primeiro lugar por conta das anotações do Príncipe Mestiço, e não por mérito próprio.

De acordo com Villela e Archangelo (2015, p. 82), “a inveja relativamente natural e manejável que a classe sente em relação a um aluno que se destaca (inveja que, aliás, já está presente na conotação negativa do rótulo escolhido para nomeá-lo) é amplificada com a cristalização do estereótipo”. Ou seja, Hermione, que sempre foi rotulada como “a mais inteligente”, “a melhor da turma”, “a sabe tudo”, quando “perdeu” seu rótulo para alguém, sentiu-se desamparada. Antes, era ela o motivo da inveja e da irritabilidade sentida pela turma; agora, ela estava sentindo por conta de Harry. Esse é um entre os muitos exemplos possíveis de que os rótulos não cabem em uma escola significativa.

Ademais, acerca dos rótulos, a personagem que mais sofre com eles é Luna Lovegood, constantemente chamada de di-lua, maluca, esquisita, excluída, sem amigos. Além disso, alguns colegas roubam suas coisas e as escondem pelo castelo. Essa é uma situação grave, em que ela se tornou “o esquisito da escola” (VILLELA; ARCHANGELO, 2015, p. 84).

O que as pessoas dizem já está tão impregnado em sua mente que, mesmo tendo amigos, ela acredita que não os tem. Da mesma forma, quando lhe falam algo legal sobre sua pessoa, tende a não acreditar nos elogios, supondo que estão tirando sarro dela.

- Legal sua narração no último jogo! – disse Rony a Luna, quando ela pegou de volta a cebola verde, o chapéu-de-cobra e a argila. A garota deu um sorriso indefinido.
- Você está caçoando de mim, não é? Todo mundo disse que foi péssima.

– Não, estou falando sério! – replicou Rony com sinceridade. – Não me lembro de ter gostado tanto de uma narração! (ROWLING, 2005, p. 283)

Dito isso, será que Luna viveu em uma escola significativa para ela? Segundo Villela e Archangelo (2015, p. 85), a produção de estereótipos

não concorre, assim, para a escola significativa alcançar seus objetivos, e nem para ser um espaço agradável e significativo a todos. Ao contrário, parece limitar significados e relações diversas, intensas e mais profundas entre os alunos. Tende a atrapalhar o enquadre e a boa realização das atividades no interior da sala de aula. Portanto, a atuação intencional e deliberada do professor em sua ação educativa não deve ignorar os estereótipos produzidos nas diferentes classes.

O que estava acontecendo com Luna foi ignorado por todos os seus docentes que, além de não saberem o que a menina estava sentindo, não se preocuparam em descobrir ou lidar com o estereótipo.

Outro aluno que foi vítima de um rótulo bem definido foi Draco Malfoy. Em todos os livros, ele é relatado como metido, ganancioso, valentão, implicante e insensível. No ano seis, J.K. mostrou outra face desse adolescente – sensível, amedrontada, inquieta e introspectiva. A que se deve essa brusca transformação?

Draco foi criado por pais que, antes, haviam sido Comensais da Morte, e que tinham muita influência no ministério, além de muito dinheiro. Ainda que isso não justifique seu comportamento, ele cresceu em um ambiente hostil, sempre buscando a aprovação do pai. A maneira que ele encontrou de conseguir isto foi a de copiar a forma como o pai agia. Por isso, quando criança, xingava quem não era “puro-sangue”, era inconveniente com quem não o bajulava e exaltava sua riqueza em qualquer oportunidade – comportamentos que são reflexos dos do pai.

Essas atitudes só confirmam a razão de ter implicado com Harry Potter por tantos anos. Desde o primeiro momento, quis que ele fosse seu amigo. Quando ele recusou, Draco sentiu-se perdido e enciumado. Harry era feliz com seus amigos genuínos; era rico e não dizia uma palavra sobre isso; era famoso, mas não gostaria de sê-lo; e, principalmente, não se gabava pelos seus feitos. No fundo, Draco gostaria de ser um pouco como Harry e, devido a isso, não se conformava com que Potter tivesse tudo o que ele gostaria de ter e, ainda assim, continuasse a ser espontâneo e autêntico.

Por qual motivo, então, Hogwarts deixou que Draco se comportasse dessa maneira durante todos esses anos? Por que não foi feita uma conversa profunda

com ele, para compreender os motivos de seu comportamento? Para Villela e Archangelo (2017, p. 184), “a pronta atribuição de causas familiares a seus problemas emocionais apenas obscurece o entendimento do que se passa com a criança e impede uma adequada intervenção por parte da escola”. Sendo assim, a escola acreditou que o comportamento de Draco era natural, visto que foi influenciado pelo seu meio familiar. Não puderam observar o sofrimento que isso impunha ao garoto e, conseqüentemente, não atuaram para que ele pudesse encontrar seu verdadeiro *self*, que se escondia sob um falso *self* adaptativo, voltado a atender expectativas parentais.

Não entender a maneira particular como esse problema se constitui para a criança e com quais recursos ela o enfrenta é não entender muito bem o que se passa com ela. Isso acaba facilmente resvalando em estereótipos sobre a criança e pode, até mesmo, causar a estigmatização dela e de sua família. Se a escola pretende, de fato, dar algum suporte à criança, não pode, então, apenas apontar genericamente a relação entre o problema que ela apresenta e a situação familiar objetiva, pois isso não é de muita utilidade. É importante procurar saber qual é o problema da criança; como ela o representa para si – ou como ele se manifesta nela –; qual a específica participação da família na produção desse problema; e, finalmente, a partir de que meios a criança transforma sua condição familiar em um cenário psíquico particular que determina seu enorme sofrimento ou a enorme inadequação de sua atitude. (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 186)

Assim, fica claro que a escola falhou com Draco Malfoy, por não entender mais a fundo seus sentimentos. Evidentemente, Dumbledore colocou Snape para vigiar o menino e protegê-lo, além de ter impedido que ele cumprisse uma ordem de Voldemort, pois se preocupava com a alma de Malfoy. A partir do momento em que Draco pegasse sua varinha e dissesse o feitiço da morte, nunca mais seria o mesmo. Ademais, isso poderia significar, para ele, uma confirmação da estigmatização sofrida durante todos esses anos.

Pode-se concluir que a escola tentou ajudá-lo quando a situação passou a ser grave, ignorando completamente os outros anos em que Draco agia de forma mecânica. Voldemort usou o menino para fazer os pais dele sofrerem, pois tinha certeza que ele falharia no plano e acabaria morrendo. Ainda que tardiamente, Dumbledore conseguiu ajudar Malfoy nessa situação, apesar de agir na surdina e sem realmente dar um apoio físico e psicológico para o aluno, atribuindo essa função a Snape.

Em *Enigma do Príncipe*, Snape ganha grande importância, seja por ser o próprio Príncipe Mestiço ou por matar Dumbledore. Pela primeira vez, depois de

tantos anos aguentando ofensas, injustiças e rancor, quando Dumbledore caiu da torre, Harry não se aguentou e atirou feitiços contra o professor. “- Você se atreve a usar os meus feitiços contra mim, Potter? Fui eu quem os inventei: eu, o Príncipe Mestiço! E você viraria as minhas invenções contra mim, como o nojento do seu pai, não é? Eu acho que não...não!” (ROWLING, 2005, p. 400).

Nessa cena, tem-se uma demonstração de que Snape aproveita todas as oportunidades que tem para falar mal do pai de Harry. Recordar-se que, no livro anterior, uma das memórias que Snape carrega de quando era adolescente é de um momento em que Tiago caçoava dele. Quando Harry viu essa memória, sentiu pena de Snape e confrontou Remo e Sirius, que também estavam presentes na memória, pedindo que se explicassem. O desfecho da conversa foi que ambos caçoavam um do outro, ou seja, Snape também não era completamente inocente. Fato é que, ainda que ele tenha sofrido, na adolescência, com o pai de Harry, por ser um professor, não deveria descontar sua raiva em seu aluno. Essas atitudes dizem mais a respeito do professor do que da própria criança (VILLELA; ARCHANGELO, 2017, p. 181). Portanto, Snape repete suas relações antigas nas atuais em sala de aula, com a esperança de que, dessa vez, seja o assediador, não o assediado. Esse comportamento ecoa as ideias de Villela e Archangelo (2014a, p. 136):

As relações antigas que servem de modelo para as relações novas são especialmente as que foram importantes e marcantes na vida da criança; em outras palavras, principalmente as relações estabelecidas com os pais, mas também com irmãos, amigos mais próximos e adversários mais temíveis.

Snape já ameaçou envenenar o sapo de Neville, já caçoou da aparência de Hermione, já descontou pontos da Grifinória injustamente, já sabotou Harry diversas vezes. Essas atitudes confirmam que, na verdade, o professor tem medo de que seus alunos o tratem da mesma forma como era tratado na adolescência. Por isso, bloqueia qualquer indício de fraqueza, sendo completamente desprezível e rude.

Sua atitude tende a ser defensiva, diminuindo sua capacidade de vínculo e de conhecimento do aluno. Esse professor tem sua capacidade de compreensão, de relacionamento e de diálogo com os alunos comprometida. Em vez de tomar as formas de ser dos diferentes alunos como o objeto de interesse, tende a reduzir sua atenção a eles, atuando atabalhoadamente no sentido de diminuir as possibilidades de algum constrangimento, torcendo para que a aula termine quanto antes, desejando secretamente que sua aposentadoria chegue logo, ou, preliminarmente, que

uma falta de trabalho ou um pedido de afastamento possa ser justificado por motivos de saúde. (VILLELA; ARCHANGELO, 2014a, p. 131)

Essas atitudes afetaram Harry, que sentia-se confuso quanto aos seus sentimentos sobre a escola. Por conta de um professor, às vezes, seus dias eram arruinados por sentir ódio constante. Isso reflete na escola significativa, pois um professor que desperta tal sentimento pode provocar uma desconexão entre criança e escola. E, no caso de Harry, quase provocou uma desconexão entre pai e filho, fazendo-o acreditar que seu pai era arrogante, presunçoso, irritante e valentão. Se o menino não tivesse outras pessoas que conheceram seu pai para lhe dizerem o contrário, talvez nunca mais pensasse nele com carinho ou com vontade de tê-lo conhecido.

Em *Ordem da Fênix*, Harry perdeu seu padrinho e melhor amigo de seu pai. Depois de muitos anos sem ter uma figura paterna, quando finalmente tinha, durante um ano, ele morreu. A dor transbordou no peito de Harry.

– É duro – disse Harry finalmente, em voz baixa – saber que ele não escreverá mais para mim.

Seus olhos arderam de repente, e ele piscou. Sentiu-se idiota admitindo isso, mas o fato de ter alguém fora de Hogwarts que se importava com o que lhe acontecia, quase como um parente, tinha sido uma das melhores coisas de ter aquele padrinho... e agora a chegada do correio-coruja nunca mais o confortaria...

– Sirius representou muita coisa que você não tinha conhecido antes – disse Dumbledore com suavidade. – Naturalmente, a perda é devastadora. (ROWLING, 2005, p. 55)

Nesse sentido, Villela e Archangelo (2017) confirmam que “a certeza da presença de uma referência sólida, identificada com a função paterna, tende a ser fonte de segurança e de estabilidade, o que confere maior autonomia ao jovem em momentos de crise ou de teste e oposição em relação à autoridade” (p. 48).

Conforme o já mencionado sobre a profecia auto-realizadora, faz-se necessário ponderar um pouco mais se Hogwarts ou, principalmente, o professor Dumbledore influenciaram Tom Riddle a virar Lord Voldemort.

Brophy e Good (1974) acreditam ser inevitável a formação de diferentes expectativas do professor sobre os alunos, mesmo com o contato mais remoto entre eles, e mesmo que o professor tente evitar formá-las. São geralmente resultado de observações do desempenho, mais do que causa dele. Entretanto, elas são capazes de ser a causa do desempenho, se

forem rígidas e inapropriadas. Por esse motivo, é provável que atuem como profecias auto-realizadoras mais em alguns professores do que em outros. (SCHIAVONI, 2004, p. 23)

Dumbledore criou certas expectativas sobre Tom Riddle, assim que o conheceu no orfanato. Percebeu alguns detalhes minuciosos, que viraram traços da personalidade de Lord Voldemort. Dentre eles, as características de guardar artefatos ou se orgulhar de ser especial – no futuro, essas seriam informações importantes para descobrir que ele havia criado as Horcrux, que estavam guardadas em objetos “famosos” relacionados, inclusive, a Hogwarts.

– O senhor sabia... na época? – perguntou Harry.

– Se eu sabia que acabara de conhecer o bruxo das Trevas mais perigoso de todos os tempos? Não, eu não fazia ideia de que ele iria crescer e se tornar o que é. Mas fiquei certamente intrigado com ele. Voltei a Hogwarts com a intenção de vigiá-lo, coisa que, de qualquer modo, era minha obrigação, uma vez que ele não tinha família nem amigos, mas que, já então, eu sentia que devia fazer não somente por ele, mas pelos outros.

Seus poderes, como você mesmo ouviu, eram surpreendentemente bem desenvolvidos para um bruxo tão jovem e, o que é mais curioso e ameaçador, ele já havia descoberto que conseguia controlá-los até certo ponto, e começou a usá-los de forma consciente. E como você viu, não eram as experiências aleatórias típicas de um bruxo jovem. Ele já estava usando a magia contra outras pessoas, para amedrontar, castigar e dominar. Os episódios do coelho enforcado e do garoto e da garota atraídos para uma caverna foram muito sugestivos... *Sei fazer as pessoas sentirem dor, se quiser...* (ROWLING, 2005, p. 184-185)

Tom Riddle, por viver em um orfanato sem amor ou atenção e sem saber quem era sua família, criou uma maneira de ser notado. Quando descobriu seus poderes, roubava e maltratava as crianças ao seu redor, fazendo com que ele se sentisse importante, não mais invisível. Ser maldoso virou uma condição para se fazer notar, e era nessas ocasiões que ele via que conseguia fazer algo bem. Era taxado, pelas pessoas do orfanato, como louco e precisava de cura. Então, quando se encontrou com Dumbledore e conheceu pessoas que conseguiam realizar mágicas como ele, ele precisava ter algo a mais para que se destacasse. A maioria dos professores o elogiava: “como ele é inteligente”, “como ele é bonito”. Porém, o

principal para Tom era ser superior aos seus colegas. Assim, descobriu que era o herdeiro de Slytherin e, por trás de toda a postura de inocente para os professores, ele era o superior na frente de seus colegas. Hogwarts foi o lugar em que ele se encontrou – as pessoas o bajulavam, ele conseguia se gabar de suas habilidades e sentia-se, pela primeira vez, acolhido.

O único que sentia certa desconfiança nos comportamentos de Tom, como já citado, era o professor Dumbledore. O professor conseguiu entender seu aluno, mas não se pode deixar de imaginar que, talvez, as suas constatações tenham sido o motivo para que Tom Riddle se tornasse Voldemort. Dumbledore, diversas vezes, dizia para Tom que ele não entendia sobre amor, sobre magias simples, sobre amizade, sobre a verdadeira nobreza. Talvez, por sempre levar a sério o que seus outros professores diziam sobre ele, Riddle também o fez a respeito do que Dumbledore analisou sobre sua pessoa e, assim, não buscou conhecimentos que o professor considerava importantes. Isso pode ter criado uma profecia auto-realizadora, que é a expectativa ou a projeção inconsciente do professor sobre o aluno que o faz responder a tal expectativa. Quando todos olham para ele e só veem maldade, não há espaço para que ele experimente outras formas de ser. O resultado, então, é que ele tende a seguir sendo mau. E, a essa altura, as pessoas concluem: “está vendo como ele era mau?”. Contudo, não se dão conta de que a própria expectativa enclausurou o sujeito numa trilha rígida, construída com a ajuda daqueles que, depois, constatarão a realização de suas próprias profecias.

## 5.7. ANO SETE

“– Estive pensando nisso o dia todo. O expresso partiu faz umas seis horas. É esquisito não estar a bordo, não é?” (ROWLING, 2007, p. 159). *Relíquias da morte* é repleto de referências sobre os anos anteriores, vividos pelo trio em Hogwarts, pois, pela primeira vez em 6 anos, não frequentariam a escola. O colégio, que, até o momento, era a morada e o refúgio de Harry, estaria bem distante, restando-lhe apenas as lembranças e a sensação de saudade. Ainda mais depois que uma das almas do colégio faleceu, no ano anterior. Dumbledore não era mais o diretor e Harry, novamente, estava sem uma figura paterna a quem recorrer ou para ser seu confidente.

Harry, Hermione e Rony foram “jogados” ao mundo, tendo apenas uns aos outros. Em alguns momentos, é nítida a diferença de comportamentos entre eles, por terem tido experiências distintas e, também, pelas coisas que Hogwarts havia ensinado para cada um deles. Hermione, que sempre se dedicou ao máximo em todas as disciplinas, aproveitando todo o conhecimento que a escola poderia oferecer, não apresentou dificuldades em lidar com certos obstáculos. Pelo contrário, era ela quem encontrava a solução para todos os problemas envolvendo magia. Para Harry, a maior dificuldade era lidar com o peso da morte do diretor, de quem pensava ser amigo, até descobrir que não sabia nada sobre o passado. Por isso, duvidava de que estava no caminho certo. Para Rony, que sempre viveu com fartura e aconchego, o que mais lhe incomodava era a fome.

Esta foi a primeira vez que constataram que uma barriga cheia gera bom humor; e, uma vazia, desentendimento e tristeza. A Harry, isso não surpreendeu muito, porque chegara várias vezes à beira da inanição na casa dos Dursley. Hermione suportou razoavelmente bem as noites em que só conseguiam arranjar frutinhas e biscoitos velhos, sua paciência talvez um pouco mais curta do que o normal e seus silêncios melancólicos. Rony, no entanto, fora acostumado a três deliciosas refeições por dia, cortesia de sua mãe ou dos elfos domésticos de Hogwarts, e a fome o tornava irracional e irascível. (ROWLING, 2007, p. 199)

Por ter muito tempo para refletir, fantasmas do passado assombravam os pensamentos de Harry diariamente. O “e se” era constante em suas alegações e o movimentava para cumprir sua missão de derrotar Voldemort. A relação entre família e escola significativa ganha destaque. A partir do momento em que Harry não tinha mais Hogwarts para chamar de casa, recorreu a uma fantasia, imaginando o que teria acontecido se seus pais não tivessem sido assassinados.

Estava em vias de ir à sua terra, em vias de retornar ao lugar onde tivera uma família. Se não fosse por Voldemort, em Godric’s Hollow ele teria crescido e passado todas as férias escolares. Poderia ter convidado amigos a sua casa... poderia até ter tido irmãos e irmãs... sua mãe é que teria feito o seu bolo de dezessete anos. A vida que ele perdera nunca lhe parecera tão real como neste momento, em que sabia estar prestes a conhecer o lugar em que tudo aquilo lhe fora roubado. Aquela noite, depois que Hermione foi se deitar, silenciosamente Harry tirou a mochila da bolsinha de contas e apanhou o álbum de fotografias que Hagrid lhe dera tantos anos atrás. Pela primeira vez em meses, examinou em detalhe as velhas fotos dos seus pais, sorrindo e acenando para ele em imagem, que era só o que lhe restava deles. (ROWLING, 2007, p. 221)

Hogwarts havia sido tão significativa para ele quanto poderia ser. Aliás, para todas as crianças sem amor, a escola fizera seu máximo para ajustá-los e dar-lhes uma vida digna – todos os confortos, banquetes, professores competentes, a preocupação com o aluno e as casas de Hogwarts. Para Harry, Voldemort, Snape, Draco e Sirius, que tinham uma falta familiar, fosse pelo afeto ou por, simplesmente, serem órfãos, Sonserina e Grifinória supriram esse sentimento de falta. Lá, eles reconheceram algo pelo que poderiam lutar e com que poderiam contar, brigavam como uma família, dormiam todos em um mesmo local, faziam as refeições juntos, tinham objetivos parecidos com os demais colegas, algo que no seio familiar não foi encontrado. O outro significativo que deveriam ter tido no início da vida foi suprido pela família “postiça” que encontraram aos 11 anos de idade.

São essas pessoas – os primeiros outros – que habitam nossas mentes e que suportam e solucionam nossas dores e dificuldades iniciais. Além disso, é na mente delas que fazemos morada. Sentimo-nos seguros porque certos de que existimos na mente de alguém. Por isso sabemos que, ao primeiro sinal, alguém reconheceria nossa voz, nosso choro, nosso cheiro e saberia de onde vem e o que quer dizer. (VILLELA; ARCHANGELO, 2015, p. 30)

Voldemort, por exemplo, nunca teve “outros” para se sentir seguro, por isso cresceu desconfiado e acanhado. Harry, no entanto, teve o “primeiro outro” em seus pais, já que, ainda que os tivesse perdido com um ano, ainda tinha algumas memórias com eles. Mesmo assim, o tempo de contato com esse outro significativo foi curto, de modo que Hogwarts, tanto para Riddle quanto para Harry, foi o espaço seguro para se chamar de casa.

Assim, ao fim de toda a luta e de toda a saudade de algo que não viveu, Harry reconhece que Hogwarts não foi apenas sua casa, mas é, e sempre será, sua casa – o lugar não só de pedras e concreto, mas constituído de todas as memórias que se guarda de um lugar especial. Para Villela e Archangelo (2017, p. 227),

a lembrança dos “bons tempos” às vezes está lado a lado com uma sensação de nostalgia diante da constatação de que aqueles tempos vividos na escola infelizmente se passaram. Mas, no geral, predominam os sentimentos reconfortantes, como o de gratidão.

A respeito de gratidão, necessita-se pontuar a “redenção” de Snape. Depois de todos os anos sendo um tormento na vida de Harry, o menino descobriu que

Snape havia sido apaixonado por sua mãe e que estava envolvido nos planos de Dumbledore para protegê-lo até que chegasse a hora de sua morte. Harry entendeu que precisava de muita coragem para ser um espião duplo, ainda mais depois de Dumbledore ter pedido especificamente para Snape matá-lo. Ainda que Harry esbanjasse gratidão pelo papel que Snape empenhou – já que, sem ele, o menino poderia ter morrido em seu primeiro ano na escola –, o que ele fez como professor não é justificável. Ter ameaçado Harry, ridicularizado Hermione ou zombado de Neville, durante todos os anos lecionando, faz com que ele não seja significativo como professor.

Após o fim de um ciclo, dezenove anos depois, Harry, Gina, Rony e Hermione se encontrariam na plataforma, no momento de encaminhar seus filhos para Hogwarts. Assim, encerra-se toda uma jornada e inicia-se um novo ciclo.

## **6. CONCLUSÃO**

Para que uma escola consiga exercer um papel significativo, ela deve se preocupar com o bem-estar de seus alunos, professores e funcionários. Deve tentar, ao máximo, criar um ambiente feliz, em que os alunos aprendam e para que gostem de ir às aulas, pois entendem a importância do conteúdo ensinado e os objetivos educacionais. A família precisa confiar na escola e, se possível, ter uma parceria com ela. O cotidiano escolar traz inúmeras surpresas e possibilidades que reforçam a ideia de que precisamos viver um dia de cada vez, sem desponderação e com muito profissionalismo. Só assim é possível analisar as situações do cotidiano calmamente, para fazer o melhor possível e, principalmente, para não quebrar o vínculo significativo entre escola e aluno.

No presente trabalho, observou-se que, mesmo em um contexto mágico, os contratempos escolares continuam ocorrendo. O inusitado presente no cotidiano não desaparece e, por isso, a análise dos livros de Harry Potter torna-se tão rica e explicativa. Com tantos contratempos – aventuras, aulas, conflitos amorosos, brigas, provas e desentendimentos –, a escola de Hogwarts, com todos seus cenários ilustrativos, oferece um rico e completo material de estudo. Detalhou-se a escola significativa em uma perspectiva de sete anos, analisando o crescimento das personagens e a forma como a instituição afetou cada uma de suas vidas.

Com toda essa grande metáfora da experiência escolar que já percorreu por todos nós, conclui-se que Hogwarts apresenta aspectos essenciais de uma escola significativa. Todo o conforto, amor, acolhimento e ensino demonstrados são exemplos de que um colégio precisa estar sempre em busca dessas características. Entretanto, nenhuma instituição de ensino é perfeita. A escola de magia e bruxaria falha em alguns momentos na trajetória de Harry, seja pela falta de suporte ao aluno em certos casos, a falha na segurança em outros ou, simplesmente, pela inadequação de alguns profissionais.

A escola significativa no universo Harry Potter é uma grande ilustração para qualquer profissional da área da educação que queira aplicar a teoria em seu cotidiano escolar. Com um toque de magia, é viável enxergar a educação de uma forma leve e divertida.

Lembra-se, ainda, que a vida do aluno é muito mais ampla do que o que ele vive na escola. O professor precisa estar ciente disso, pois “ser aluno” é uma qualidade inconstante do “ser pessoa” (assim como o consciente é uma qualidade inconstante do psiquismo). Porém, o que ele vive na escola é tão intenso que afeta sua experiência de “ser pessoa” e é determinante para sua experiência de “tornar-se pessoa”.

A escola significativa encoraja a atitude imaginativa, fornece o máximo de recursos para que ela se desenvolva e para que os passos em direção ao destino imaginado sejam dados. Muitas vezes, escolas não significativas roubam o destino dos jovens.

A saga de Harry Potter é uma hipérbole das aflições do desenvolvimento, bem como do desejo de ser onipotente e de ter poderes mágicos que nos atravessam quando estamos diante das adversidades e das frustrações. É também uma metáfora sobre a importância dos pais, sobre o desamparo sentido quando faltam ou quando não se pode mantê-los vivos na mente e, paradoxalmente, sobre a importância de deixá-los para que se tenha a chance do desenvolvimento e amadurecimento individual.

A escola é o microcosmo, em que todas essas histórias pessoais vão para o palco e interagem – estão na sala de aula: relacionamentos, intrigas, competições, processos de estigmatização, amizades, paixões, admiração, curiosidade intelectual, choques culturais, perdas, morte, memória e esquecimento, desejo de reconhecimento, de acolhimento e pertencimento. Em outras palavras, a escola é

lugar de imaginação de um destino possível e de construção de condições para persegui-lo.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGOGNO, F. Ferenczi's Clinical and Theoretical Conception of Trauma: A Brief Introductory Map. **The American Journal of Psychoanalysis**, 67, 2007, p. 141-149. DOI: <https://doi.org/10.1057/palgrave.ajp.3350022>.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. 1. ed. [S. l.]: Rocco, 1997. 264 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. 1. ed. [S. l.]: Rocco, 1998. 288 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. 1. ed. [S. l.]: Rocco, 1999. 287 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. 1. ed. [S. l.]: Rocco, 2001. 584 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. 1. ed. [S. l.]: Rocco, 2003. 640 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. 1. ed. [S. l.]: Rocco, 2005. 432 p.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. 1. ed. [S. l.]: Rocco, 2007. 512 p.

SCHIAVONI, A. **Dificuldades de aprendizagem em escrita e percepção de alunos sobre expectativas de professores**. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

VILLELA, F. B.; ARCHANGELO, A. **A escola significativa e o professor diante do aluno**. 2. ed. [S. l.]: Loyola, 2014a.

VILLELA, F. B.; ARCHANGELO, A. **Fundamentos da escola significativa**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014b. 140 p.

VILLELA, F. B.; ARCHANGELO, A. **A escola significativa e o aluno diante da atividade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015. 121 p.

VILLELA, F. B.; ARCHANGELO, A. **A escola significativa e a família do aluno**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2017. 236 p.